



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**O QUE PENSAM EDUCADORES ESCOLARES A RESPEITO DE ALUNOS
ORIUNDOS DA FUNDAÇÃO CASA**

LILIAN SOARES MAGALHÃES

**São Paulo
2015**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

LILIAN SOARES MAGALHÃES

**O QUE PENSAM EDUCADORES ESCOLARES A RESPEITO DE ALUNOS
ORIUNDOS DA FUNDAÇÃO CASA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do professor Dr. Marcos Antônio Lorieri.

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Universidade Nove de Julho

Magalhães, Lilian Soares.

O que pensam educadores escolares a respeito de alunos oriundos da fundação CASA. / Lilian Soares Magalhães. 2015.

172 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2015.

Orientador (a): Prof. Dr. Marcos Antônio Lorieri.

1. Alunos em liberdade assistida e egressos. 2. Fundação CASA. 3. Reinserção social. 4. Preconceito e exclusão.

I. Lorieri, Antônio Marcos.

II. Título

CDU 37

**O QUE PENSAM EDUCADORES ESCOLARES A RESPEITO DE ALUNOS
ORIUNDOS DA FUNDAÇÃO CASA**

Por

LILIAN SOARES MAGALHÃES

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Marcos Antônio Lorieri (Orientador, UNINOVE)

Examinador: Prof. Dr. Carlos Bauer de Souza (UNINOVE)

Examinador: Prof. Dr. Júlio Gomes Almeida (UNICID)

Aprovada em ____/____/____

A Maria de Jesus, minha mãe, que em toda minha
trajetória apoia-me incondicionalmente e aos
olhos azuis e verdes brilhantes de Sofia e
Felipe que tanto alegram minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me permitiu mais esta conquista.

Ao professor e orientador Marcos Antônio Lorieri, agradeço imensamente, pois, apesar de ter um vasto conhecimento científico, acolheu-me com muito respeito, paciência e dedicação, e que nos momentos mais difíceis desta trajetória, me fez acreditar que seria possível chegar ao final. Jamais esquecerei toda a humanidade presente em suas ações, que para mim, ensinaram muito mais que os conhecimentos acadêmicos, seus ensinamentos foram refletidos também, por suas atitudes, que demonstram o que é ser um professor no sentido mais profundo do termo, espero ao longo de minha carreira, poder aprender um pouco de sua generosidade, sabedoria e humildade, para lidar com meus alunos, com postura semelhante a que o Senhor adota para com os seus.

A minha mãe, que acreditou o tempo todo que eu alcançaria esta vitória, que em todos os percalços teve uma palavra de conforto, apoio e ânimo. Esta é mais uma de nossas conquistas.

Ao Carlos, meu marido, que não só me incentivou, mas que participou diariamente deste projeto científico, compreendendo a ansiedade e a importância deste momento para mim. Seu apoio foi imprescindível para que eu chegasse ao final.

A minha irmã, Laila, que incentivou meus estudos desde a infância, custeando-os quando possível e apoiando de todas as maneiras minhas batalhas diárias, dando suporte nos momentos difíceis e vibrando nas vitórias.

As minhas famílias, Magalhães e Rodrigues, pela compreensão de minha ausência em diversos eventos.

Aos professores Carlos Bauer de Souza e Júlio Gomes de Almeida, pela prontidão com que aceitaram participar da banca examinadora desta dissertação, pela atenção dispensada a minha pesquisa, pela leitura minuciosa dos textos e pelas contribuições extremamente relevantes na qualificação.

Aos amigos de mestrado, que se fizeram presentes em diversos momentos, com contribuições científicas, palavras de incentivo e apoio.

As profissionais, Cristiane, Aline, Alessandra e Tânia, pelo tratamento extremamente cordial, por todo apoio, paciência e inúmeras gentilezas.

Aos professores e gestores participantes desta pesquisa, os quais permitiram que este estudo pudesse ser concretizado.

A Universidade Nove de Julho e ao Programa de Pós-Graduação em Educação, pela oportunidade de ampliação de conhecimentos científicos e pela concessão da bolsa de estudos.

A todos aqueles que colaboraram e torceram para a realização deste projeto.

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida com vistas a buscar respostas para as seguintes indagações: O que pensam os gestores e professores de escolas em relação a alunos em liberdade assistida e egressos da Fundação CASA que nelas se matriculam? Por que há receio, por parte desses educadores, em relação a estes alunos? Por que têm dificuldades de lidar com eles? Por que, de certa forma, não os desejam? Trata-se de falta de preparo específico para um trabalho educativo especial? Especial em quê? Partiu-se da hipótese de que os educadores das escolas carregam uma série de preconceitos absorvidos na própria sociedade e estes preconceitos geram uma maneira de pensar que os levam a terem atitudes de rejeição à presença desses alunos vindos da Fundação CASA. O objetivo foi o de identificar, através de um estudo de caso, o que pensam gestores e professores das duas escolas, proceder uma análise do que pensam, ou dizem pensar, e verificar se esta maneira de pensar influi na maneira como se comportam em relação a estes alunos. Gestores e professores responderam a questionários e, a partir de suas respostas, procedeu-se a análises dos dados obtidos resultando nas conclusões apresentadas nos capítulos finais deste trabalho. As conclusões confirmam a hipótese da qual se partiu e espera-se que as considerações feitas a partir delas possam servir de subsídios para outros estudos a respeito deste aspecto importante da realidade da educação escolar em São Paulo.

Palavras chave: Alunos em Liberdade Assistida e Egressos; Fundação CASA; Reinserção Social; Preconceito e exclusão; Preparo/despreparo de Educadores.

ABSTRACT

This survey was developed in order to search for answers to the following questions: What do school managers and teachers think about students on parole and those who are former inmates of CASA Foundation? Why are these educators have afraid of their pupils in this condition? Why is it so difficult for these professionals to deal with this situation? Why are these school workers so bothered about this kind of learners being at school anyhow? Are they not specifically prepared for a special educative work? Special in what meaning? This work starts with the hypothesis that educators show prejudice imbibed from society itself, which causes school managers and teachers to reject the presence of students from CASA Foundation. The objective was to identify, through case analysis, what educators think about the above-mentioned students, and verify whether that thought affects how these docents act when it comes to those learners. Managers and teachers answered questionnaires, and the data analysis led to the conclusions shown in the final sections. These conclusions confirm the hypothesis from which this work started, and lead to considerations that are expected to serve as a source to other studies about this important aspect of São Paulo educational system.

Key Words: Students on Parole and Former Inmates; CASA Foundation; Social Reintegration; Prejudice and Exclusion; Educators' Qualification/Lack of Qualification.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Gráfico com os participantes da pesquisa da Escola A.	38
Figura 2 - Gráfico com os participantes da pesquisa na Escola B.	38
Figura 3 - Gráfico referente a questão 4 aplicada aos Gestores da Escola A.	40
Figura 4 - Gráfico referente a questão 5 aplicada aos Gestores da Escola A.	42
Figura 5 - Gráfico referente a questão 6 aplicada aos Gestores da Escola A.	44
Figura 6 - Gráfico referente a questão 7 aplicada aos Gestores da Escola A.	45
Figura 7 - Gráfico referente a questão 8 aplicada aos Gestores da Escola A.	46
Figura 8 - Gráfico referente a questão 9 aplicada aos Gestores da Escola A.	47
Figura 9 - Gráfico referente a questão 10 aplicada aos Gestores da Escola A.	48
Figura 10 - Gráfico referente a questão 11 aplicada aos Gestores da Escola A.	50
Figura 11 - Gráfico referente a questão 4 aplicada aos Professores da Escola A. ...	53
Figura 12 - Gráfico referente a questão 5 aplicada aos Professores da Escola A. ...	55
Figura 13 - Gráfico referente a questão 6 aplicada aos Professores da Escola A. ...	59
Figura 14 - Gráfico referente a questão 7 aplicada aos Professores da Escola A. ...	61
Figura 15 - Gráfico referente a questão 8 aplicada aos Professores da Escola A. ...	62
Figura 16 - Gráfico referente a questão 9 aplicada aos Professores da Escola A. ...	63
Figura 17 - Gráfico referente a questão 10 aplicada aos Professores da Escola A. .	67
Figura 18 - Gráfico referente a questão 11 aplicada aos Professores da Escola A. .	69
Figura 19 - Gráfico referente a questão 4 aplicada aos Gestores da Escola B.	73
Figura 20 - Gráfico referente a questão 5 aplicada aos Gestores da Escola B.	75
Figura 21 - Gráfico referente a questão 6 aplicada aos Gestores da Escola B.	77
Figura 22 - Gráfico referente a questão 7 aplicada aos Gestores da Escola B.	78
Figura 23 - Gráfico referente a questão 8 aplicada aos Gestores da Escola B.	79
Figura 24 - Gráfico referente a questão 9 aplicada aos Gestores da Escola B.	80
Figura 25 - Gráfico referente a questão 10 aplicada aos Gestores da Escola B.	81
Figura 26 - Gráfico referente a questão 11 aplicada aos Gestores da Escola B.	83
Figura 27 - Gráfico referente a questão 4 aplicada aos Professores da Escola B. ...	86
Figura 28 - Gráfico referente a questão 5 aplicada aos Professores da Escola B. ...	88
Figura 29 - Gráfico referente a questão 6 aplicada aos Professores da Escola B. ...	90
Figura 30 - Gráfico referente a questão 7 aplicada aos Professores da Escola B. ...	92
Figura 31 - Gráfico referente a questão 8 aplicada aos Professores da Escola B. ...	93

Figura 32 - Gráfico referente a questão 9 aplicada aos Professores da Escola B. ...	94
Figura 33 - Gráfico referente a questão 10 aplicada aos Professores da Escola B. .	97
Figura 34 - Gráfico referente a questão 11 aplicada aos Professores da Escola B. .	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados descritivos da Escola A.	31
Tabela 2 - Dados descritivos da Escola B.	32
Tabela 3 - Total de entrevistados da escola A.	37
Tabela 4 - Total de entrevistados da escola B.	37
Tabela 5 - Dados obtidos na questão 1 aplicada aos Gestores da Escola A.	39
Tabela 6 - Dados obtidos na questão 2 aplicada aos Gestores da Escola A.	39
Tabela 7 - Dados obtidos na questão 3 aplicada aos Gestores da Escola A.	39
Tabela 8 - Dados obtidos na questão 4 aplicada aos Gestores da Escola A.	39
Tabela 9 - Dados obtidos na questão 5 aplicada aos Gestores da Escola A.	42
Tabela 10 - Dados obtidos na questão 6 aplicada aos Gestores da Escola A.	44
Tabela 11 - Dados obtidos na questão 7 aplicada aos Gestores da Escola A.	45
Tabela 12 - Dados obtidos na questão 8 aplicada aos Gestores da Escola A.	46
Tabela 13 - Dados obtidos na questão 9 aplicada aos Gestores da Escola A.	46
Tabela 14 - Dados obtidos na questão 10 aplicada aos Gestores da Escola A.	48
Tabela 15 - Dados obtidos na questão 11 aplicada aos Gestores da Escola A.	50
Tabela 16 - Dados obtidos na questão 1 aplicada aos Professores da Escola A.	52
Tabela 17 - Dados obtidos na questão 2 aplicada aos Professores da Escola A.	52
Tabela 18 - Dados obtidos na questão 3 aplicada aos Professores da Escola A.	52
Tabela 19 - Dados obtidos na questão 4 aplicada aos Professores da Escola A.	53
Tabela 20 - Dados obtidos na questão 5 aplicada aos Professores da Escola A.	55
Tabela 21 - Dados obtidos na questão 6 aplicada aos Professores da Escola A.	58
Tabela 22 - Dados obtidos na questão 7 aplicada aos Professores da Escola A.	60
Tabela 23 - Dados obtidos na questão 8 aplicada aos Professores da Escola A.	61
Tabela 24 - Dados obtidos na questão 9 aplicada aos Professores da Escola A.	63
Tabela 25 - Dados obtidos na questão 10 aplicada aos professores da Escola A.	66
Tabela 26 - Dados obtidos na questão 11 aplicada aos Professores da Escola A.	68
Tabela 27 - Dados obtidos na questão 1 aplicada aos Gestores da Escola B.	71
Tabela 28 - Dados obtidos na questão 2 aplicada aos Gestores da Escola B.	71
Tabela 29 - Dados obtidos na questão 3 aplicada aos Gestores da Escola B.	72
Tabela 30 - Dados obtidos na questão 4 aplicada aos Gestores da Escola B.	72
Tabela 31 - Dados obtidos na questão 5 aplicada aos Gestores da Escola B.	75

Tabela 32 - Dados obtidos na questão 6 aplicada aos Gestores da Escola B.	77
Tabela 33 - Dados obtidos na questão 7 aplicada aos Gestores da Escola B.	77
Tabela 34 - Dados obtidos na questão 8 aplicada aos Gestores da Escola B.	78
Tabela 35 - Dados obtidos na questão 9 aplicada aos Gestores da Escola B.	79
Tabela 36 - Dados obtidos na questão 10 aplicada aos Gestores da Escola B.	81
Tabela 37 - Dados obtidos na questão 11 aplicada aos Gestores da Escola B.	83
Tabela 38 - Dados obtidos na questão 1 aplicada aos Professores da Escola B.	84
Tabela 39 - Dados obtidos na questão 2 aplicada aos Professores da Escola B.	85
Tabela 40 - Dados obtidos na questão 3 aplicada aos Professores da Escola B.	85
Tabela 41 - Dados obtidos na questão 4 aplicada aos Professores da Escola B.	86
Tabela 42 - Dados obtidos na questão 5 aplicada aos Professores da Escola B.	87
Tabela 43 - Dados obtidos na questão 6 aplicada aos Professores da Escola B.	90
Tabela 44 - Dados obtidos na questão 7 aplicada aos Professores da Escola B.	91
Tabela 45 - Dados obtidos na questão 8 aplicada aos Professores da Escola B.	92
Tabela 46 - Dados obtidos na questão 9 aplicada aos Professores da Escola B.	94
Tabela 47 - Dados obtidos na questão 10 aplicada aos Professores da Escola B.	97
Tabela 48 - Dados obtidos na questão 11 aplicada aos Professores da Escola B.	99

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

ATPC – Atividade de Trabalho Pedagógico Coletivo.

CASA – Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente.

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.

CONDECA – Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor.

FUNABEM – Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor.

L.A – Liberdade Assistida.

ONU – Organização das Nações Unidas.

PROEMI – Programa Ensino Médio Inovador.

SAM – Serviço de Assistência ao Menor.

SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. CAPÍTULO PRIMEIRO - EDUCAÇÃO ESCOLAR COMO DIREITO DOS EGRESSOS DA FUNDAÇÃO CASA	17
2.1. Educação e educação escolar	17
2.2. Educação como um direito fundamental de todas as pessoas.....	20
2.3. Educação escolar e cidadania.....	23
2.4. Situando a Fundação CASA.....	28
2.5. Os egressos da Fundação CASA.....	30
2.6. Conclusão do capítulo	32
3. CAPÍTULO SEGUNDO - O QUE PENSAM OS GESTORES E PROFESSORES DE DUAS ESCOLAS A RESPEITO DA PRESENÇA DE ALUNOS ORIUNDOS DA FUNDAÇÃO CASA.....	34
3.1. Alguns dados das escolas pesquisadas.....	35
3.2. Apresentação dos resultados da pesquisa de campo	37
3.2.1. Total de entrevistados das duas escolas.....	37
3.2.2. Dados e primeiros comentários da ESCOLA A.	38
3.2.2.1. Resultados obtidos junto aos GESTORES da ESCOLA A.	39
3.2.2.2. Resultados obtidos junto aos PROFESSORES da ESCOLA A.....	51
3.2.3. Dados e primeiros comentários da ESCOLA B.	71
3.2.3.1. Resultados obtidos junto aos GESTORES da ESCOLA B.	71
3.2.3.2. Resultados obtidos junto aos PROFESSORES da ESCOLA B.....	84
4. CAPÍTULO TERCEIRO - REFELEXÕES A PARTIR DOS DADOS COLHIDOS JUNTO AOS EDUCADORES NAS ESCOLAS.	102
4.1. Visões dos Gestores da ESCOLA A	105
4.2. Visões dos Professores da ESCOLA A.....	110
4.3. Visões dos Gestores da ESCOLA B	119
4.4. Visões dos Professores da ESCOLA B.....	123
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS.....	138
ANEXOS.....	142

1. INTRODUÇÃO

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”.
(Nelson Mandela).¹

Trabalhando em escolas públicas da periferia da Cidade São Paulo há vários anos tenho-me deparado com a presença de alunos vindos da Fundação CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente), sejam egressos, sejam alunos em liberdade assistida. Os primeiros já cumpriram as medidas socioeducativas e estão em liberdade plena. Os segundos ainda estão ligados às exigências da Fundação. Venho observando diversas situações que me incomodam. Uma delas, é a maneira de estes alunos se comportarem tanto em relação aos demais colegas, quanto em relação aos professores e gestores da escola. Chamam minha atenção, também, comentários que os educadores da escola fazem em relação a eles, nem sempre demonstrando interesse ou preocupação quanto à sua boa inserção na sociedade, ainda que este seja o desejo oficialmente proclamado. A legislação em vigor proclama ser importante esta reinserção e a indica como um dever da sociedade com vistas à inclusão destes adolescentes numa situação digna de cidadania. Os egressos foram infratores, foram penalizados, legalmente responderam pelo que fizeram e, se voltam à escola é para que recebam os recursos educacionais que os possam auxiliar na complementação de sua formação cidadã. Os alunos em liberdade assistida têm situação semelhante, e vão à escola como uma das exigências das medidas socioeducativas a que estão submetidos. A indicação de que recebam recursos educacionais que os possam auxiliar na complementação de sua formação cidadã consta no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), bem como nas orientações emanadas por órgãos como o SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo).

Como educadora que trabalha em escolas, me senti provocada pelo que observava e busquei leituras a respeito do que diz à legislação quanto a estes

¹ Long Walk to freedom p.427. Disponível em:
<https://archive.org/details/LongWalkToFreedomNelsonMandela.pdf>. Acesso em: Jan. 2015.

adolescentes. A partir daí comecei a me colocar algumas perguntas e acabei por me interessar por esta situação social que considero importante. Busquei na literatura algumas respostas, mas pouco encontrei de estudos relativos ao tema que pretendia investigar, ou seja, a relação da escola com os egressos da Fundação CASA e com os alunos em liberdade assistida, oriundos da mesma Fundação. Daí o problema que me coloquei como foco de pesquisa foi: O que pensam os gestores e professores de escolas em relação a alunos em liberdade assistida e egressos da Fundação CASA que nelas se matriculam? Este problema pôde ser desdobrado em outras questões como, por que há receio, por parte desses educadores, em relação a estes alunos? Por que têm dificuldades de lidar com eles? Por que, de certa forma, não os desejam? Trata-se de falta de preparo específico para um trabalho educativo especial? Especial em quê?

Diante desta problemática elenquei como hipótese, que os educadores das escolas carregam uma série de preconceitos absorvidos na própria sociedade e estes preconceitos geram uma maneira de pensar que os levam a terem atitudes de rejeição à presença de alunos vindos da Fundação CASA, sejam egressos, sejam os que se encontram na situação de liberdade assistida.

Este trabalho teve como objetivo identificar, através de um estudo de caso, o que pensam gestores e professores de duas escolas a respeito da presença desses alunos na escola em que atuam. E proceder a uma análise do que estes profissionais da educação pensam, ou dizem pensar, e verificar se esta maneira de pensar influi na maneira como se comportam em relação a estes alunos.

O procedimento inicial para a realização desta pesquisa, foi o estudo de ideias de alguns autores, no sentido de produzir um referencial capaz de orientar a busca dos dados relativos ao problema posto e possibilitar uma direção para a análise dos mesmos. Além disso, houve consulta a vários dispositivos legais que, juntamente com as leituras feitas, possibilitou a organização das ideias contidas no primeiro capítulo deste trabalho.

Em seguida procedeu-se à construção dos instrumentos de coleta dos dados, tendo-se optado por utilizar questionários para o maior número possível de gestores e de professores das duas escolas que se dispuseram a participar da pesquisa (houve consulta a diversas escolas a respeito). Além disso, apenas estas duas tinham um número considerável de alunos vindos da Fundação CASA.

Foram coletados os dados e procedeu-se à análise dos mesmos.

Informações sobre as escolas, sobre os seus gestores e professores, bem como os dados colhidos e uma primeira análise deles, constam no capítulo segundo deste trabalho.

No terceiro capítulo, foram apresentadas análises mais amplas e possíveis indicações para o trabalho com estes alunos nas escolas.

Os documentos utilizados na pesquisa constam em anexos, bem como a tabulação das respostas dos educadores.

2. CAPÍTULO PRIMEIRO - EDUCAÇÃO ESCOLAR COMO DIREITO DOS EGRESSOS DA FUNDAÇÃO CASA

2.1. Educação e educação escolar

Educação, num sentido amplo, é o conjunto de modificações que ocorre nas pessoas a partir das relações que estabelecem com outras pessoas. Essas relações são sempre mútuas, recíprocas. Todas as pessoas, nesse sentido, educam todas as pessoas. Os seres humanos se relacionam também com outros seres da realidade, que não seres humanos: essas relações também os modificam e, em certo sentido, fazem parte de sua educação.

Num sentido mais estrito pode-se dizer que educação é o conjunto de modificações intencionalmente provocadas e buscadas nas relações das pessoas entre si, ao menos por uma das partes dessas relações. A educação escolar é exemplo de educação nesse sentido, pois é uma forma de educação que visa a provocar nos educandos resultados intencionalmente desejados. Estas modificações buscadas têm variado conforme as épocas, as várias culturas, e outros fatores. De modo geral, a educação escolar em nossas sociedades tem visado a oferecer apoios para algumas aprendizagens como a aprendizagem de conhecimentos, aprendizagem de certos valores, aprendizagem de maneiras de conviver com outras pessoas, aprendizagem ou desenvolvimento de autonomia intelectual e moral, bem como aprendizagem relativa ao saber lidar adequadamente com as emoções. E outras aprendizagens. Lorieri (2002, p. 29) assim se expressa em relação a este entendimento de educação de educação escolar:

Se admitirmos o que acima foi dito, podemos tentar uma definição de educação escolar nos seguintes termos: educação escolar é um processo educacional intencional que visa, por parte dos educadores escolares através das relações que estabelecem com os educandos, ao menos as seguintes modificações neles: do não saber certos conteúdos para o saber dos mesmos; do agir de certa maneira (ou mesmo de um não agir) para outra forma de agir; de uma forma de proceder para aprender para outra forma de proceder no processo de produção de conhecimentos; de uma forma de acatar regras de conduta, para uma forma “decisória autônoma” relativa a estas

mesmas regras de conduta; de uma forma de lidar com as emoções, para outra forma que proporcione, inclusive, autoestima alta justa.

Saviani (2008, p. 22) aponta um entendimento de educação nos seguintes termos:

Em conclusão: a compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não-material, cujo produto não se separa do ato de produção, permite-nos situar a especificidade da educação como referida aos conhecimentos, ideias, conceitos, valores, hábitos, símbolos, sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular, na forma de uma segunda natureza, que se produz, deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas que se travam entre os homens.

Este entendimento de educação aponta para algo fundamental: o fato de as relações pedagógicas buscarem oferecer às crianças e jovens os bens culturais produzidos pela humanidade com a intenção de auxiliá-las na sua formação como humanos. Quase a lhes oferecer uma segunda natureza, ou seja, a natureza humanizada pela cultura. Os jovens aos quais esta oferta se refere incluem também os jovens em liberdade assistida e egressos da Fundação CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente). Eles não só têm direito à educação, mas dela necessitam como qualquer jovem. No âmbito da escola tudo deve ser feito para que todos os jovens que ali estão tenham garantido o atendimento a esta necessidade. A necessidade de acesso aos bens mencionados na citação: conhecimentos, ideias, conceitos, valores, hábitos, símbolos e outros com a intenção de oferecer-lhes possibilidades cada vez mais ricas de humanização. Pois, como diz Savater em *O valor de educar* (1998, p. 29), “Nascemos humanos, mas isso não basta: temos que chegar a sê-lo”. Isso vale para todas as crianças e jovens e, também, para os adultos. E este autor amplia este entendimento de educação, quase a concordar com Saviani:

Nossa humanidade biológica necessita de uma confirmação posterior, algo como um segundo nascimento no qual, por meio do nosso próprio esforço e da relação com outros humanos, se confirme definitivamente o primeiro. É preciso nascer para o humano, mas só chegamos a sê-lo plenamente quando os outros nos contagiam com sua humanidade deliberadamente... e com nossa cumplicidade. A condição humana é

em parte espontaneidade natural, mas também deliberação artificial: chegar a ser totalmente humano – seja humano bom ou mau – é sempre uma arte. (SAVATER, 1998, p. 30-31).

Algumas ideias, a partir do que foi dito acima, podem provocar uma reflexão importante se pensadas em relação aos jovens em liberdade assistida e egressos da Fundação CASA. Por exemplo, a ideia da soma do esforço de cada um com os aportes vindos das relações com os outros. E mais: a ideia de que esta soma possa formar humanos bons e maus. Juntamente com estas, a ideia de contágio. Nas relações entre humanos há todo tipo de contágios: uns para o bem e outros para o mal. Mas, há sempre a possibilidade da cumplicidade com os “bons” contágios e da não cumplicidade com os “maus” contágios. Como pensar isso nas relações dos educadores das escolas com estes jovens oriundos da Fundação CASA? Estas questões serão retomadas e pensadas especialmente no Capítulo 3. Elas dizem respeito à educação em geral e, portanto, também à educação escolar. Assim como a questão relativa ao papel da escola para o funcionamento de qualquer sociedade. Trata-se do aspecto político que envolve o trabalho da escola. Um trabalho que não é neutro:

Por ser um processo educacional intencional, é um processo que envolve escolhas por parte dos educadores: daí o fato de a educação escolar não ser nunca neutra e ser, portanto, política. Ela é uma forma de intervenção intencional na maneira de funcionar a sociedade. O educador escolar deve ter claras, para si, as suas intencionalidades, portanto, o seu projeto político. (LORIERI, 2002, p. 29).

Mais uma vez vale dizer que isso se aplica ao trato com todos os jovens que demandam a escola e, por isso mesmo, aos jovens dos quais se tem falado até aqui. Se a busca da educação é a de oferecer elementos de humanização ao humano já começado biologicamente, somados a outros elementos culturais, este seu papel precisa ser constantemente pensado seriamente tendo em vista especialmente aquilo que responda a valores do educar que promovam uma maneira de conviver positiva. E aí reside um grande desafio: qual maneira de conviver é positiva? Como trabalhar na educação dos adolescentes dos quais esta pesquisa trata de maneira a oferecer-lhes elementos na direção do que julgamos positivo para a boa convivência social? E como decidir a este respeito?

2.2. Educação como um direito fundamental de todas as pessoas

Em texto publicado nos Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, n. 116, p. 245-262, julho/ 2002, Carlos Roberto Jamil Cury assim diz a respeito do direito à educação:

Hoje, praticamente, não há país no mundo que não garanta, em seus textos legais, o acesso de seus cidadãos à educação básica. Afinal, a educação escolar é uma dimensão fundante da cidadania, e tal princípio é indispensável para políticas que visam à participação de todos nos espaços sociais e políticos e, mesmo, para reinserção no mundo profissional. Não são poucos os documentos de caráter internacional, assinados por países da Organização das Nações Unidas, que reconhecem e garantem esse acesso a seus cidadãos. Tal é o caso do art. XXVI da Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948. Do mesmo assunto ocupam-se a Convenção Relativa à Luta contra a Discriminação no Campo do Ensino, de 1960, e o art. 13 do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, de 1966. Mais recentemente temos o documento de Jomtien, que abrange os países mais populosos do mundo. São inegáveis os esforços levados adiante pela Unesco no sentido da universalização do ensino fundamental para todos e para todos os países. Mas como se trata de um direito reconhecido, é preciso que ele seja garantido e, para isso, a primeira garantia é que ele esteja inscrito em lei de caráter nacional. O contorno legal indica os direitos, os deveres, as proibições, as possibilidades e os limites de atuação, enfim: regras. Tudo isso possui enorme impacto no cotidiano das pessoas, mesmo que nem sempre elas estejam conscientes de todas as suas implicações e consequências.

Cury era, na época, membro do Conselho Nacional de Educação e, nestas suas palavras, resume aquilo que é sabido relativamente ao direito de todas as pessoas à educação e, no âmbito da educação em geral, à educação escolar. Ela é apontada aí como “uma dimensão fundante da cidadania”.

Há hoje um consenso a respeito da necessidade de educação em geral e da necessidade da educação escolar para todas as pessoas. Isso está dito, por exemplo, na Declaração Universal dos Direitos do Homem, documento aprovado pela ONU em 1948. No artigo.26 desta declaração é afirmado o seguinte em relação ao direito à educação:

1. Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

Também a UNESCO no 11º Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos, divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, reforça este direito como, com a seguinte afirmação: “A educação é um direito humano fundamental e é essencial para o exercício de todos os direitos”.

No Brasil, esse direito é reconhecido pela Constituição Federal de 1988 como um direito social, em seu artigo 6º nos seguintes termos: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Esta mesma constituição no artigo 205 reforça o que é dito no artigo 6º no tocante à educação especificamente: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” E, no artigo 227, reafirma este direito à educação e aos demais direitos mencionados no artigo 6º e indica os responsáveis, na sociedade, por assegurá-los:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Além da Constituição Federal, de 1988, existem ainda duas leis que regulamentam no tocante ao direito à Educação: o Estatuto da Criança e do

Adolescente (ECA), de 1990; e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no artigo 53 em seu parágrafo único assim diz:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;

V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu artigo 2º, assim diz:

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A Declaração Mundial sobre Educação para Todos 1990 em seu artigo 1º, versa sobre satisfazer as necessidades de aprendizagem:

Cada pessoa – criança, jovem ou adulto – deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. Essas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo. [...]

Estes dispositivos legais garantem o acesso à escola pública fundamental a todos os brasileiros, já que nenhuma criança, jovem ou adulto pode deixar de estudar

por falta de vaga. Quando se diz “todas as pessoas”, devem-se entender todas as pessoas verdadeiramente. Aí incluídas as pessoas que, por qualquer razão tiveram condutas antissociais, ou assim consideradas, como é o caso dos menores infratores que passaram pelos processos socioeducativos da Fundação CASA e estão em liberdade assistida ou são seus egressos. Eles têm direito igual à escolarização e, se demandam o atendimento a este direito, devem ser acolhidos adequadamente nas escolas.

2.3. Educação escolar e cidadania

Ser cidadão é fazer parte de alguma sociedade. E isso ocorre com todas as pessoas, pois, não há seres humanos que não pertençam a alguma sociedade. A palavra cidade, de onde deriva cidadania, pode indicar uma parte de uma organização político-administrativa ou pode ser utilizada para indicar o lugar ou o espaço onde as pessoas convivem. Obviamente, na maneira como vivemos hoje em grande parte do Planeta Terra, conviver em uma cidade indica, também, conviver em espaços maiores como, no caso do Brasil, significa viver em algum Estado ou mesmo pode significar viver no País. Daí dizer-se ser cidadão paulista, ser cidadão brasileiro ou ser cidadão do mundo. Mas, mais diretamente, a convivência se dá nas cidades as quais não estão isoladas de relações com as outras instâncias da organização social. Daí se poder dizer que “ser cidadão” é o mesmo que ser membro de uma sociedade.

Este ser membro de uma sociedade pode ocorrer de maneira mais restrita quando pessoas apenas “estão” ou se localizam em um espaço social, ou de maneira mais ampliada, quando, além de fazerem parte de uma sociedade, dela participam usufruindo de bens nela presentes e colaborando ativamente na produção destes bens.

A ideia de bem não é simples: há os mais diversos bens. Há bens materiais, como alimentos, moradias, vestuários, utensílios, lugares e outros e há bens não materiais como serviços os mais diversos, lazer, produções culturais como artes em geral, conhecimentos, valores, direitos e outros. Estes bens são resultantes da produção da atividade humana como o indica Severino (1994) no que ele denomina

de tríplice dimensão das ações humanas: as relações que produzem os bens materiais, as que produzem os bens sociais e as que produzem os bens simbólicos. Assim diz ele:

A existência humana se tece pela ação e pelo conjunto das atividades práticas que os homens desenvolvem na concretude espaço-temporal. A substância do existir é a prática. O existir é antes de tudo desdobrar-se pelo agir numa interação permanente e intensa com os dados da natureza material, com os outros sujeitos na sociedade e com as construções simbólicas, subjetivamente produzidas por sua consciência e guardadas pela memória e objetivamente conservadas pela cultura. (SEVERINO, 2001, p. 44).

Este autor especifica estas três dimensões do existir humano em alguns de seus textos. Em resumo na citação acima ele aponta que o “agir numa interação permanente e intensa com os dados da natureza material” é o que garante às pessoas uma maneira de se realizar e também é a base de sua sobrevivência. Trata-se de sua prática produtiva. Aponta ainda que as relações “com os outros sujeitos na sociedade” é o que produz as condições de convivência ou de sociabilidade que ele denomina de prática social. E, as relações “com as construções simbólicas” são as que fazem não só com que os seres humanos se insiram no universo destas construções que envolvem conhecimentos, artes, valores e outros bens, mas também os fazem coprodutores destes bens. Ele denomina a este agir de prática simbolizadora.

São três esferas práticas, portanto, que, produzidas pelos seres humanos, os produzem como humanos: “trata-se da esfera da prática produtiva, âmbito do trabalho e do universo das relações técnicas, da esfera da prática social, âmbito da política e universo das relações de poder e da esfera da prática simbolizadora, âmbito da cultura simbólica, universo das relações intencionais”. (SEVERINO, 1994, p. 52).

Com relação à prática produtiva, Severino, além de apontar ser ela básica no que diz respeito à garantia da sobrevivência, aponta também ser ela uma prática, pelas suas características específicas, que se realizada condignamente, isto é, sem as marcas da exploração e da dominação, é uma mediação fundamental da construção do humano nos humanos. “Pelo trabalho o homem se dá conta de sua condição de criador de seu mundo que, embora incrustado na natureza, é especificamente humano.” (SEVERINO, 2001, p. 50). Esta consideração indica uma preocupação importante para a educação que é a de oferecer subsídios para que as

novas gerações possam se preparar para o mundo do trabalho nesta perspectiva de humanização. Isso vale para os jovens oriundos da Fundação CASA e merece estudos a respeito. Não é, porém o objeto desta pesquisa.

Com relação à prática social diz ele ser ela fundamental na constituição dos seres humanos e, fora dela, o ser humano “se renaturalizaria imediatamente” (idem, p. 51), isto é, viveria como mais um dos seres da natureza ou talvez de maneira pior. O ser humano se humaniza nas relações com os outros seres humanos. Mas, estas relações, é sempre importante lembrar, devem ser relações de não dominação e nem de injustiças. As novas gerações precisam encontrar ambientes sociais justos, sem os vícios da dominação para que se sintam realizadas humanamente e tenham modelos positivos de sociabilidade. Severino aponta para este risco ao reafirmar a necessidade das relações sociais na formação das novas gerações e ao apontar para as possibilidades de uma não socialização considerada boa. Diz ele:

A sociabilidade é “lugar” necessário e insubstituível da existência humana. Pode, entretanto, ser, ao mesmo tempo, fator de humanização como de desumanização, que despersonaliza o homem. É que toda mediação da existência real dos homens é ambígua, ambivalente: ao mesmo tempo em que se torna possível essa existência, servindo-lhe de alicerce objetivo, carrega consigo fatores contraditórios, que produzem efeitos que podem obstaculizar e até mesmo impedir que essa existência se desenvolva com suas especificidades humanas. E isso é fundamentalmente decorrência do fato de a dominação ser entendida como a exacerbação das relações de poder que perpassam todo o tecido social. (SEVERINO, 1994, p. 72).

A luta contra estes fatores negativos presentes nos relacionamentos humanos, tanto os relativos à dominação como os relativos a todo tipo de injustiças e a maneiras que, de algum modo, ferem a dignidade das pessoas, é uma luta de todos. Mas deve ser enfrentada de modo especial pelos educadores.

Aqui entra uma importante contribuição da educação escolar para a reinserção social dos alunos em liberdade assistida e dos egressos da Fundação CASA: eles precisam ser acolhidos não com suspeições e preconceitos e sim com disponibilidade para que sejam compreendidos na sua busca pela sociabilidade arranhada pelos seus próprios atos infracionais, mas em princípio por eles desejada. Esta não é uma tarefa fácil, mas maneiras injustas, autoritárias ou dominadoras em nada os ajudarão nesta busca. Muitas vezes, boa parte das dificuldades do trabalho

da escola com estes jovens reside na maneira de pensar dos educadores da própria escola em relação a eles. É o que se tentou verificar na investigação realizada junto aos grupos destes educadores.

Severino aponta, ainda, para outro aspecto importante da constituição dos seres humanos que diz respeito mais diretamente ao papel da escola: trata-se do que ele denomina de prática simbolizadora.

Com efeito, ao mesmo tempo em que desenvolvem relações com a natureza, por meio do trabalho produtivo, e com os seus semelhantes, por meio da prática social, os homens desenvolvem ainda relações no âmbito de sua própria subjetividade, por intermédio da prática simbolizadora, pela qual criam signos e lidam com eles.

Mediante os signos elaborados no plano da subjetividade (conceitos, valores, imagens, juízos, raciocínios e seus correspondentes objetivados como expressões culturais: palavras, frases, obras de arte, comportamentos, rituais, etc.), os diversos aspectos envolvidos em suas relações com a natureza e com a sociedade ganham uma dimensão simbólica. (SEVERINO, 1994, p. 50-51).

Os seres humanos criam signos e lidam com eles produzindo significações para suas práticas produtivas, suas práticas sociais e para a própria prática simbólica. O ser humano necessita do simbólico para produzir ligações entre tudo o que faz. Este é o sentido do símbolo: produzir ligações que favorecem a produção das significações. Há sempre significações que dão endereço ou direções ao agir humano. Elas são fundamentais para o sentimento de pertencimento das pessoas ao seu grupo social, à sua comunidade. “Ao inserir-se nessa comunidade de significações, o sujeito implementa relações intersubjetivas e passa a compartilhar significações objetivadas, premissas de universalidade” diz Severino (2001, p. 61). Isto é: dentre os caminhos de inserção em uma sociedade está o aprendizado da produção simbólica desta sociedade: o aprendizado de crenças, valores, conceitos, conhecimentos, etc. Ora, a escola é uma instituição social que tem como sua função precípua oferecer às novas gerações caminhos para a apropriação desses bens simbólicos.

A educação se realiza mediante ferramentas simbólicas, entre outras, o que possibilita ao educando fruir bens culturais. Graças à subjetividade, os homens se tornam produtores e fruidores de cultura, da qual a atividade educacional é produtora, sistematizadora e transmissora. (SEVERINO, 2001, p. 80).

A ideia de fruir bens culturais pode se aproximar da ideia de fruir outros bens produzidos pela humanidade. As pessoas fruem ou usufruem de bens materiais como alimentos, vestuários, moradias. Elas usufruem também de bens simbólicos como os já mencionados. Todos os bens produzidos pela atividade humana são genericamente denominados de cultura. Os bens simbólicos ganham também esta denominação ou mais precisamente a denominação de bens culturais simbólicos. Severino partilha da ideia de que toda produção humana é cultura quando diz: “O conjunto de produtos, de representações simbólicas e de procedimentos apresentados pelos homens que não são decorrentes da atuação direta das forças mecânicas da natureza constitui o que se chama de cultura.” (1994, p. 81). Mas, ele se refere, por vezes, aos bens simbólicos de maneira genérica simplesmente como bens culturais. E aponta como uma especificidade da educação em geral e da educação escolar em particular trabalhar na direção da apropriação, por parte das novas gerações, desses bens culturais simbólicos. Pois, ainda de acordo com suas palavras,

A apropriação desses bens culturais é imprescindível para que os indivíduos se tornem humanos. Isto porque a prática simbolizadora – o processo de produzir e de fruir bens simbólicos – é mediação fundamental de nossa existência humana.

A educação é, pois, o conjunto de processos destinados a levar os indivíduos a desenvolver essa dimensão de sua atividade, tornando-os aptos a produzir cultura; ao mesmo tempo, a se apropriar dos bens culturais já produzidos. (1994, p. 83).

Apropriar-se de bens culturais simbólicos e ser produtor desses bens no seio da sociedade. Estas são duas características de pessoas inseridas ou bem inseridas socialmente. São duas características de uma boa cidadania. Há outras como já mencionadas anteriormente. Mas, cabe aqui indicar estas duas como de responsabilidade fundamental da educação escolar. E isso diz respeito, mais uma vez, ao serviço educacional escolar a ser oferecido aos jovens oriundos da Fundação CASA.

Isso ocorre? Eles o querem? Os educadores o oferecem adequadamente? Há convicção, nos educadores, de que este serviço educacional é possível de ser oferecido a estes jovens?

Estas são indagações importantes e que merecem respostas. Estas respostas podem ser úteis para os encaminhamentos na gestão deste serviço ou atividade fundamental dirigido também a estes jovens.

Como pensam os educadores de duas escolas a este respeito? É o que se buscou investigar e os resultados desta busca constam do próximo capítulo.

2.4. Situando a Fundação CASA

As preocupações sociais com menores marginalizados por condutas consideradas não adequadas são antigas². No Brasil, por exemplo, na passagem do século XIX para o XX, já existiam instituições que atuavam na tutela e reeducação de menores em regime de internação.

Na cidade de São Paulo, o Instituto Disciplinar do Tatuapé, criado em 1902 e subordinado à Secretaria da Justiça, recebia crianças e adolescentes que haviam cometido pequenos delitos ou perambulavam pelas ruas. Em 1927, em nível nacional é publicado o Código de Menores que define assistência legal aos menores e aponta, por exemplo, medidas de assistência e proteção ao menor de 18 anos abandonado e delinquente. É este jovem com idade entre 12 e 21 anos incompletos que a atual Fundação CASA recebe e, muitos deles, ao saírem serão conhecidos, nas escolas, como egressos da Fundação ou como alunos em liberdade assistida. Isso será visto mais adiante.

Na continuidade histórica, tem-se em 1941 a criação do Serviço de Assistência a Menores – SAM que tinha como finalidade recolher e reeducar os menores considerados uma ameaça social. Foram criados educandários com o objetivo de atender tanto crianças como jovens desamparados ou delinquentes. O SAM foi substituído pela Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM, criada pela Lei nº 4.513, de 1º de dezembro de 1964. Tinha como objetivo instituir uma

² Informações obtidas nos sites:

<http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/a-fundacao/historia>

https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

<http://www.fia.rj.gov.br/linhadotempo.htm>

<http://www.condeca.sp.gov.br/>

<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/cidh-dudh.html>

política que garantisse que a internação de menores só ocorreria em casos de desamparo ou prática de delitos em flagrante. Mais para frente, já em 1973, foi criada a Fundação Paulista de Promoção do Menor – PRO-MENOR, em São Paulo. Esta fundação era vinculada à Secretaria da Promoção Social e não mais à Secretaria da Justiça indicando novos rumos a este trabalho social. Em 1976 esta Fundação passou a denominar-se Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor – FEBEM.

Na década de 1980, ocorreram mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, que repercutiram nas políticas relativas aos direitos da criança e do adolescente. Consta-se maior participação da sociedade na defesa dos direitos das crianças e dos jovens. Defende-se a proteção integral da infância e da adolescência e os olhares ganham novas dimensões em relação aos menores considerados infratores.

Em 1989 a ONU (Organização das Nações Unidas) aprova a *Convenção Internacional dos Direitos da Criança* e com ela aparecem propostas diversas relativas a este grupo das crianças e jovens, agora denominados de vulneráveis.

Um dos documentos da ONU é o que contém as Diretrizes das Nações Unidas das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil – Diretrizes de Riad. Nelas um aspecto importante é o que trata dos processos de socialização que devem ocorrer nas famílias e nos diversos meios educacionais.

No Brasil, nesta época, é aprovada a Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que estabelece o *Estatuto da Criança e do Adolescente* – ECA que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Esta e outras legislações definem o que se conhece como Sistema de Garantias de Direitos da Criança e do Adolescente que inclui a defesa, a promoção e o controle da efetivação dos direitos humanos desta camada da população.

Decorrente daí são criados os Conselhos de Direitos e os Conselhos Tutelares nos vários municípios e, em São Paulo, o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente – CONDECA. Daí em diante outras medidas importantes relativas às políticas de atendimento dos menores foram tomadas destacando-se a elaboração, em 2006, do Sistema Nacional do Atendimento Socioeducativo (SINASE).

Em dezembro de 2006 é publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo a Lei nº. 12.469 alterando o nome da FEBEM para Fundação CASA - Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente. Por esta lei foi alterada

também a denominação do Conselho Estadual do Bem-Estar do Menor para Conselho Estadual de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente. Há até hoje um esforço para que a mudança de nome não fique apenas nisso e sim haja novos direcionamentos das políticas públicas em relação ao atendimento destes cidadãos. A Fundação CASA, nas suas propostas, busca afinar-se com o que determinam as orientações do SINASE e do ECA. Atualmente está ligada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania. De acordo com o que consta no seu Regimento Interno (instituído pela PORTARIA NORMATIVA Nº 136/2007):

A Fundação CASA tem por objetivo promover, no Estado de São Paulo, o atendimento ao adolescente em cumprimento de medida socioeducativa e daquele que se encontra em internação provisória, com eficácia, eficiência e efetividade, de acordo com as leis, normas e recomendações de âmbito nacional e estadual.

Incluem-se nestas normas as constantes do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) e, obviamente as do ECA. Isso está dito em documento on-line da Fundação nos seguintes termos ao referir-se à sua missão:

Aplicar em todo o Estado as diretrizes e as normas dispostas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), promovendo estudos e planejando soluções direcionadas ao atendimento de adolescentes autores de atos infracionais, na faixa de 12 a 21 anos (BRASIL. Fundação Casa, on-line, 2009).

2.5. Os egressos da Fundação CASA

Antes de apresentar o que pensam os educadores escolares sobre os jovens em liberdade assistida e os egressos da Fundação CASA faz-se necessária uma breve notícia a respeito desses jovens.

Trata-se de adolescentes atendidos pela Fundação CASA que são, em sua maioria, advindos das comunidades menos favorecidas e estão cada vez mais sujeitos a um processo de exclusão social. Em tese, segundo os documentos oficiais, o sistema educacional da Fundação CASA, tem por objetivo, a reinserção dos

adolescentes na sociedade, e propiciar a continuidade deles na vida escolar de tal maneira a auxiliá-los na participação de uma cidadania com qualidade. Como dito anteriormente, o acesso aos bens simbólicos e em especial aqueles com os quais a escola trabalha, é parte importante deste auxílio a ser oferecido. Dentro desta filosofia, o atendimento a esses jovens, seja no interior da Fundação seja nas escolas que os recebem, não deveria ser pautado na punição, e sim, em medidas socioeducativas.

Nos documentos oficiais da Fundação CASA está estabelecido que o adolescente ali internado, após o cumprimento do que determina a Lei, deve ser preparado para ser desinternado e para dar continuidade à sua vida escolar como um dos caminhos para sua reinserção social. A frequência escolar é vista nos documentos relativos aos egressos como uma alternativa positiva de reinserção social.

Conforme foi dito acima, a Fundação CASA é uma continuidade da FEBEM com algumas novas características visando ao atendimento de menores em conflito com a lei. Ela tem esta denominação e novas orientações a partir de 2006. Para efeito desta pesquisa foram tomadas informações dos últimos cinco anos, ou seja, de 2010 a 2014 com o intuito de oferecer um quadro da situação na qual se insere a pesquisa. São informações relativas à cidade de São Paulo, pois há outras unidades da Fundação pelas diversas regiões do Estado.

Nas duas escolas envolvidas na pesquisa, foram obtidos os seguintes dados:

Tabela 1 - Dados descritivos da Escola A.

ESCOLA A						
ANO		2010	2011	2012	2013	2014
QUESTÕES						
Número de classes em funcionamento atualmente		51	60	54	50	48
Quadro de professores nos últimos cinco anos	Efetivos	47	32	54	63	72
	Temporários	38	48	27	25	24
Quantidade de alunos oriundos da Fundação CASA que frequentaram a escola nos últimos 5 anos		4	3	3	4	3

Tabela 2 - Dados descritivos da Escola B.

ESCOLA B						
ANO		2010	2011	2012	2013	2014
QUESTÕES						
Número de classes em funcionamento atualmente		26	24	25	32	31
Quadro de professores nos últimos cinco anos	Efetivos	15	15	18	19	16
	Temporários	55	29	38	62	53
Quantidade de alunos oriundos da Fundação CASA que frequentaram a escola nos últimos 5 anos		6	7	8	6	8

2.6. Conclusão do capítulo

Se a escola é importante como elemento de constituição da cidadania (não somente ela) e os jovens egressos a procuram e os em liberdade assistida são a ela encaminhados, algo deve ser feito para que a escola lhes ofereça uma boa educação escolar buscando integrá-los no ambiente escolar e buscando fazer com que eles nele permaneçam e nele tenham o melhor aproveitamento possível.

Mas, para isso é necessário que os gestores e professores os acolham com boa vontade e saibam oferecer a eles o devido tratamento pedagógico para que se sintam incluídos no ambiente escolar e motivados a buscar com todo empenho sua formação educacional como um caminho para sua reinserção social.³

Este é o desejo ou o que se espera. Mas, algumas perguntas podem ser postas visto que nem sempre este desejo se realiza. São elas: os gestores e professores das escolas investigadas acolhem ou rejeitam os egressos ou os alunos em liberdade assistida? Como eles os veem e como sentem sua presença na escola? A maneira como os veem e como sentem sua presença na escola pode ser um fator que os auxilia ou dificulta no desenvolvimento de sua educação escolar?

A busca de dados foi feita na direção de buscar elementos para produzir respostas a estas questões.

³ Os jovens dos quais trata esta pesquisa, na verdade, já estão inseridos na sociedade. A rigor, não se trata de uma reinserção social, mas de um trabalho educativo com vistas a superar o que é denominado de desvio de conduta social. Utiliza-se aqui o termo “reinserção” tal como consta nos documentos oficiais relativos ao trabalho com eles.

No Capítulo Segundo são apresentados os dados obtidos acompanhados de alguns comentários.

3. CAPÍTULO SEGUNDO - O QUE PENSAM OS GESTORES E PROFESSORES DE DUAS ESCOLAS A RESPEITO DA PRESENÇA DE ALUNOS ORIUNDOS DA FUNDAÇÃO CASA

Serão apresentados aqui os resultados dos questionários respondidos pelos gestores e professores de duas escolas da rede estadual de ensino do Estado de São Paulo.

A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas da Rede Estadual de Educação, na cidade de Guarulhos, ambas localizadas em regiões de vulnerabilidade social, localizadas em bairros distantes um do outro e cada uma pertencente a uma Diretoria de Ensino, pois na cidade existem duas diretorias distintas.

Os diálogos e preenchimento de questionários foram realizados durante os horários de ATPC (Atividade de trabalho pedagógico coletivo), com autorização prévia das direções das unidades escolares e com consentimento dos professores e gestores participantes.

A escolha das escolas foi feita após contatos diversos com autoridades das duas diretorias de ensino e contatos com mais de 10 escolas. Dessas escolas apenas duas se mostraram dispostas a participarem da pesquisa e preenchiam um critério importante, o do recebimento continuado de alunos egressos e em liberdade assistida da Fundação CASA nos últimos anos.

A pesquisadora não tem vínculo com estas instituições escolares e obteve autorização para as pesquisas após ter entregue carta de apresentação de sua pessoa às direções das escolas bem como da pesquisa que ali seria realizada.

As duas instituições escolares somente concordaram em participar da pesquisa com a garantia do sigilo quanto às identidades das instituições e dos participantes.

A direção da Escola A esteve sempre muito solícita e cordial, viabilizando ao máximo possível o acontecimento da pesquisa, inclusive no primeiro contato telefônico, disse que falaria sobre o tema sem problemas, e que julgava que debater sobre isto realmente era algo necessário, pois não tinha medo, porém, durante algumas tentativas de gravação de voz, ela pediu para não ser gravada, pois temia ser arriscado se expor tão diretamente. Nesta escola os participantes realizaram um

longo diálogo coletivo sobre o tema, o que ocorreu de maneira espontânea, pois segundo os mesmos o tema é extremamente polêmico e divide opiniões entre os pares.

O ambiente desta escola parece ser bem harmonioso. Durante uma das ATPCs houve homenagem para uma professora em processo de aposentadoria e um professor tocou instrumento musical em homenagem a nossa pesquisa. Havia um clima cordial entre o grupo presente. Apesar disso, ocorreram alguns embates, quando os posicionamentos eram totalmente díspares no tocante ao tema da pesquisa.

Já na escola B, a direção se mostrou um tanto resistente à realização da pesquisa, e realmente só foi possível a realização da investigação por insistência da pesquisadora. Inclusive a diretora inicialmente já alertou que o grupo, no seu modo de ver, era polêmico. Nesta escola, os professores e gestores se mantiveram reservados quanto às suas maneiras de pensar. Durante as ATPCs surgiam um ou outro comentário, às vezes realizados apenas com o colega conhecido que estava mais próximo.

Deve ser esclarecido que foi autorizada a participação da pesquisadora nas ATPCs que são momentos de atividades pedagógicas dos quais participam todos os professores da escola e os coordenadores pedagógicos. Na Escola A houve uma intensa discussão sobre a situação desses alunos. Na Escola B apenas poucos comentários, como já mencionado.

É importante dizer, ainda, que nas duas escolas os entrevistados não diferenciam alunos em liberdade assistida e alunos egressos, apenas utilizam o termo L.A. para se referir a todos os alunos que já estiveram cumprindo medida socioeducativa na Fundação CASA.

3.1. Alguns dados das escolas pesquisadas

As duas escolas participantes da pesquisa são da rede Estadual de São Paulo, e pertencem às diretorias de ensino Guarulhos Norte e Guarulhos Sul. Os dados a seguir foram obtidos por meio de questionário inicial de caracterização das

unidades escolares. A escola “A”, está localizada no bairro Parque Maria Helena, com funcionamento nos períodos, manhã, tarde e noite, compõem a gestão escolar, uma diretora e três vice-diretoras, uma das vice-diretoras é responsável pelo programa escola da família. A diretora é licenciada em pedagogia, duas vice-diretoras são licenciadas em matemática e pedagogia, e outra vice diretora é licenciada em história. A diretora tem 10 anos no cargo e a 4 anos exerce esta função nesta escola. Uma coordenadora pedagógica possui licenciatura em letras e pós-graduação lato sensu em gestão escolar e a outra cursou licenciatura plena em história.

Nesta escola no ano de 2014 o quadro de professores está composto por 96 integrantes, sendo 40 do sexo masculino e 56 do sexo feminino, a faixa etária dos professores está ente 35 e 45 anos. A escola atualmente tem 1.700 alunos matriculados, predominantemente atende alunos da classe C. Nos últimos cinco anos os registros sobre a quantidade de alunos vindos da Fundação CASA têm uma certa linearidade, pois as quantidades são próximas entre os anos analisados. Ainda segundo informações do questionário inicial de caracterização da escola, em média os alunos vindos da Fundação CASA permanecem na escola cerca de 2 anos, segundo estimativas, 8 destes adolescentes concluíram o Ensino Fundamental e 3 concluíram o Ensino Médio, porém com alto percentual de repetência e evasão.

A escola B está localizada no bairro Nova Bonsucesso, está em funcionamento nos períodos manhã, tarde e noite, tem como diretora responsável pela unidade escolar uma gestora com 27 anos no magistério, mas com 1 ano na função de diretora nesta escola, no item formação acadêmica, citou apenas o curso de pedagogia, e assim como os vice-diretores, não informou sua idade cronológica, o vice-diretor tem formação em matemática e está no magistério a 16 anos e a vice diretora tem formação em pedagogia e está no magistério a 25 anos.

O quadro de professores é composto por 69 integrantes, sendo 45 do sexo masculino e 24 do sexo feminino, a média de idade entre estes professores é de 35 a 45 anos.

A quantidade de alunos matriculados no ano de 2014 é 1017, a clientela que frequenta esta escola é considerada como classe C e D, assim como na escola A, houve pequena diferença na quantidade de alunos vindos da Fundação CASA matriculados entre os anos analisados na pesquisa.

Segundo o questionário de identificação inicial da escola, o tempo médio de permanência dos alunos vindos da Fundação CASA nesta unidade escolar é de mais de três anos, com estimativa de 3 alunos concluintes do Ensino Fundamental e 2 no Ensino Médio.

A direção escolar comentou que existem projetos culturais na dinâmica escolar, como por exemplo, taekwondo no projeto escola da família e PROEMI (Programa Ensino Médio Inovador), mas não sabem dizer se os adolescentes vindos da Fundação participam destes projetos.

3.2. Apresentação dos resultados da pesquisa de campo

3.2.1. Total de entrevistados das duas escolas.

Tabela 3 - Total de entrevistados da escola A.

Escola A			
Total de Professores	Professores Entrevistados	Professores Não Entrevistados	%
96	27	69	28,13

Tabela 4 - Total de entrevistados da escola B.

Escola B			
Total de Professores	Professores Entrevistados	Professores Não Entrevistados	%
69	20	49	28,99

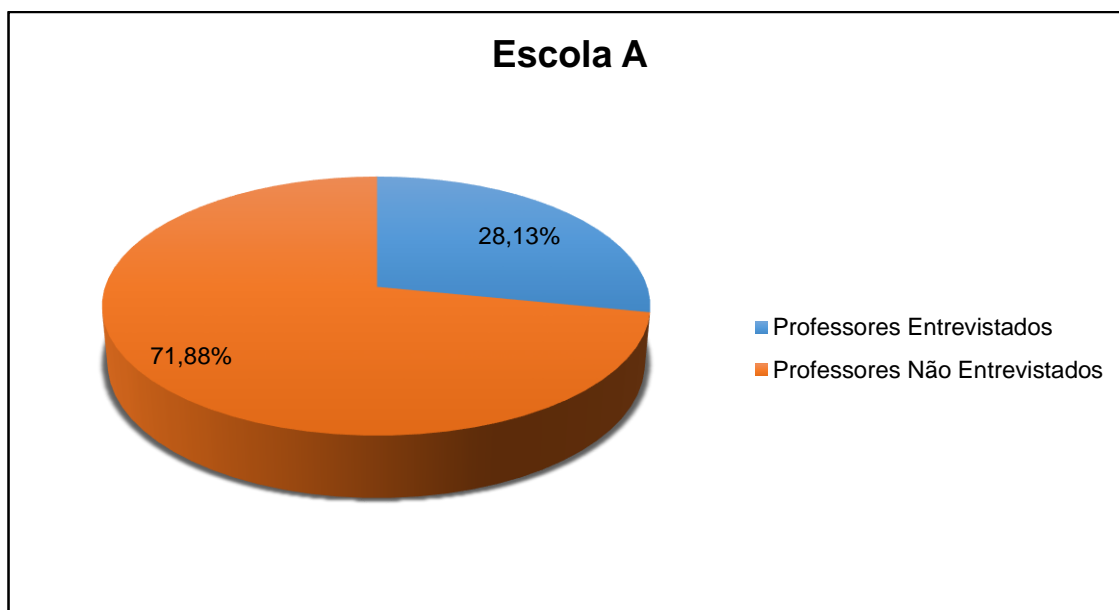


Figura 1 - Gráfico com os participantes da pesquisa da Escola A.

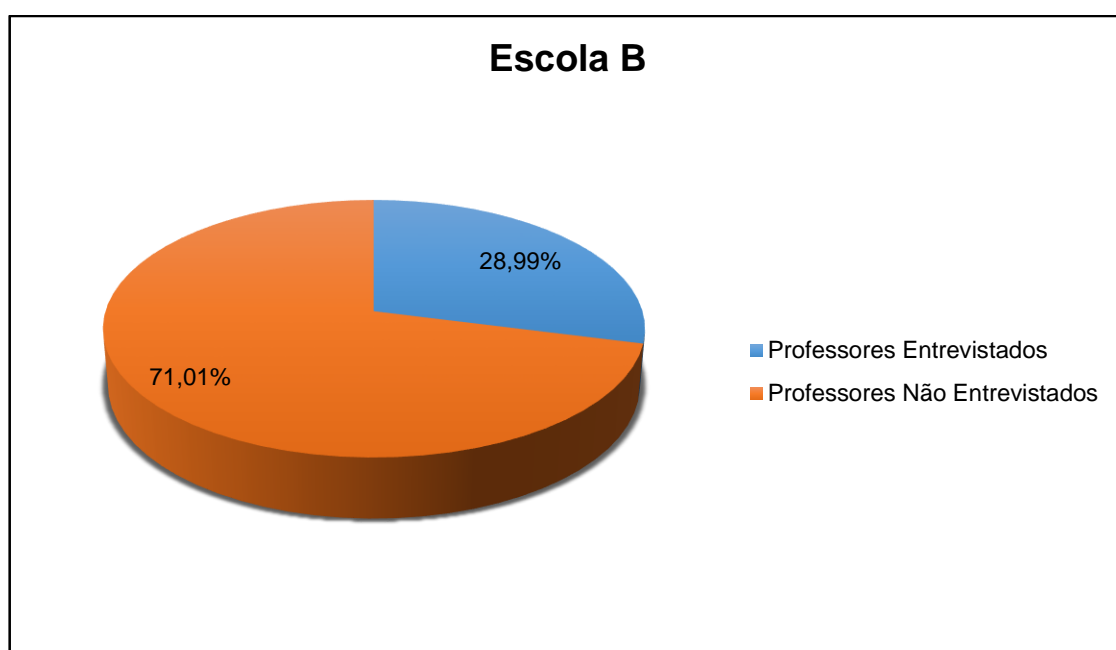


Figura 2 - Gráfico com os participantes da pesquisa na Escola B.

3.2.2. Dados e primeiros comentários da ESCOLA A.

3.2.2.1.Resultados obtidos junto aos GESTORES da ESCOLA A.

Tabela 5 - Dados obtidos na questão 1 aplicada aos Gestores da Escola A.

Questão 1		
Qual é sua função ou cargo na escola?	Qtde	%
Diretor	1	20,00
Vice diretor	2	40,00
Coordenador pedagógico	2	40,00
TOTAL	5	100,00

Tabela 6 - Dados obtidos na questão 2 aplicada aos Gestores da Escola A.

Questão 2		
Qual é sua formação acadêmica?	Qtde	%
Letras e pedagogia	1	20,00
História	1	20,00
História e pedagogia	1	20,00
Pedagogia	1	20,00
Matemática e pedagogia	1	20,00
TOTAL	5	100,00

Tabela 7 - Dados obtidos na questão 3 aplicada aos Gestores da Escola A.

Questão 3		
Há quanto tempo está nesta função, nesta escola?	Qtde	%
Menos de um ano	1	20,00
Um ano	0	0,00
Dois a três anos	1	20,00
Mais de três anos	3	60,00
TOTAL	5	100

Tabela 8 - Dados obtidos na questão 4 aplicada aos Gestores da Escola A.

Questão 4		
O que pensa a respeito da presença dos alunos vindos da Fundação CASA na escola?	Qtde	%
Contrário a reinserção	1	20,00
Tratamento igualitário	1	20,00
Inadequação	1	20,00
Intimidação	2	40,00
TOTAL	5	100,00

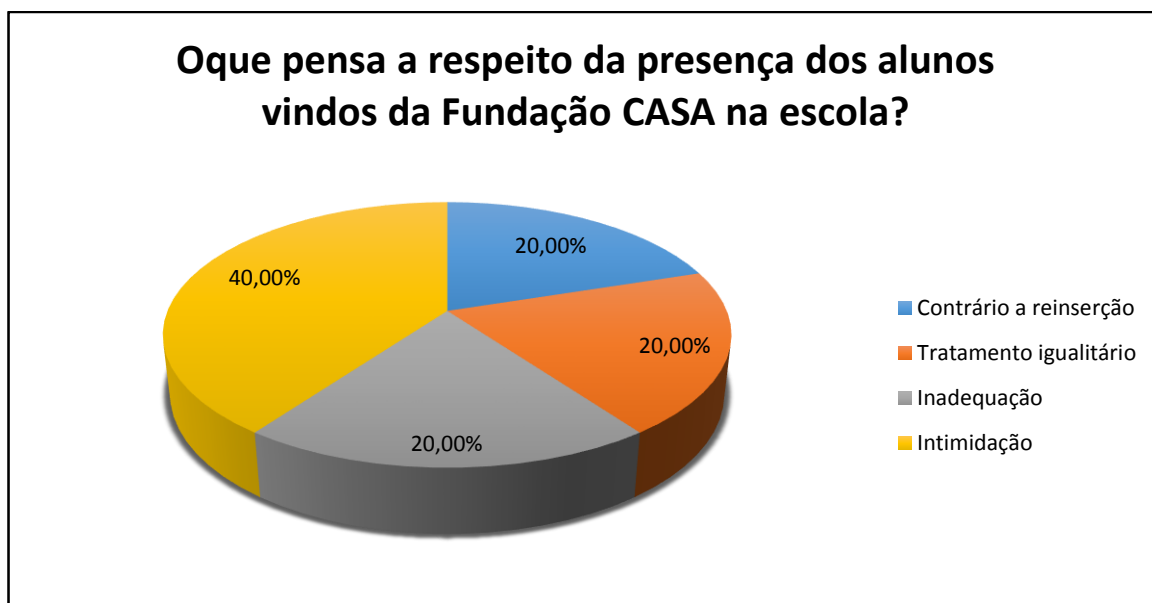


Figura 3 - Gráfico referente a questão 4 aplicada aos Gestores da Escola A.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais:

Contrário à reinserção

“Que eles deveriam continuar na fundação casa, pois a escola não tem estrutura para trabalhar com eles”. (SIC)

Este membro da gestão escolar deixa evidente a preferência de que estes adolescentes continuassem na Fundação CASA e não na escola regular.

Tratamento igualitário

“Normal em relação aos outros”. (SIC)

Este membro da gestão escolar acredita que o tratamento dado aos alunos vindos da Fundação CASA deve ser igual aos dos demais alunos.

Inadequação

“Penso que devam se reintegrar a sociedade, mas o poder judiciário tem que ser modificado”. (SIC)

Intimidação

“A escola os recebe como aluno normal, porém eles é que não se comportam como alunos, a maioria já chega querendo apavorar, ou seja, ficam falando que são L.A. para intimidar as pessoas”. (SIC)

“Há pontos positivos e negativos. Positivos porque alguns têm uma boa conduta, que os foram levados a melhorar, ou seja, a função social da Fundação CASA, que é reabilitar esses adolescentes nem sempre funciona; muitos saem da mesma ou pior forma que entrou influenciando e amedrontando alguns alunos da unidade escolar. (SIC)

Neste tópico, um membro da gestão admitiu que alguns alunos vindos da Fundação CASA têm boa conduta, mas foi o único, pois a resposta do membro seguinte a esta questão, assim como já mencionado por outro gestor, identifica a questão da intimidação por parte destes adolescentes.

Numa análise geral da questão, constatou-se que 40% do grupo de gestores interpretam que uma das principais características que a presença dos alunos advindos da Fundação CASA traz consigo, para o interior do ambiente escolar, é o poder de intimidação, o que de certa maneira, poderia influenciar no comportamento dos demais membros envolvidos no processo escolar, pois atitudes radicais poderiam ser tomadas como tentativa de defesa, inclusive atitudes de omissão.

Para 20% dos pesquisados desta escola a preferência é de que estes adolescentes sejam mantidos longe da escola, ou seja, na própria Fundação CASA, neste caso questiono, a escola não deve garantir a todos tratamento igualitário, pois a Constituição Federal no artigo 205 diz: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Esta maneira de pensar não converge com os princípios legais em relação a educação. Como pode então um membro da gestão pensar desta maneira? No nosso modo de pensar, isso pode indicar desconhecimento ou apenas visão preconceituosa sobre estes adolescentes.

Ainda é possível observar que 20% acreditam que esta inserção no ambiente escolar deve acontecer, porém com restrições, ou seja, para que isto ocorra, mudanças estruturais na legislação criminal devem ocorrer antecipadamente a este

processo, desta maneira, torna-se uma condição para que este processo seja realizado no âmbito escolar, porém os documentos oficiais que são norteadores do funcionamento escolar, não fazem nenhuma menção a este aspecto, assim, a escola esperaria uma reorganização social para realizar seu papel.

Apenas 20% é a parcela de gestores que acreditam que estes alunos devem ser recebidos como qualquer outro, de maneira normal.

Tabela 9 - Dados obtidos na questão 5 aplicada aos Gestores da Escola A.

Questão 5		
O que julga que os educadores da escola pensam sobre a presença destes alunos?	Qtde	%
A favor da reinserção com restrições	1	20,00
Não acreditam na ressocialização	2	40,00
Visão estigmatizada	2	40,00
TOTAL	5	100,00

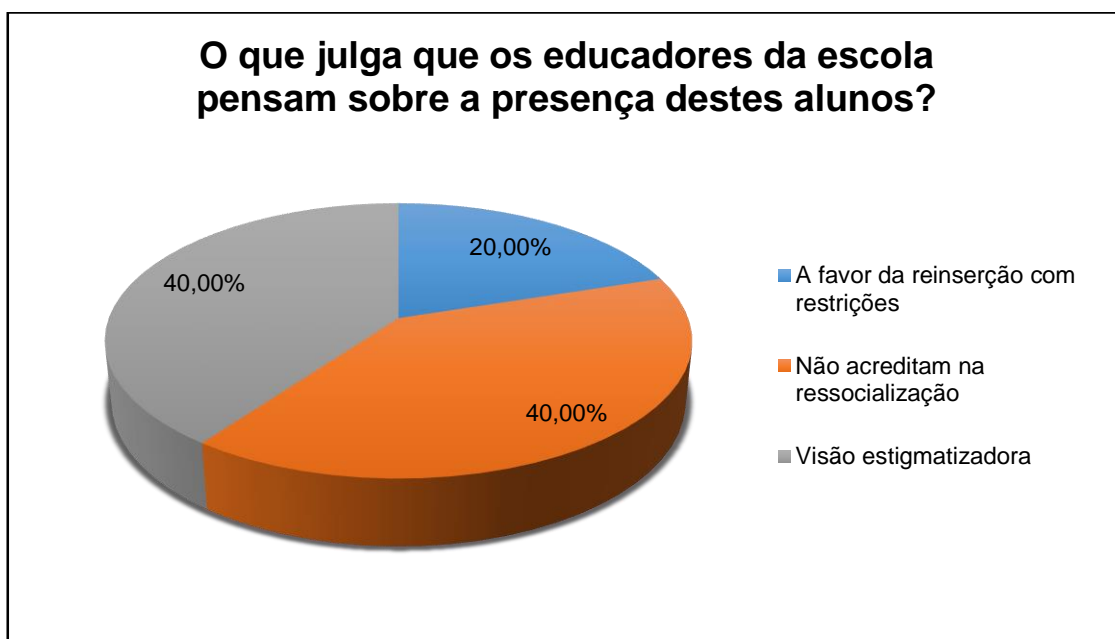


Figura 4 - Gráfico referente a questão 5 aplicada aos Gestores da Escola A.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais:

A favor da reinserção com restrições

“Não estamos aqui para fazer nenhum julgamento, mas quando o mesmo se reabilita trabalhamos com eles prazerosamente, mas caso contrário fica um trabalho meio que insustentável”. (SIC)

Esta fala sugere que a escola está disposta a trabalhar com este aluno, desde que esteja totalmente ressocializado, ou seja, apresentando comportamentos esperados pela escola. Na visão deste membro da gestão, participar deste processo, com jovens não “ressocializados” é um trabalho praticamente impossível de ser realizado.

Não acreditam na ressocialização

“Repulsa”. (SIC)

“Alguns professores têm receio de se impor”. (SIC)

Estes dois trechos de depoimentos mostram descrédito em relação à ressocialização e indicam possível desejo de exclusão desses jovens da escola.

Têm visão estigmatizadora dos alunos

“Preocupante”.

“Que eles atrapalham e influenciam os demais alunos a praticarem alguns delitos”.

Estes trechos revelam preocupação com a presença destes alunos no contexto escolar, preocupação no sentido de má influência e desordem do ambiente escolar.

Numa análise geral da questão, nota-se que 80% do grupo gestor acreditam que os professores são contra a reinserção destes alunos no ambiente escolar, dentre outros motivos, por medo e preconceito, e o discurso dos professores não difere desta maneira de pensar, mesmo a escola tendo um histórico de receber estes alunos. A gestão está ciente de que a maioria dos professores realmente não está disposta a participar deste processo de reintegração.

Tabela 10 - Dados obtidos na questão 6 aplicada aos Gestores da Escola A.

Questão 6		
Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Qtde	%
Sim	2	40,00
Não	3	60,00
TOTAL	5	100,00

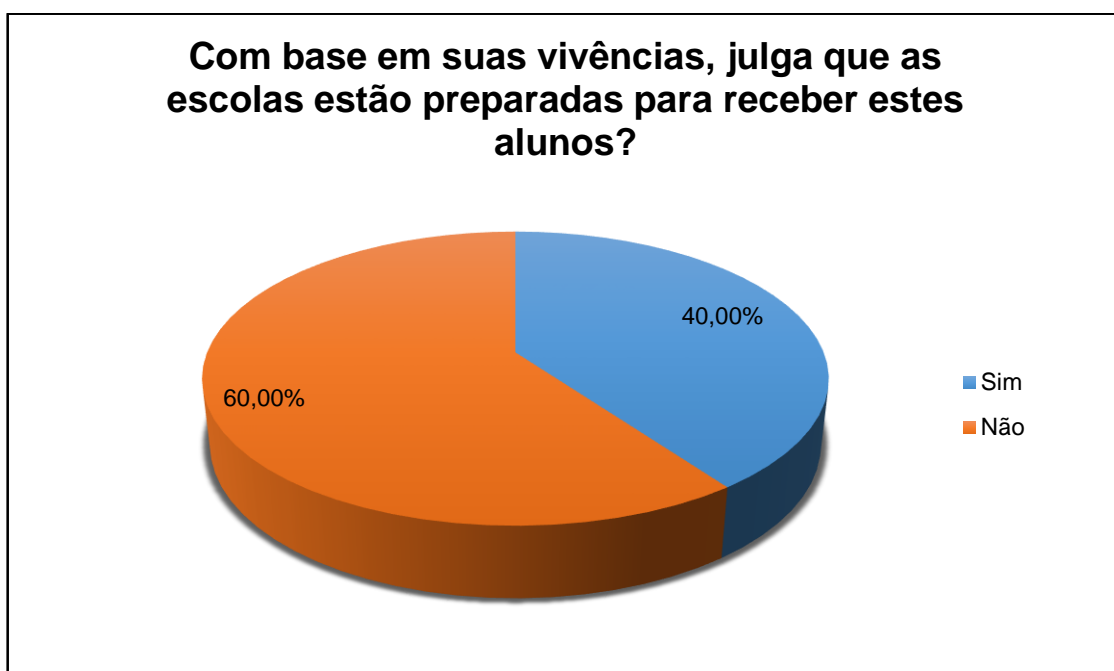


Figura 5 - Gráfico referente a questão 6 aplicada aos Gestores da Escola A.

Os gestores estão divididos em relação ao preparo da escola para receber os alunos vindos da Fundação CASA, isto pode significar que os que acreditam que a escola está preparada são os que realmente estão dispostos a trabalhar no sentido de recebê-los da forma mais adequada possível, ou seja, estão dispostos a enfrentar o desafio, enquanto o grupo dos que dizem que a escola não está preparada pode ser indício de negação em lidar com esta questão. O que na atualidade é algo bastante preocupante, uma vez que tem aumentado o número de adolescentes entrando em conflito com a lei, conseqüentemente, com maiores chances de a escola ter alunos nesta condição. Esta unidade é um exemplo de recorrência quanto à presença destes alunos. Neste sentido, negar-se a enfrentar esta realidade é semelhante a negar-se a compreender o contexto escolar, o repertório de vivências dos educandos, ou seja, uma maneira de não compreender a educação pelo viés da humanização, pois o foco

das relações pedagógicas no sentido da formação humanista, deve proporcionar também a estes adolescentes o contato com os bens culturais produzidos pela humanidade, o que faz parte da composição do que entende-se como função escolar. E se parte da gestão não acredita que este trabalho é possível, dificilmente incentivará seu grupo a lidar positivamente com este processo de inclusão.

Tabela 11 - Dados obtidos na questão 7 aplicada aos Gestores da Escola A.

Questão 7		
Com base em suas vivências, julga que os professores estão preparados para receber estes alunos?	Qtde	%
Sim	1	20,00
Não	4	80,00
TOTAL	5	100,00

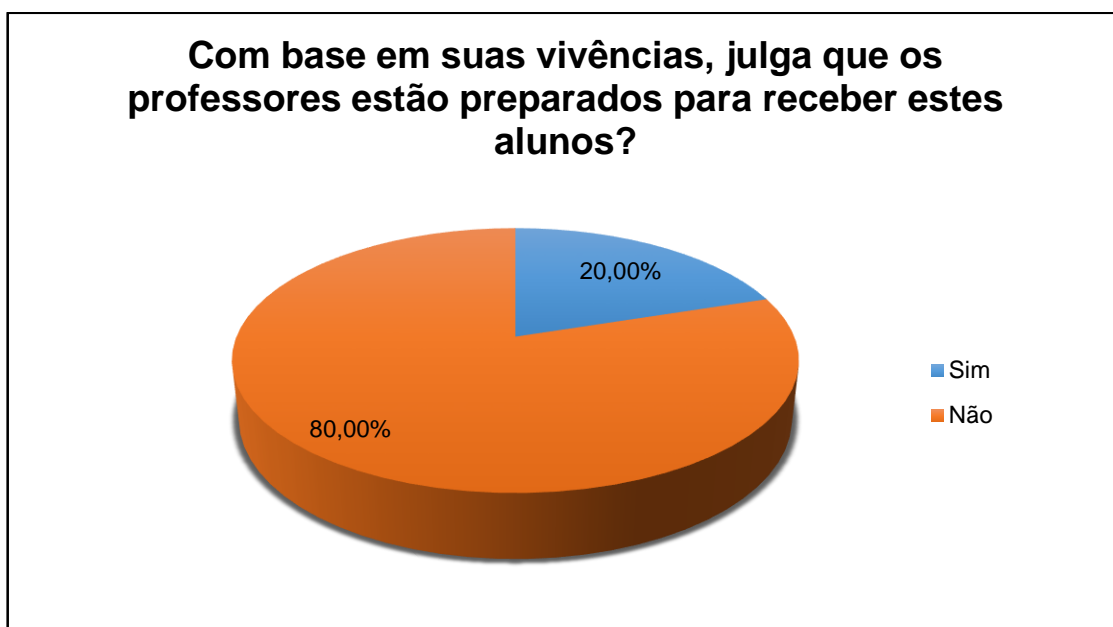


Figura 6 - Gráfico referente a questão 7 aplicada aos Gestores da Escola A.

Há uma interessante diferença na interpretação de parte do grupo de gestores, pois 40% acredita que a escola está preparada para receber os alunos vindos da Fundação CASA, e somente 20% acredita que os professores também estão preparados para receber estes alunos. Questiono se a escola pode estar preparada para este processo de inserção, sem que os professores que nela trabalham estejam também preparados.

Tabela 12 - Dados obtidos na questão 8 aplicada aos Gestores da Escola A.

Questão 8		
Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Qtde	%
Sim	3	60,00
Não	2	40,00
TOTAL	5	100,00

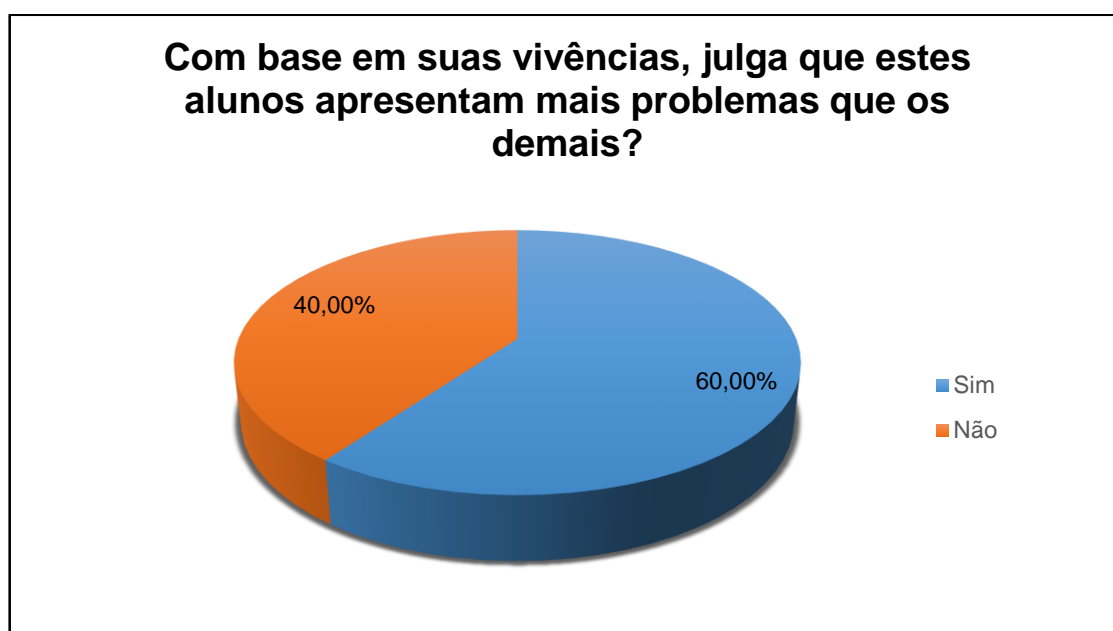


Figura 7 - Gráfico referente a questão 8 aplicada aos Gestores da Escola A.

Assim como a maioria dos professores, a maioria dos gestores também acredita que os alunos advindos da Fundação CASA geram mais problemas no contexto escolar que os demais alunos.

Tabela 13 - Dados obtidos na questão 9 aplicada aos Gestores da Escola A.

Questão 9		
Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Qtde	%
Desrespeito às regras	1	33,33
Intimidação	2	66,67
TOTAL	3	100,00

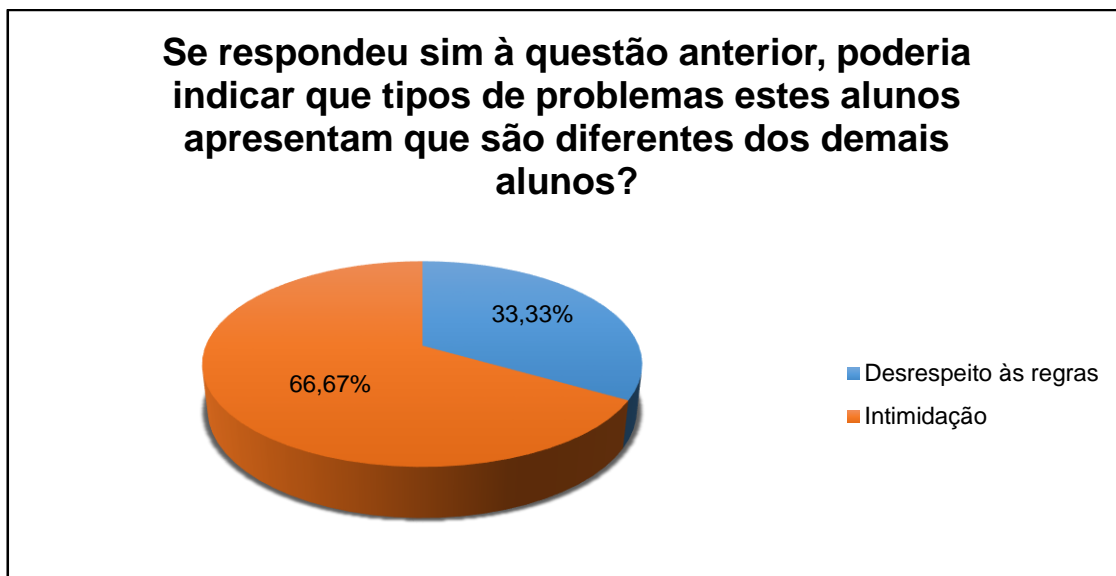


Figura 8 - Gráfico referente a questão 9 aplicada aos Gestores da Escola A.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais:

Desrespeito às regras

“Na maioria das vezes estes alunos acham que não devem participar ou desenvolver alguma atividade em sala de aula porque eles são criminosos e que vão passar a vida toda cometendo delitos”. (SIC)

Este membro da gestão acredita que o motivo que leva os alunos vindos da Fundação CASA a se negarem a fazer algumas atividades, é o fato de os adolescentes pensarem que cometerão crimes em continuidade em suas vidas, e, portanto, aqueles conteúdos não terão utilidade para eles.

Intimidação

“Com o linguajar diferente dos demais alunos e até mesmo fazem questão de dizer que são L. A.” (SIC)

“Eles costumam, muitos que não se reabilitam, coagir os demais com a sua situação”. (SIC)

Estes membros da gestão acreditam que o problema que os alunos vindos da Fundação CASA causam a mais que os demais alunos da escola é a intimidação.

Observação: 2 gestores responderam, não à questão anterior, por isso, não respondem a esta questão.

A maioria dos gestores, ou seja, 67%, acreditam que por intimidação e desrespeito às regras, estes alunos são diferentes dos demais. Em diálogo, porém, com professores de escolas diversas, uma das queixas muito frequentes é justamente o fato de todos os alunos, ou a maioria deles, não respeitarem as regras impostas pela escola. Esta, portanto, não seria uma característica apenas dos alunos em liberdade assistida ou egressos.

Tabela 14 - Dados obtidos na questão 10 aplicada aos Gestores da Escola A.

Questão 10		
Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Qtde	%
Não	3	60,00
Sim	2	40,00
TOTAL	5	100,00

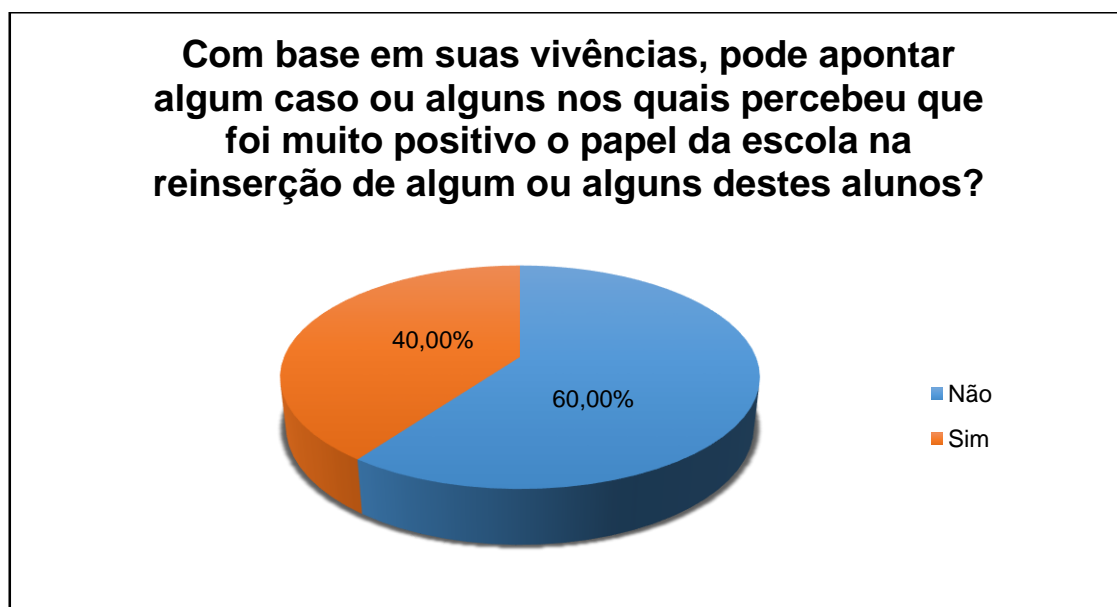


Figura 9 - Gráfico referente a questão 10 aplicada aos Gestores da Escola A.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais:

Os que responderam “Não”

“Infelizmente a escola não faz a diferença para estes alunos, pois voltam a cometer delitos”. (SIC)

“Para eles a escola não faz diferença, a maioria volta para a fundação no espaço de tempo pequeno”. (SIC)

“Não, porque os mesmos continuam cometendo os delitos e a escola é só uma desculpa para eles”. (SIC)

Estes membros da gestão acreditam que não há contribuições positivas da escola no sentido de reinserção destes alunos, pelo fato de os adolescentes não atribuírem importância à escola e por continuarem cometendo delitos.

Os que responderam “Sim”

“No caso, não ainda nesta unidade, mas em outra de aluno que passou por experiência na fundação e se recuperou e passou a ter mais responsabilidade e compromisso com os estudos”. (SIC)

“Eu apenas consigo perceber apenas um aluno que hoje está no Ensino de Jovens e Adultos”. (SIC)

Estes membros da gestão escolar reconhecem que mesmo em pequeno número é possível que a escola favoreça o processo de reinserção social destes adolescentes, por meio dos exemplos citados acima.

Percebe-se que 60% do grupo gestor menciona nunca ter visto uma intervenção positiva da escola na reinserção destes adolescentes, especialmente por falta de interesse deles.

Cabe perguntar se a escola esforça-se para despertar o interesse destes adolescentes, ou justamente, opta por atitudes que os levem para longe de seu local de trabalho, compreendendo que assim, terão mais conforto para trabalhar com os que teoricamente estão interessados.

Tabela 15 - Dados obtidos na questão 11 aplicada aos Gestores da Escola A.

Questão 11		
Pode sugerir algo que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Qtde	%
Medidas para corrigir a falta de preparo dos profissionais da escola	3	60,00
Mudanças no processo de reinserção	2	40,00
TOTAL	5	100,00

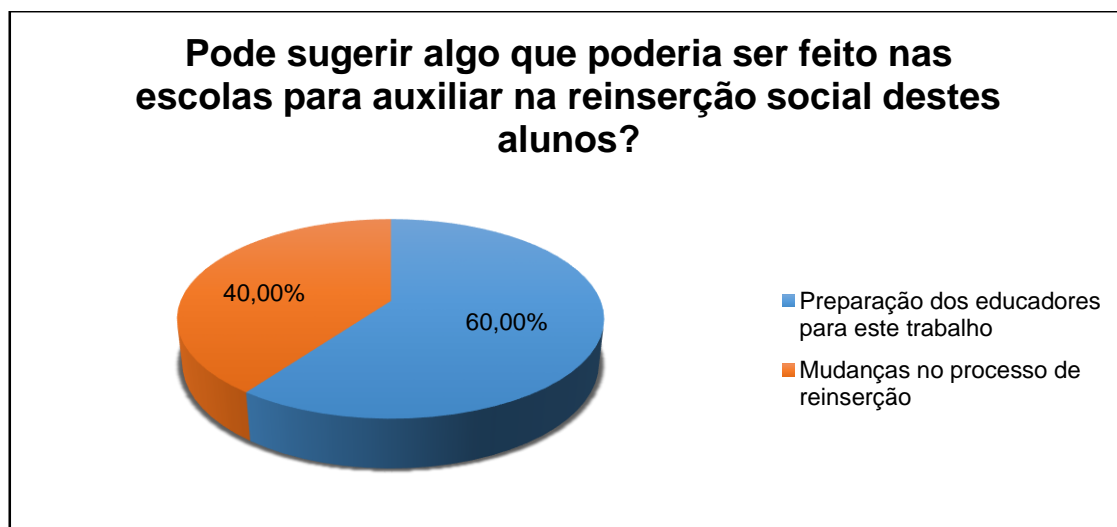


Figura 10 - Gráfico referente a questão 11 aplicada aos Gestores da Escola A.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais:

Medidas para corrigir a falta de preparo dos profissionais da escola

“Orientador/Psicólogo, ou até mesmo algumas capacitações que nos inserisse nesse contexto”. (SIC)

“Deveria ter um orientador ou psicólogo dentro da escola para poder auxiliá-lo”.

“Cursos técnicos que oportunizem esses alunos bem como psicólogos para ajudá-los de perto”. (SIC)

Estes membros da gestão veem como necessidade a presença de um profissional da psicologia para auxiliar no trabalho de reinserção escolar, no sentido de auxiliar na condução destes adolescentes no contexto escolar e ainda a formação para os profissionais escolares para adentrarem ao contexto destes adolescentes.

Mudança no processo de reinserção

“Antes que a escola faça alguma ação a sociedade, precisaria fazer, e junto o poder judiciário”. (SIC)

“Que fossem acompanhados com frequência, pois só mandam para a escola e não procuram saber do comportamento do cidadão”. (SIC)

Estes gestores acreditam que a escola se torna secundária neste processo de reinserção, e por isso, os outros segmentos da sociedade deveriam atuar primeiramente neste sentido, inclusive promovendo o acompanhamento destes adolescentes na escola.

Nota-se que 60% do grupo gestor sugere capacitações e auxílio de profissionais externos, enquanto 40% acredita que para que o processo de reinserção ocorra é necessário também mudanças em setores externos, para estes gestores. Parece-nos haver algo de confuso nesta ótica, pois os problemas têm origens na sociedade e têm de ser sanados primeiramente por ela, como se a escola não integrasse este grupo, deste modo, se isentando de sua responsabilidade enquanto agente formador.

3.2.2.2.Resultados obtidos junto aos PROFESSORES da ESCOLA A.

Com base nos resultados apresentados na tabela 12, é possível observar que mais da metade, ou seja, 55,56% dos professores entrevistados tem mais de três anos de atuação na unidade escolar, mas em número também bastante expressivo estão os professores com menos de um ano na escola, o equivalente a 33,33% dos entrevistados, isto representa um grupo heterogêneo em conhecimento da realidade da unidade escolar.

Tabela 16 - Dados obtidos na questão 1 aplicada aos Professores da Escola A.

Questão 1		
Há quanto tempo leciona nesta escola?	Qtde	%
Menos de um ano	9	33,33
Um ano	0	0,00
Dois a três anos	3	11,11
Mais de três anos	15	55,56
TOTAL	27	100,00

Tabela 17 - Dados obtidos na questão 2 aplicada aos Professores da Escola A.

Questão 2		
Disciplina que leciona ou Atividade que desenvolve?	Qtde	%
Ciências	1	3,70
Educação Física	3	11,11
Geografia	4	14,81
História	3	11,11
Língua Portuguesa	5	18,52
Matemática	4	14,81
Biologia	2	7,41
Arte	2	7,41
Filosofia	1	3,70
Sociologia	1	3,70
Química	1	3,70
TOTAL	27	100,00

Tabela 18 - Dados obtidos na questão 3 aplicada aos Professores da Escola A.

Questão 3		
Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	Qtde	%
Sim	21	77,78
Não	6	22,22
TOTAL	27	100,00

Na tabela 16 pode-se observar que entre o grupo de professores entrevistados, a grande maioria, ou seja, 77,78% têm ou tiveram alunos vindos da Fundação CASA, e 22,22% nunca tiveram alunos nesta condição.

Tabela 19 - Dados obtidos na questão 4 aplicada aos Professores da Escola A.

Questão 4		
Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Qtde	%
Professor favorável a reinserção	1	12,50
Professores favoráveis a reinserção, porém com restrições	2	25,00
Professores contra a reinserção	3	37,50
Professor não respondeu a questão	1	12,50
Professor não respondeu a questão com coerência.	1	12,50
TOTAL	8	100,00



Figura 11 - Gráfico referente a questão 4 aplicada aos Professores da Escola A.

Abaixo seguem trechos das respostas dos professores e análises iniciais:

Favorável à reinserção

“Acho de extrema importância à inserção dos mesmos no ensino educacional, pois os mesmos têm as oportunidades que todos os cidadãos”. (SIC)

Este professor que nunca teve alunos vindos da Fundação CASA, demonstrou ser a favor a reinserção destes adolescentes no ambiente escolar, por acreditar que eles têm os mesmos direitos que todos os outros cidadãos.

Favoráveis à reinserção, porém com restrições

“Eu concordo com a presença do aluno vindo da Fundação Casa, porém teríamos que ter um acompanhamento da direção quinzenalmente, reuniões com esses alunos para saber o desenvolvimento escolar e como está sendo a disciplina perante o professor e os colegas de sala”. (SIC)

“Penso que esses alunos precisam sim de uma oportunidade desde que tenhamos ajuda das autoridades competentes”. (SIC)

Estes professores embora nunca tenham lecionado para alunos vindos da Fundação CASA, são favoráveis à presença deles no contexto escolar, mas com um acompanhamento diferenciado dos demais alunos por parte da direção, e com apoio de outras instâncias externas à escola.

Contra a reinserção.

“Acho que algumas escolas não estão preparadas para receber estes alunos, pois muitos deles apresentam muitos problemas, e às vezes o professor (a) da turma acaba numa situação constrangedora devido à falta de habilidade para com estes alunos”. (SIC)

“São alunos que não tem nenhum interesse no aprendizado! Estes alunos não passam de uma estatística para o sistema capitalista”. (SIC)

Mesmo sem nunca ter contato com alunos vindos da Fundação CASA, estes professores são contra a presença destes alunos no ambiente escolar, por acreditarem em falta de interesse por parte dos alunos e por requererem um tratamento diferente dos demais alunos, o que causa incômodo no professor por não saber lidar com eles.

Apenas um professor deste grupo que é composto exclusivamente por professores que nunca tiveram alunos vindos da Fundação CASA, acredita que a presença destes alunos deve ser como a de qualquer outro adolescente no ambiente

escolar. O que chama a atenção é que mesmo sem o contato, os demais professores já têm uma opinião formada sobre estes adolescentes. Pode-se indagar sobre quais informações eles constituíram suas concepções sobre estes adolescentes. Justamente este dado é importante porque os professores até mais que os outros membros da sociedade, por serem formadores de opiniões, devem estar engajados na luta contra os fatores negativos dos relacionamentos humanos, especialmente no sentido da dominação que promova injustiça.

Tabela 20 - Dados obtidos na questão 5 aplicada aos Professores da Escola A.

Questão 5		
Se tem ou teve alunos vindos da Fundação CASA, responda, por favor, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	QTDE	%
São favoráveis a reinserção	3	14,29
São Contra a reinserção, por dificuldades no trabalho escolar	5	23,81
São contra a reinserção, por intimidação	3	14,29
São radicalmente contra a reinserção, por impossibilidade de recuperação	4	19,05
São radicalmente contra a reinserção, por más influências	3	14,29
Não respondeu	3	14,29
TOTAL	21	100,00

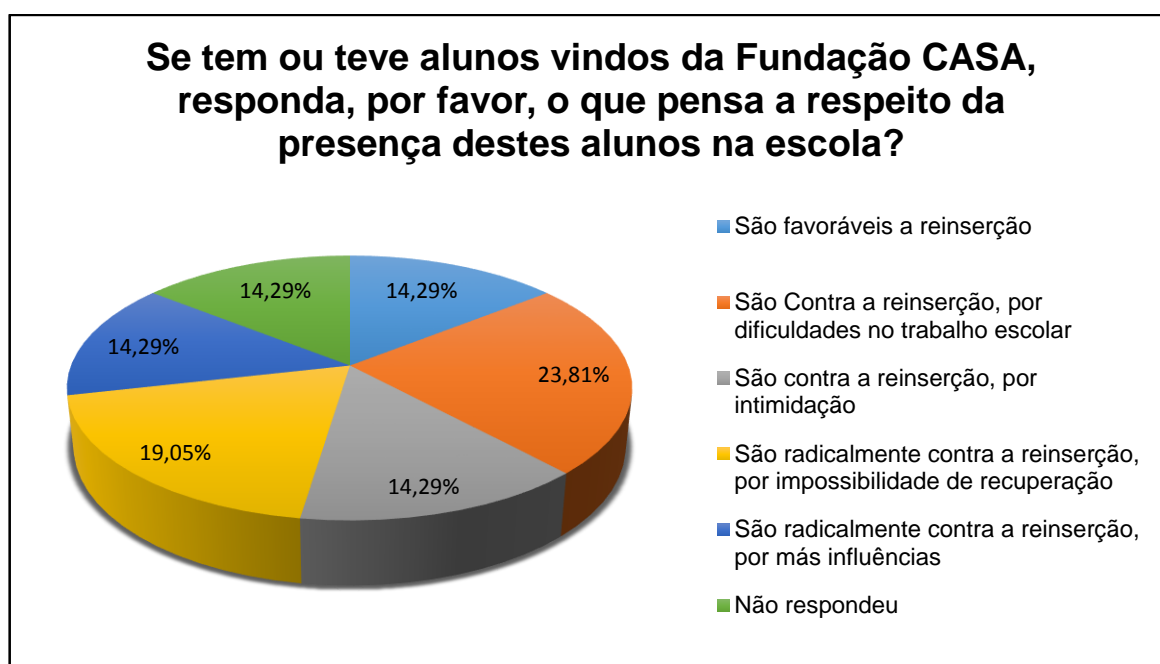


Figura 12 - Gráfico referente a questão 5 aplicada aos Professores da Escola A.

Abaixo seguem trechos das respostas dos professores e análises iniciais:

Favoráveis à reinserção

“É uma tentativa de reintegração do indivíduo ao convívio social”. (SIC)

“A presença destes alunos não interfere em nada o andamento das aulas. São alunos comuns com comportamento não diferente ao dos alunos regulares”. (SIC)

“São alunos que precisam de acolhimento e apoio”. (SIC)

Este grupo de professores é favorável à reinserção destes adolescentes no ambiente escolar, por acreditar que são alunos que apresentam comportamentos semelhantes aos dos outros alunos.

Contra a reinserção, por dificuldades no trabalho escolar

“Infelizmente ao invés de incluir os alunos, muitas vezes se valem da situação para dominar os outros alunos”. (SIC)

“Estes alunos frequentam a escola não para seu progresso escolar e sim para tumultuar a aula. Dificultam o trabalho do professor”. (SIC)

“Infelizmente muitos alunos acham um prêmio e falam que passaram pela Fundação”. (SIC)

Este grupo de professores é contra a reinserção destes adolescentes no ambiente escolar por acreditarem que estes alunos geram dificuldades no andamento do trabalho escolar.

São contra a reinserção, por intimidação

“A presença desses alunos se torna um pouco inconveniente, pois não se preocupam com os seus estudos e muitas vezes intimidam professores e alunos”. (SIC)

“Penso que seja algo difícil, pois muitos deles usam isso como título para se impor perante os alunos e professores”. (SIC)

“Esses alunos devem cumprir suas penas em presídios de acordo com o delito que cometeram e não estarem contaminando os demais alunos”. (SIC)

Este grupo de professores é contra a inserção destes adolescentes no ambiente escolar, por acreditarem que eles promovem intimidação.

São contra a reinserção, por más influências

“[...] Pois os L.A.s comprometem a integridade dos alunos, eles acabam arrastando outros alunos para a vida do crime. Formam-se líderes nas escolas para o lado da criminalidade”. (SIC)

“Embora este direito lhes seja garantido por lei, muitas vezes colocam em risco os alunos que estão em formação psicológica como os adolescentes que podem ser influenciados diante de alguns comportamentos que temos presenciado”. (SIC)

“[...] Eles não tem um comportamento adequado, cometem novos delitos, influenciam outros de forma a prejudicá-los”.

Este grupo de professores é contra a reinserção destes adolescentes no ambiente escolar, por acreditarem que são más influências para os demais alunos da escola.

São radicalmente contra a reinserção, por impossibilidade de recuperação

“São escórias que como dizem criados e produtos da sociedade o que eu não acredito; [...] volto a repetir, longe com essa raça de bandidos, que o governo jogou pra dentro das escolas. [...] Pra mim, na verdade, lugar de bandido é na cadeia até que cumpram a pena. [...] então friso, esses escórias do mundo devem ficar bem longe dos alunos que realmente são pessoas”. (SIC)

“Não deveriam estar frequentando. Penso que as penas para menores infratores são muito flexíveis em nosso país”. (SIC)

“São pessoas que não tem recuperação”. (SIC)

“Se esses discentes já estão na Fundação Casa, que a mesma faça o trabalho de tentar recuperá-los e inseri-los novamente na sociedade”. (SIC)

Este grupo de professor é radicalmente contra a reinserção destes adolescentes no ambiente escolar, por considerarem que são indivíduos sem possibilidades de recuperação e que devem ser mantidos longe da escola.

Feita a soma dos percentuais de professores que são contra a reinserção destes adolescentes no ambiente escolar (dados apresentados na tabela 18 e gráfico 12), obtêm-se um percentual de 79,13% de professores nesta condição, ressaltando que este grupo de entrevistados é composto exclusivamente por professores que têm ou já tiveram alunos vindos da Fundação CASA. Isto pode significar que dificilmente os adolescentes nesta condição que adentrarem esta unidade escolar terão o que entendemos que precisam, que é serem acolhidos, sem preconceitos e com disponibilidade para uma interação favorável à aprendizagem e uma formação cidadã. Eles já possuem as marcas dos atos infracionais que cometeram, e têm que lidar com este fato em seu cotidiano, ou seja, as atitudes autoritárias e de omissão que só desfavorecem processo de sua educação.

No grupo de professores que nunca tiveram alunos vindos da Fundação CASA (dados apresentados na tabela 17 e gráfico 11), ainda que em percentual menor, equivalente a 37,5%, o que é considerado também um número bem representativo, a preocupação é justamente com a visão que estigmatiza estes adolescentes, porque mesmo sem o contato, já há um julgamento sobre possíveis condutas.

Tabela 21 - Dados obtidos na questão 6 aplicada aos Professores da Escola A.

Questão 6		
Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Qtde	%
Sim (Professor que nunca teve alunos vindos da Fundação CASA)	1	3,70
Não (Professores que tem ou tiveram alunos vindos da Fundação CASA)	21	77,78
Não (Não tiveram alunos vindos da Fundação CASA)	4	14,81
Não tiveram alunos vindos da Fundação CASA e optaram em não responder a questão.	1	3,70
TOTAL	27	100,00

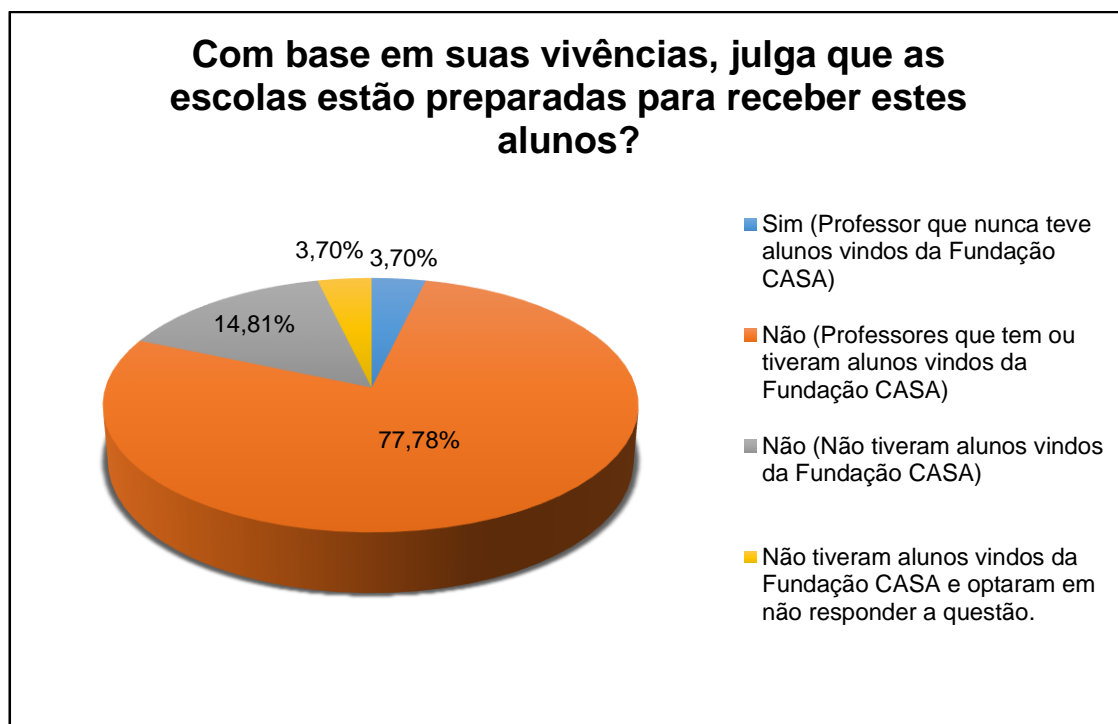


Figura 13 - Gráfico referente a questão 6 aplicada aos Professores da Escola A.

Falta de perspectivas de vida

Nenhum professor que tem ou já teve alunos vindos da Fundação CASA, considera que a escola está preparada para recebe-los. Este dado é muito importante, pois aponta para a necessidade de um trabalho com os atuais professores e com os futuros neste sentido, pois se assim pensam os professores, inúmeros adolescentes continuarão à margem da reinserção social, apesar de estarem presentes por um determinado tempo dentro das escolas regulares. Segundo o Portal de notícias do Governo do Estado de São Paulo, são cerca de 1.300 egressos da Fundação CASA retornando para a escolas por ano, estes dados são de 2008. A própria Secretaria Estadual reconhece que é grande o número de adolescentes nestas condições, pois elaborou uma capacitação com intuito de favorecer este processo de reinserção nas escolas regulares, conforme Portal da de notícias do Governo de Estado de São Paulo (2008):

A Secretaria de Estado da Educação iniciou nesta quinta-feira, 26 de junho de 2008, a capacitação de educadores da rede estadual (professores, diretores, assistentes técnico pedagógicos, entre outros) para trabalho com estudantes oriundos da Fundação Casa (ex-Febem).

Por meio de vídeo-conferência, cerca de 4.000 educadores da rede estadual serão capacitados já nesta semana. É o ponta-pé inicial de um projeto para garantir total integração dos adolescentes nas escolas estaduais.

Em minhas pesquisas, não encontrei continuidade deste projeto, ou informações sobre novas iniciativas no sentido de favorecer a reinserção destes alunos na escolas regulares de ensino. Inclusive, questionei informalmente se na escola pesquisada havia conhecimento por parte de algum membro participante desta pesquisa sobre este treinamento ou sobre qualquer outra intervenção neste sentido, e as respostas foram negativas.

Tabela 22 - Dados obtidos na questão 7 aplicada aos Professores da Escola A.

Questão 7		
Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	Qtde	%
Sim (Professor não teve alunos vindos da Fundação CASA)	1	3,70
Não (Professores tem ou tiveram alunos vindos da Fundação CASA)	21	77,78
Não (Professores não tiveram alunos vindos da Fundação CASA)	4	14,81
Não tiveram alunos vindos da Fundação CASA e optaram em não responder a questão	1	3,70
TOTAL	27	100,00

Conforme dados apresentados na tabela 22, novamente foi unanimidade entre os professores que já tiveram alunos vindos da Fundação CASA, que os professores não estão preparados para lidar com estes alunos, o interessante é que mesmo os 4 entre 6 professores que nunca tiveram estes adolescentes como alunos, também pensam que os professores não estão preparados para trabalhar com eles. Ou seja, muitas vezes, boa parte das dificuldades do trabalho da escola com estes jovens reside na maneira de pensar dos educadores da própria escola em relação a eles, seja por julgamentos prévios de condutas ou mesmo por acreditarem que são diferentes dos demais alunos e que por este motivo, não estão preparados para lidar com eles. Esses dados podem ser observados no gráfico apresentado abaixo na figura 14.

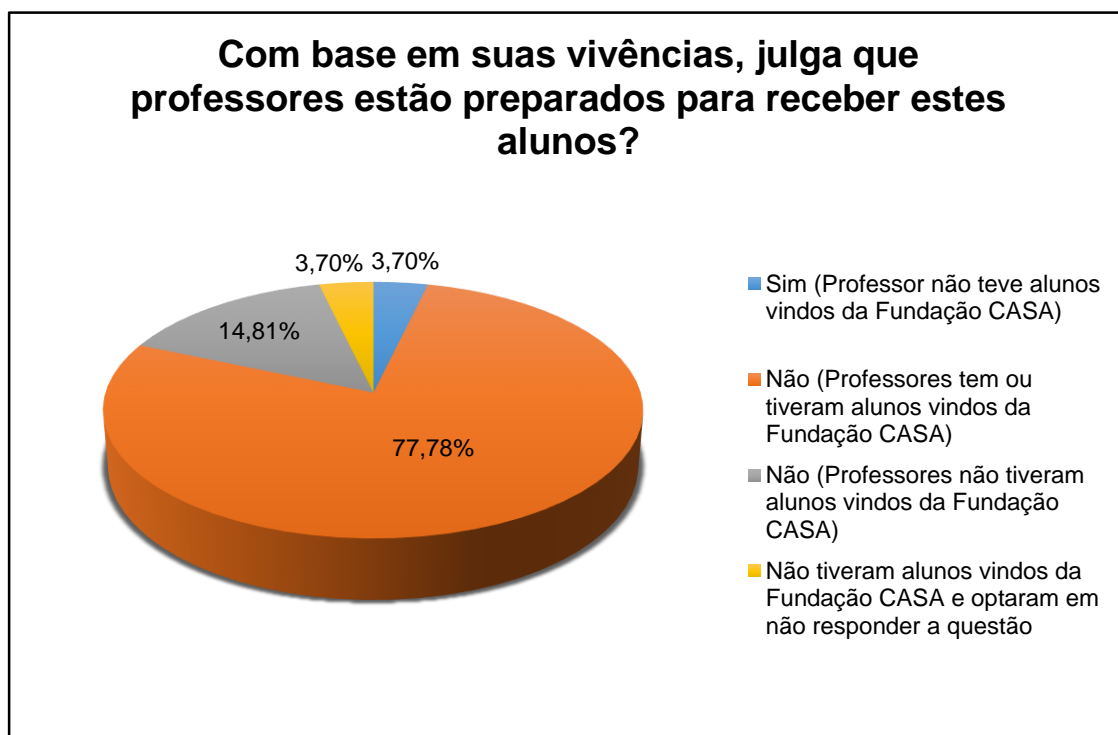


Figura 14 - Gráfico referente a questão 7 aplicada aos Professores da Escola A.

Tabela 23 - Dados obtidos na questão 8 aplicada aos Professores da Escola A.

Questão 8		
Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Qtde	%
Sim (Tem ou tiveram alunos vindos da Fundação CASA)	18	66,67
Não (Tem ou tiveram alunos vindos da Fundação CASA)	3	11,11
Sim (Não tiveram alunos vindos da Fundação CASA)	5	18,52
Não tiveram alunos vindos da Fundação CASA e optaram em não responder a questão	1	3,70
TOTAL	27	100,00

Pode-se observar no gráfico da figura 15 que a maioria, tanto dos professores que tiveram como alunos adolescentes vindos da Fundação CASA, como dos que não tiveram, acreditam que estes adolescentes causam mais problemas que os demais alunos da escola.

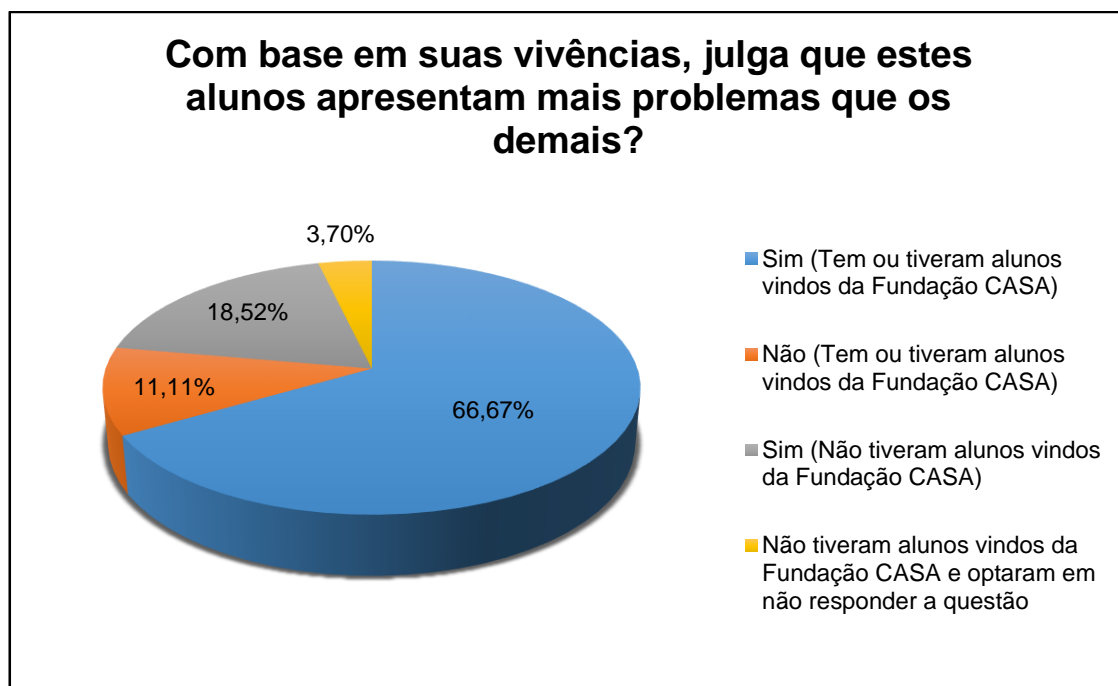


Figura 15 - Gráfico referente a questão 8 aplicada aos Professores da Escola A.

Talvez este fato justifique a postura dos professores em relação a estes adolescentes, pois em conversa informal com um adolescente reincidente em internações na Fundação CASA, diante do meu questionamento de como ele achava que era visto na escola regular, respondeu: “Diferente, né, eles olha pra nós diferente, nós já passamo pela Fundação, com outros olhos né, como infrato, não é mesma coisa que nem aqui dentro né, que eles respeita nós, trata nós que nem aluno normal, ajuda nós, aqui trata nós com respeito, sem ligar pra o que nós fez né, normal, agora lá fora eles já trata nós diferente né”. (SIC)

Estes contatos me fizeram pensar que as visões que os professores têm sobre estes alunos e as visões que estes adolescentes têm sobre os professores, muitas vezes são determinantes das relações que a escola estabelece com eles e que levam a tantos resultados ruins na busca da desejada inserção social dos mesmos. Isso compromete todo o trabalho de educação escolar com estes jovens, juntamente com outros fatores negativos, presentes nas escolas e que prejudicam todos os demais alunos.

Tabela 24 - Dados obtidos na questão 9 aplicada aos Professores da Escola A.

Questão 9		
Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Qtde	%
Indisciplina	6	22,22
Intimidação	7	25,93
Dificuldades de aprendizagem	2	7,41
Influências	3	11,11
Exclusão	1	3,70
Professores não responderam a questão	8	29,63
TOTAL	27	100,00

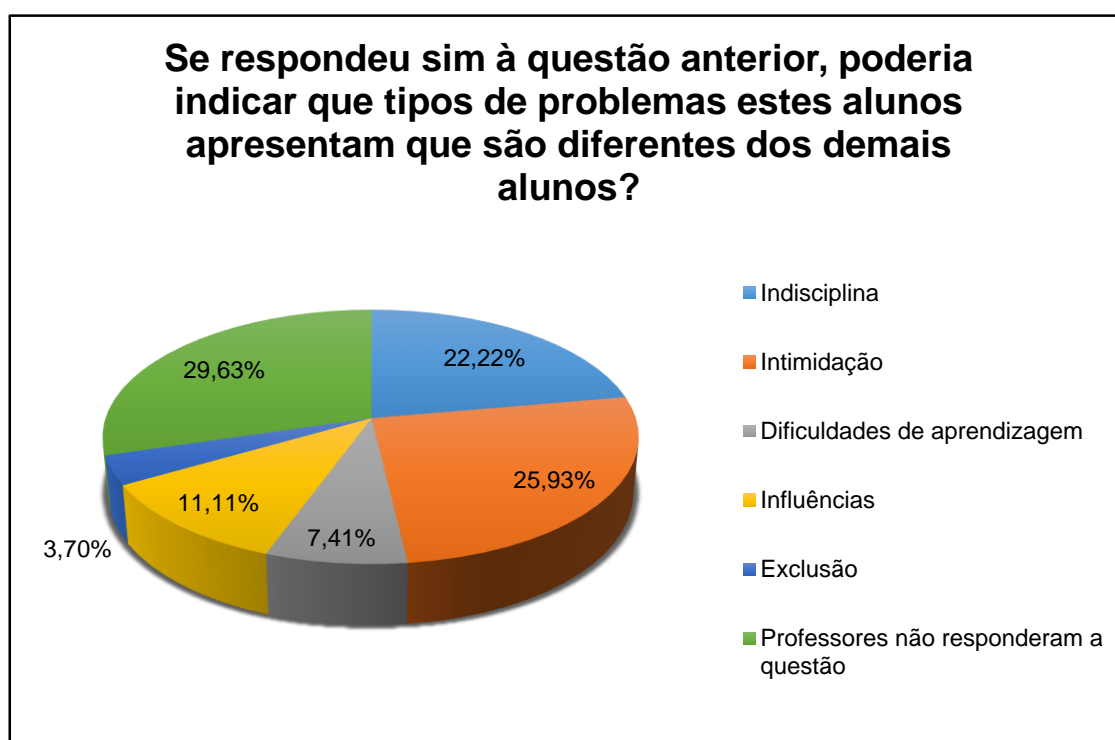


Figura 16 - Gráfico referente a questão 9 aplicada aos Professores da Escola A.

Abaixo seguem trechos das respostas dos professores e análises iniciais:

Indisciplina

“São alunos que se drogam, roubam e não estão aí pra nada”. (SIC)

“Eles são bastante indisciplinados”. (SIC)

“Indisciplina”. (SIC)

“Eles querem ter tratamento diferenciado, como, por exemplo, ir embora a hora que quer, entre outros”. (SIC)

“A falta de respeito p/ com os professores colegas e até mesmo consigo próprio”. (SIC)

“[...] acham que podem entrar e sair da escola a hora que querem”.

“Comportamentos violentos, agressivos”. (SIC)

“[...] agressões físicas e verbais”.

Do grupo de seis professores, quatro têm ou já tiveram alunos vindos da Fundação CASA e dois nunca tiveram, mas pensam de maneira semelhante, pois acreditam que estes alunos se portam com indisciplina.

Intimidação

“[...] apenas gostam de intimidar colegas e professores deixando claro que são ou tem liberdade assistida”. (SIC)

“Colocam medo nos demais alunos [...]”

“Esses alunos apresentam um domínio sobre os outros alunos, transmitem medo”. (SIC)

“Se sentem melhores que os demais, usam da fala para amedrontar, não se respeitam e nem ao próximo, se vangloriam do que são, não têm pudor nenhum”. (SIC)

“Alguns alunos apresentam comportamento de superioridade entre os outros alunos e com os professores. Isso causa uma questão de medo entre os outros alunos, ou, na minoria dos casos, conflitos. É uma situação muito sensível, onde não temos quem nos apoie”. (SIC)

“Eles não gostam quando chamamos a atenção deles. Se impõem como "Perigosos". (SIC)

“Normalmente eles causam uma espécie de pressão psicológica nos demais alunos com ameaças ou coisa parecida”. (SIC)

Sete professores que têm ou tiveram adolescentes vindos da Fundação CASA, acreditam que o problema mais contundente que estes alunos têm em relação aos demais da unidade escolar, é o fato de promoverem intimidação.

Dificuldades de Aprendizagem

“[...] Esses alunos vão ter dificuldade na aprendizagem [...]”

“Na aprendizagem [...]”

Os dois professores que mencionaram que estes adolescentes têm dificuldades de aprendizagem, são justamente dois professores que nunca tiveram estes adolescentes como alunos. Esta maneira de pensar vem de encontro as informações obtidas junto a membros da gestão educacional da Fundação CASA. Eles afirmaram que é enorme a defasagem de conhecimentos destes adolescentes, e que, no interior da Fundação o sistema de ensino permite que cada aluno por um determinado tempo frequente a série de acordo com seu conhecimento e não na série em que está matriculado, tendo em vista estas dificuldades. Há algo a ser pensado em relação a isso com vistas ao trabalho com estes alunos nas escolas regulares da rede de ensino.

Influências

“Influências negativas. Incentivo a marginalização (roubos e drogas)”. (SIC)

“Eles chegam bonzinhos, mas com o passar do tempo já envolveram os alunos com suas ideias e enfatizam que a fundação casa é o melhor”. (SIC)

“A liderança, o prazer pelas coisas erradas [...]” (SIC)

Estes professores que tem ou tiveram alunos vindos da Fundação CASA apontam para algo também a ser pensado seriamente, mas não se pode tomar esta possível constatação como razão para não ter estes jovens nas escolas.

Exclusão

“[...] vão achar que são incapazes, vão sentir a exclusão da maior parte dos alunos da sala”. (SIC)

Este professor que nunca teve adolescentes vindos da Fundação CASA como alunos, mencionou que estes sentirão a exclusão dos colegas em relação a eles. Em conversa informal com um aluno egresso da Fundação, ele disse justamente que os

olhares para eles são diferentes, e isso ocorre em relação a professores e alunos, e que nele isso provoca vergonha.

A intimidação é característica mencionada com muita frequência quando se fala de adolescentes vindos da Fundação CASA, inclusive em conversas informais com professores desta escola. Muitos deles disseram que o discurso destes alunos ocorre em termos como estes: eu sou L.A, eu vim da Fundação. Ou, então utilizam o tratamento ao qual deviam se ater na Fundação no relacionamento com os professores de lá: “Senhor” e “Senhora”. Isso, segundo estes professores, é uma maneira de eles se identificarem como oriundos da Fundação. Relatam que estes adolescentes têm prazer em utilizar-se desta condição para colocar medo nos membros da comunidade escolar. Este dado chama a atenção, pois um número grande de professores não respondeu a esta questão, talvez por temerem represálias em caso de vazamento das informações.

A indisciplina mencionada não é unanimidade, pois muitos professores afirmam que esta é uma característica presente em grande parte dos demais alunos desta escola e de outras.

Tabela 25 - Dados obtidos na questão 10 aplicada aos professores da Escola A.

Questão 10		
Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Qtde	%
Não viram resultados positivos	10	37,04
Não viu resultados, mas não são contra.	1	3,70
Não viu resultado e é contra esta reinserção no ambiente escolar	2	7,41
Professores não responderam a questão	9	33,33
Professores que responderam sem coerência	5	18,52
TOTAL	27	100,00

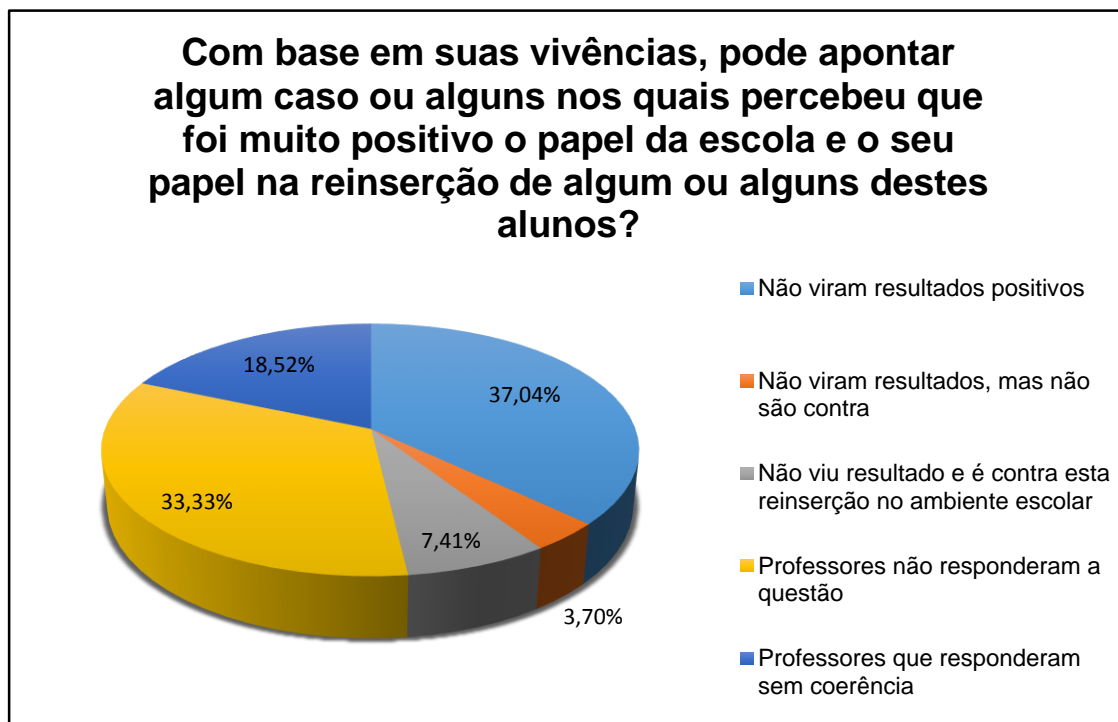


Figura 17 - Gráfico referente a questão 10 aplicada aos Professores da Escola A.

Abaixo seguem trechos das respostas dos professores e análises iniciais:

Não viram resultados positivos

“Não conheci nenhum caso que tenha melhorado infelizmente”. (SIC)

“Não convivi com esta situação”. (SIC)

“Infelizmente não conheço nenhum”. (SIC)

“Não reconheço”. (SIC)

“Ainda não vivenciei essa situação”. (SIC)

E mais cinco que responderam apenas isso: “Não”. (SIC)

Entre o grupo de dez professores que não vivenciaram nenhuma situação positiva de reinserção destes adolescentes no contexto escolar, oito deles já tiveram alunos vindos da Fundação e dois nunca tiveram alunos nesta condição.

Não viu resultados, mas não é contra a reinserção

“A escola tem um papel importante, mas sinto falta de uma qualificação para a inserção destes alunos na escola”. (SIC)

Não viram resultados e são contra a reinserção

“Estou aqui na escola vai fazer 20 anos e até a presente data não vi ou percebi, reinserção destes no convívio social, pelo contrário, entraram oriundos do crime, dizem que estão pagando a pena, mas na realidade camuflam a realidade, pois muitos continuam no crime - são bandidos, ladrões, traficantes, como outrora”. (SIC)

“A escola não tem papel positivo na vida destes, portanto a escola não está preparada para desenvolver algo de positivo com estes alunos”. (SIC)

Neste grupo de dois professores que são contra a reinserção no ambiente escolar, um tem ou já teve alunos vindos da Fundação e o outro mesmo sem nunca ter tido um aluno nesta condição é contrário à reinserção.

O grupo de professores que não viu resultados positivos, mas também não é contra esta reinserção é equivalente 4%, enquanto o número de professores que não viu resultados positivos, mas é contra a reinserção equivale a 7% e 37% não viram resultados positivos, mas não expressaram em seus comentários opiniões específicas sobre a reinserção. Um número elevado de professores não respondeu a esta questão, o equivalente a 33%.

Com importante significado temos 48% dos professores que reconhecem que não houve resultados positivos nesta inserção, ou seja, a escola enquanto instituição social, não auxiliou estes alunos nos aprendizados esperados.

Tabela 26 - Dados obtidos na questão 11 aplicada aos Professores da Escola A.

Questão 11		
Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Qtde	%
Alternativas para uma reinserção positiva	9	33,33
Não acreditam que possa ser feito algo positivo no ambiente escolar	4	14,81
Segurança	2	7,41
Não quiseram sugerir	2	7,41
Professores não responderam	6	22,22
Professores responderam sem coerência	4	14,81
TOTAL	27	100,00



Figura 18 - Gráfico referente a questão 11 aplicada aos Professores da Escola A.

Como pode ser observado no gráfico da figura 18, 33,33% dos entrevistados sugerem algo, como se pode ver a seguir. Outros não.

Sugestões para uma reinserção positiva

“Teríamos que fazer um trabalho diferenciado de conscientização com estes alunos”. (SIC)

“Projetos diferenciados deveriam ser feitos para trabalhar com estes alunos”. (SIC)

“Um treinamento”. (SIC)

“Que esses alunos trabalhassem em projetos a favor da escola e comunidade. Como projetos contra drogas e mutirões para limpeza e conservação”. (SIC)

“Qualificação de professores e funcionários para a forma de lidar com o caso”. (SIC)

“Programas que levam o aluno a participar em causas sociais, palestras, oficinas”. (SIC)

“Acompanhamento das autoridades competentes, como a polícia militar”. (SIC)

“Em primeiro lugar comunicar os professores sobre a presença deles e nós professores nos prepararmos para recebê-los”. (SIC)

“No caso não só para esses alunos, mas para todos, poderia ser implantado na rede formação profissional para esses e todos os alunos”. (SIC)

Como se vê, vários professores apontam sugestões de atitudes que poderiam ser tomadas para favorecer o processo de reinserção. Uma delas relativa ao conhecimento da identidade destes alunos, no caso de Liberdade Assistida, esbarra na legislação que proíbe esta identificação. Há também sugestões de cunho punitivo de maneira velada, como as que pedem a presença da polícia ou o direcionamento destes jovens para mutirões de limpeza.

Não acreditam que possa ser feito algo de positivo no ambiente escolar

“Não! O governo que invista nos órgãos competentes”. (SIC)

“Não quero sugerir nada, pois depois de toda minha opinião sobre tais seres jamais quero sugerir algo que possa melhorar, pelo contrário, bandido além de estar na cadeia, se não teve jeito tem que morrer”. (SIC)

“Terminar sua formação na Fundação casa”. (SIC)

“Não, o auxílio seria antes da reinserção social. Melhor prevenir o problema que todos empurram com a barriga, e só quando explode a bomba "o criminoso", que pensa em fazer algo”. (SIC)

Além dos comentários sobre a necessidade de punições mais severas para estes adolescentes, estes professores disseram que não têm sugestões de melhorias para o processo de reinserção no ambiente escolar, por acreditarem que estes adolescentes nem devem estar presentes no ambiente escolar.

Segurança

“Segurança” (SIC)

“Se tiver algo a ser feito, a única coisa que deve haver é uma lei que proteja e dê segurança aos professores”. (SIC)

Estes dois professores mencionaram preocupação com a segurança e entendem que deveria ser investido neste sentido, para melhoria do processo de reinserção destes alunos.

Outros dois professores não quiseram fazer sugestões e seis professores não responderam a questão.

Nas falas de 14,81% dos professores, está claro o desejo de que estes adolescentes sejam mantidos bem distantes da escola, mesmo contrariando a legislação, que prevê direitos educacionais iguais para todos os indivíduos.

3.2.3. Dados e primeiros comentários da ESCOLA B.

3.2.3.1. Resultados obtidos junto aos GESTORES da ESCOLA B.

Tabela 27 - Dados obtidos na questão 1 aplicada aos Gestores da Escola B.

Questão 1		
Qual é sua função ou cargo na escola?	Qtde	%
Diretor	1	16,67
Vice diretor	2	33,33
Coordenador pedagógico	3	50,00
TOTAL	6	100,00

Tabela 28 - Dados obtidos na questão 2 aplicada aos Gestores da Escola B.

Questão 2		
Qual é sua formação acadêmica?	QTDE	%
Letras e pedagogia	2	33,33
Matemática	1	16,67
Matemática e pedagogia	2	33,33
Educação física	1	16,67
TOTAL	6	100,00

Como pode ser observado na tabela 26, as formações dos gestores estão em maior número e com percentual igual, nas disciplinas Língua Portuguesa e Matemática, acompanhadas pela segunda formação em pedagogia.

Tabela 29 - Dados obtidos na questão 3 aplicada aos Gestores da Escola B.

Questão 3		
Há quanto tempo está nesta função, nesta escola?	Qtde	%
Menos de um ano	2	33,33
Um ano	1	16,67
Dois a três anos	2	33,33
Mais de três anos	1	16,67
TOTAL	6	100,00

Já na tabela 27 é possível observar que esta escola possui uma gestão escolar composta tanto por membros antigos, como por membros novos, em percentuais equilibrados. Inclusive enquanto estava circulando pela escola foi possível perceber que a equipe ainda está em fase de ajustes em relação às maneiras de se trabalhar.

Tabela 30 - Dados obtidos na questão 4 aplicada aos Gestores da Escola B.

Questão 4		
O que pensa a respeito da presença dos alunos vindos da Fundação Casa na escola?	Qtde	%
Falta de preparo	3	50,00
Tratamento igualitário	2	33,33
Inadequação	1	16,67
TOTAL	6	100,00

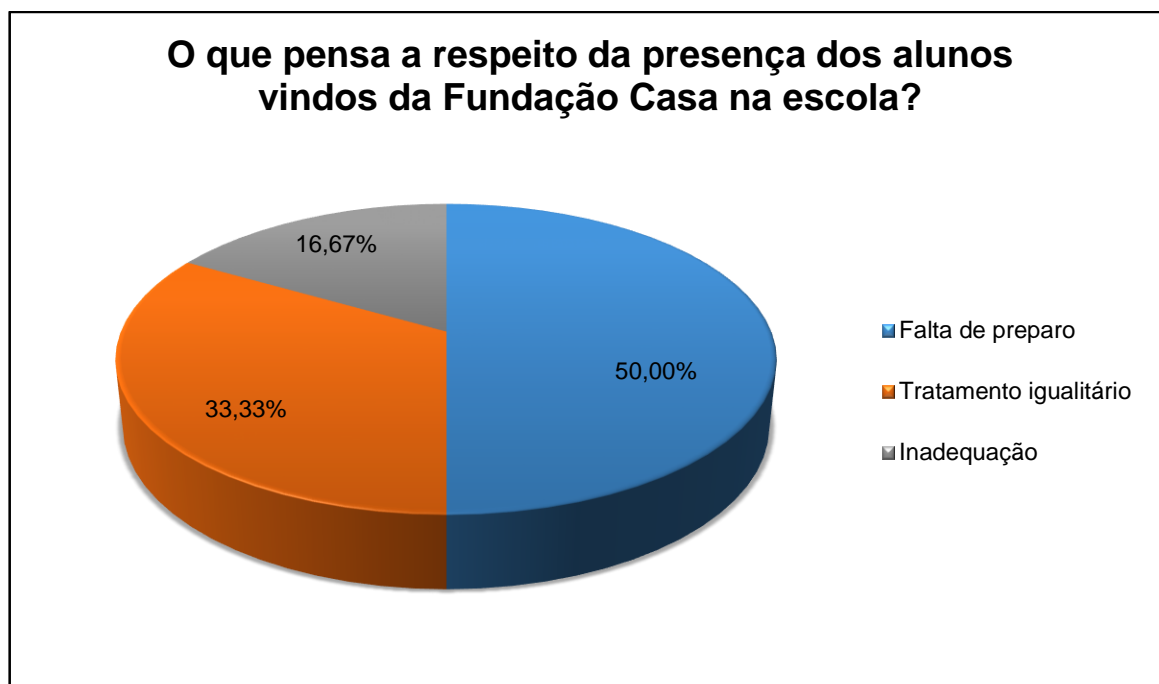


Figura 19 - Gráfico referente a questão 4 aplicada aos Gestores da Escola B.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais:

Falta de preparo

“Que apesar de ser um direito deles, mas estamos despreparados para atendê-los”. (SIC)

“Um desafio, pois não temos uma formação para lidar com a maioria. Pois há casos e casos, que as vezes foge do nosso controle”. (SIC)

“Eles representam um desafio na educação institucional, porém faz-se necessário a socialização destes alunos e reinserção na sociedade. Gostaria que fossemos melhor preparados para recebê-los também acho que devem receber apoio psicológico”. (SIC)

Nestes depoimentos está implícita a concordância com a presença destes jovens na escola, mas indicam, ao mesmo tempo um temor em tê-los por conta da falta de preparo dos próprios gestores. Estes trechos indicam que nem mesmo a gestão se considera preparada para receber estes alunos, e que precisam de formação neste sentido. Gestores que se sentem despreparados para este tipo de trabalho terão dificuldade em apoiar os professores para que promovam uma reinserção positiva destes alunos no contexto escolar.

Tratamento igualitário

“A escola é uma instituição que contribui para a construção de uma nova geração. É aquela que sabe que, entre as diferenças, todos somos iguais. Então se um cidadão solicita uma vaga na nossa Unidade Escolar, aqui todos serão tratados como alunos”. (SIC)

“Por um lado é bom pois poderemos mostrar que há um novo mundo de oportunidades que não há necessidade de envolver-se com o mundo de crime”. (SIC)

Estes gestores demonstram intenção de proporcionar novas oportunidades a estes adolescentes, o que é extremamente importante, pois se a gestão acredita que esta também é função da escola, pode agir de maneira que favoreça este processo de reinserção junto aos professores.

Inadequação

“A legislação é cumprida, porém a própria Fundação é falha na questão da reeducação. Dentro da escola eles não se adequam ao comportamento de alunos”. (SIC)

No trecho acima, o membro da gestão escolar, culpabiliza o sistema educacional da Fundação CASA por não reeducar estes adolescentes.

O grupo responsável pela gestão desta unidade escolar, mostra-se dividido em relação a estes adolescentes, o que acredito ser um entrave no processo de reinserção no contexto escolar, pois a maioria, 50% dos gestores, se consideram despreparados, ou seja, sem condições de promover ações positivas para a reinserção destes alunos. Enquanto, 33,33% acreditam que estes adolescentes devem ter um tratamento igual aos dos demais alunos, ou seja, este grupo está disposto a trabalhar no sentido de promover a reinserção. Um membro apenas, representando 16,67% do grupo, acredita que é inadequada a presença destes alunos na escola, por deficiências no sistema educacional da Fundação CASA. Assim, isenta a escola de suas responsabilidades em relação a este educando, quando atribui os problemas a instituições externas. Esta diferença de entendimentos no interior da gestão da escola não favorece para que o processo de inserção destes jovens ocorra.

Tabela 31 - Dados obtidos na questão 5 aplicada aos Gestores da Escola B.

Questão 5		
O que julga que os educadores da escola pensam sobre a presença destes alunos?	Qtde	%
Intimidação	2	33,33
Não acreditam na ressocialização	2	33,33
Visão estigmatizadora	2	33,33
TOTAL	6	100,00

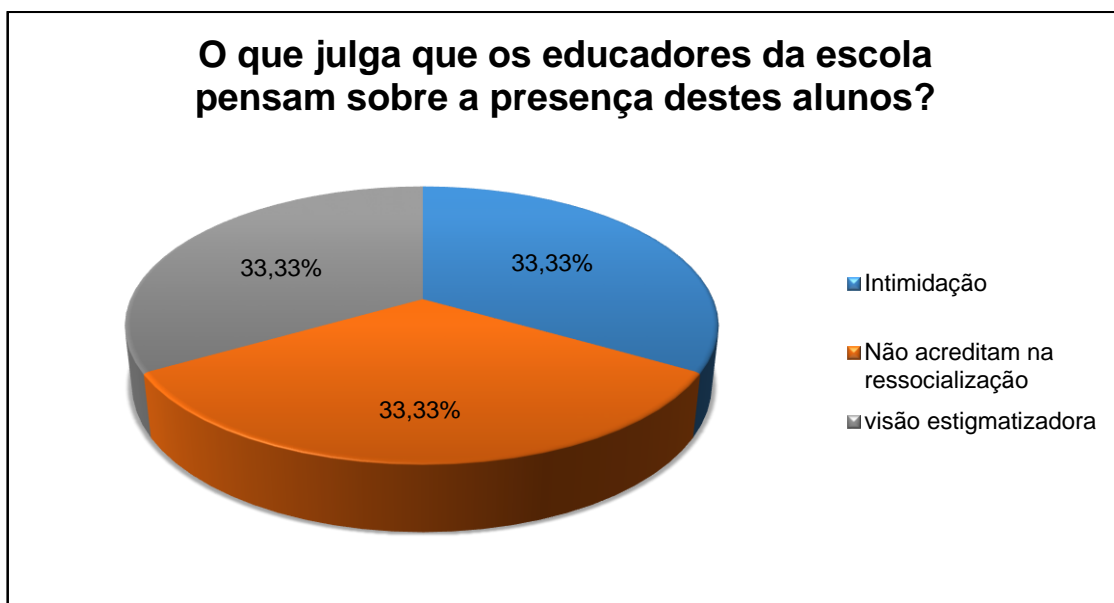


Figura 20 - Gráfico referente a questão 5 aplicada aos Gestores da Escola B.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais

Intimidação

“Não aceitam, tem medo deles e não se aproximam. A direção e coordenação tem que mediar o convívio”. (SIC)

“Muitos professores sentem medo, acabam cedendo muito e não impondo as regras de deveres aos alunos com medo a represálias”. (SIC)

Dois membros da gestão pensam que por medo, os professores não lidam com os adolescentes vindos da Fundação CASA da mesma maneira que lidam com os demais alunos.

Não acreditam na ressocialização

“Um pouco de discriminação, por não ver que se trata de um ser humano que precisa ser educado”. (SIC)

“Acho que todos pensam que eles não irão se recuperar e que irão contaminar os outros com suas posturas. Eu acredito na educação e acho que eles podem e devem ser tratados como todos, com amor e respeito”. (SIC)

Estes outros dois membros da gestão reconhecem a discriminação dos professores em relação a estes adolescentes, por não acreditarem que seja possível que eles se reintegrem a sociedade de maneira correta, ou seja, cumprindo seus deveres e gozando de seus direitos.

Visão estigmatizadora

“A maioria dos professores não vê o aluno como um indivíduo e também não estão preparados para trabalhar com jovens infratores que tem dificuldades em lidar com regras, em estabelecer rotinas”. (SIC)

“Tratamos o alunos com olhos mais cuidadosos, visando observar seu comportamento”. (SIC)

Estes membros da gestão reconhecem que os olhares são diferenciados para estes alunos, o que pode ser justamente o início do processo de exclusão dentro do contexto escolar.

Nesta questão a equipe gestora se dividiu em três blocos iguais de 33,33%, com opiniões divergentes entre cada bloco, ou seja, as análises que eles fazem dos professores em relação a este assunto, também não é consenso entre eles, citaram a questão do medo, da discriminação e de olhares mais atentos em direção a estes alunos.

Tabela 32 - Dados obtidos na questão 6 aplicada aos Gestores da Escola B.

Questão 6		
Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Qtde	%
Sim	2	33,33
Não	4	66,67
TOTAL	6	100,00

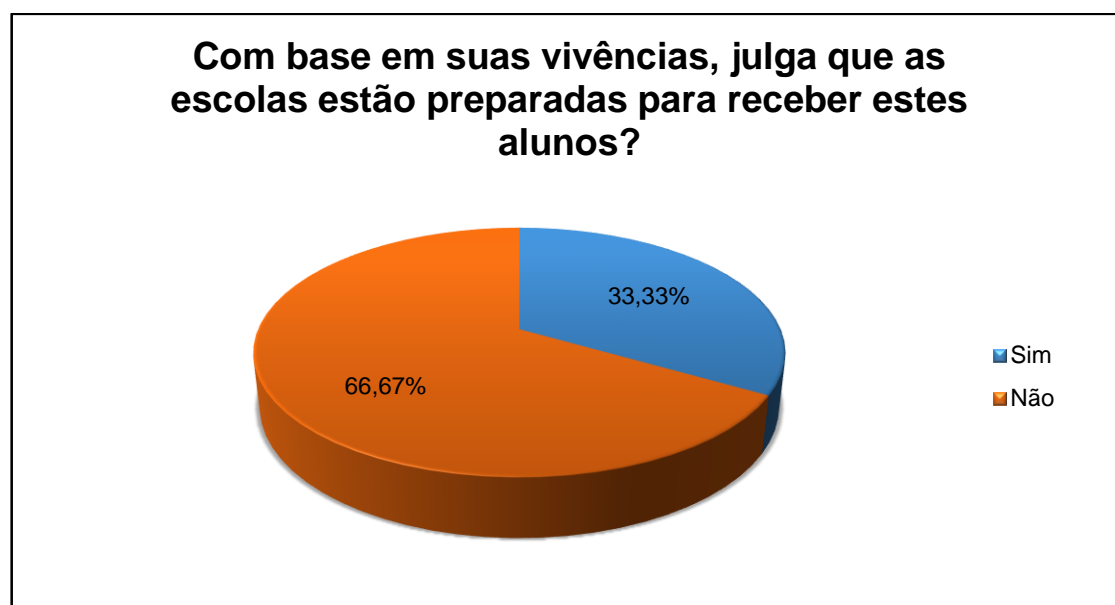


Figura 21 - Gráfico referente a questão 6 aplicada aos Gestores da Escola B.

Novamente a maior porcentagem de gestores considera a escola como um local não adequado para receber estes alunos. A maioria dos gestores deste grupo parece ignorar que a educação escolar é um direito de todos, portanto também dos jovens em questão.

Tabela 33 - Dados obtidos na questão 7 aplicada aos Gestores da Escola B.

Questão 7		
Com base em suas vivências, julga que os professores estão preparados para receber estes alunos?	Qtde	%
Sim	1	16,67
Não	5	83,33
TOTAL	6	100,00

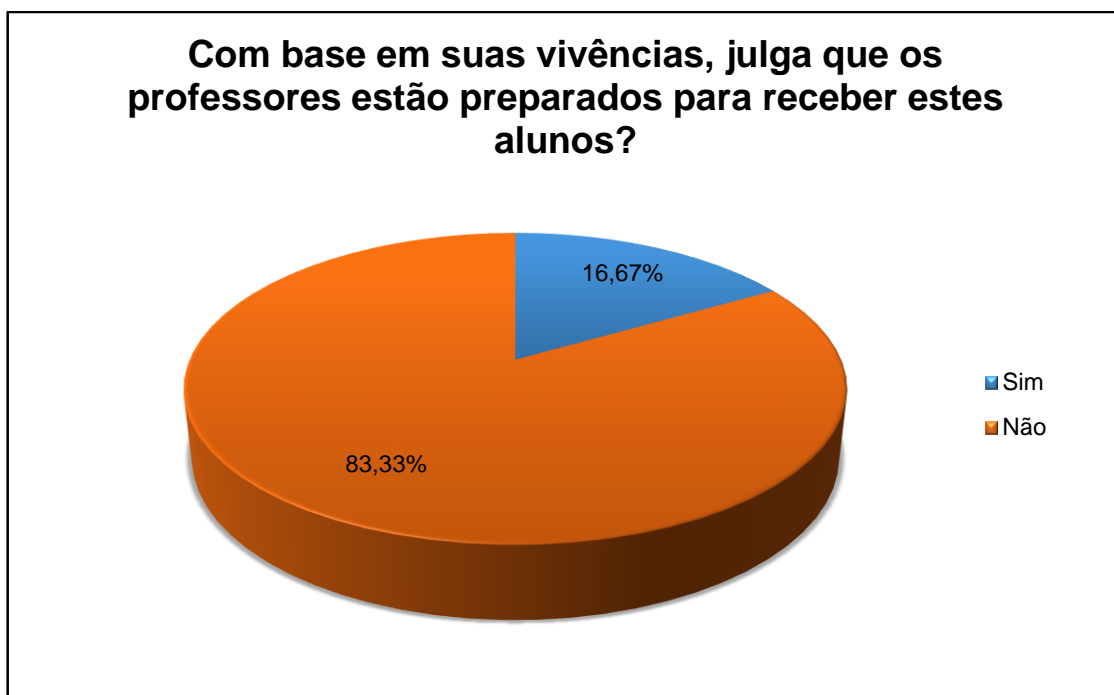


Figura 22 - Gráfico referente a questão 7 aplicada aos Gestores da Escola B.

Nesta questão observa-se na figura 22 que a maioria do grupo de gestores, 83,33%, afirma que também os professores não estão preparados para receber os alunos vindos da Fundação CASA. Compreende-se esta falta de preparo como impossibilidade de atingir os objetivos da educação, que são de favorecer aprendizagens em diferentes aspectos, não apenas dos conteúdos, mas também de valores éticos, dos aspectos emocionais e desenvolvimento da autonomia.

Tabela 34 - Dados obtidos na questão 8 aplicada aos Gestores da Escola B.

Questão 8		
Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Qtde	%
Sim	4	66,67
Não	2	33,33
TOTAL	6	100,00

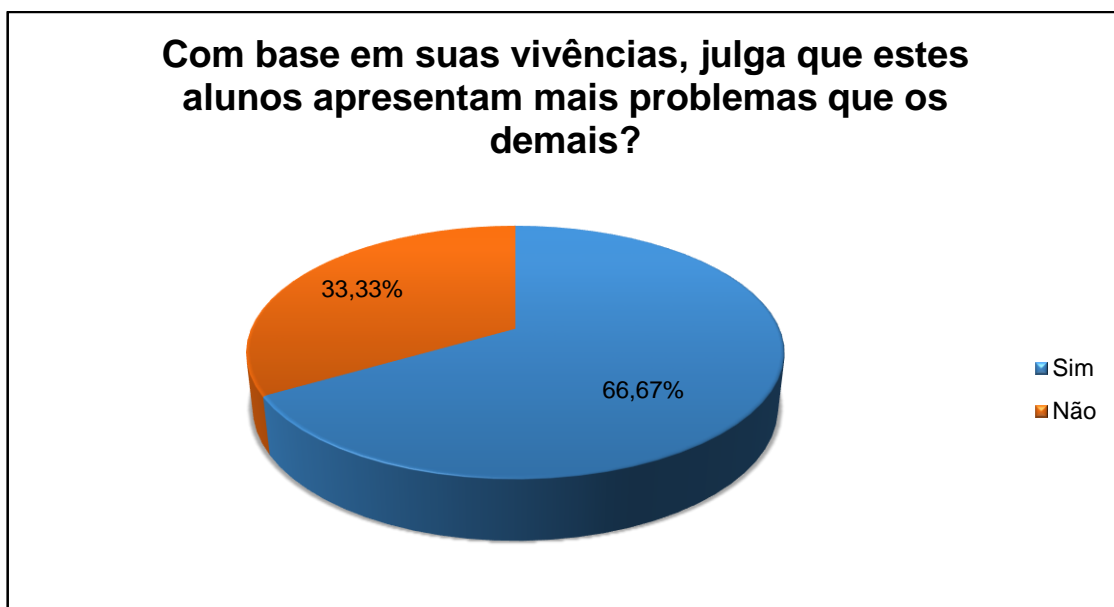


Figura 23 - Gráfico referente a questão 8 aplicada aos Gestores da Escola B.

A maioria dos gestores e professores desta escola, como pode ser observado na figura 23, acredita que os alunos vindos da Fundação CASA geram mais problemas que os demais alunos no contexto escolar.

Tabela 35 - Dados obtidos na questão 9 aplicada aos Gestores da Escola B.

Questão 9		
Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Qtde	%
Desrespeito às regras	3	75,00
Vivências	1	25,00
TOTAL	4	100,00

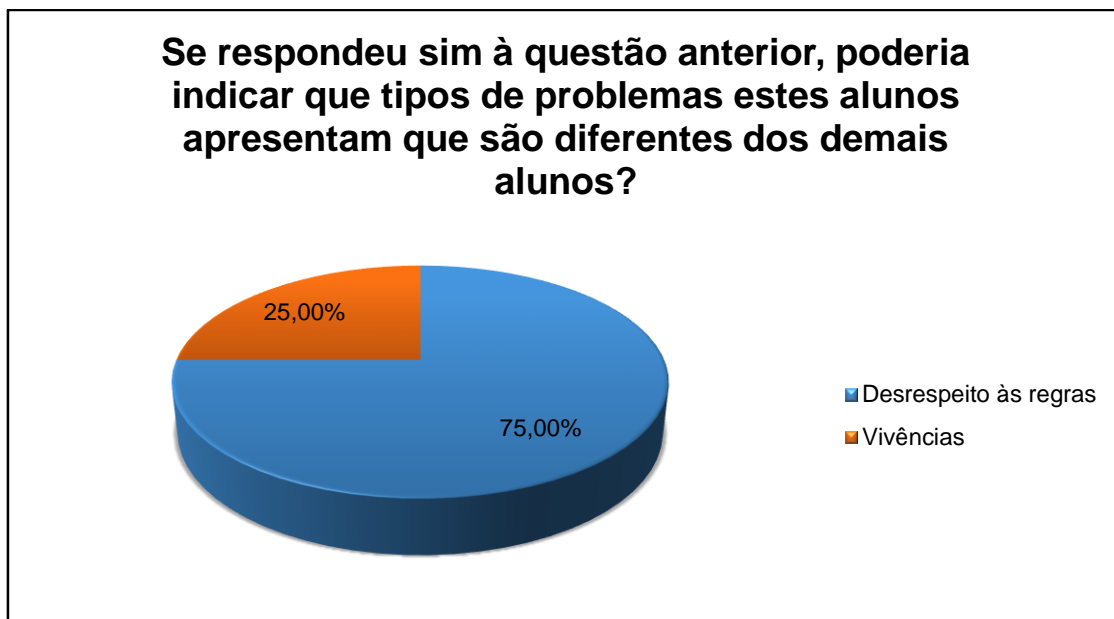


Figura 24 - Gráfico referente a questão 9 aplicada aos Gestores da Escola B.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais:

Desrespeito as regras

“São agressivos. Não gostam da escola. Voltam a traficar dentro da escola (se forem traficantes). Não respeitam regras e hierarquia. Usam drogas dentro da sala de aula”. (SIC)

“Por não respeitarem as normas da escola, por não estarem motivados na aprendizagem”. (SIC)

“Eles infelizmente acham que ser egresso da Fundação é um título e que não devem respeitar hierarquia, desafiam o tempo todo”.

Estes membros da gestão acreditam que os adolescentes vindos da Fundação CASA geram mais problemas no cotidiano escolar, por não respeitarem hierarquia, alguns por serem envolvidos com drogas ilícitas e por outras razões.

Vivências

“Acreditam que falta a eles uma perspectiva de vida, sonhos, ambições. Já tem uma carga com o que tem que pagar ou pagou pelo seu ato incorreto, e se sentem

carentes, violentos, desamparados, é um misto. Precisam ser melhor assistidos”. (SIC)

Há aqui um reconhecimento de que diversos fatores da vida influenciam na maneira de agir destes adolescentes, incluindo aí seus envolvimento jurídicos.

O desrespeito às regras e as consequências de vivências negativas foram apontados como problemas a mais que os alunos vindos da Fundação CASA, geram em relação aos outros alunos.

Tabela 36 - Dados obtidos na questão 10 aplicada aos Gestores da Escola B.

Questão 10		
Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Qtde	%
Não	5	83,33
Baixo índice de resultados positivos	1	16,67
TOTAL	6	100,00

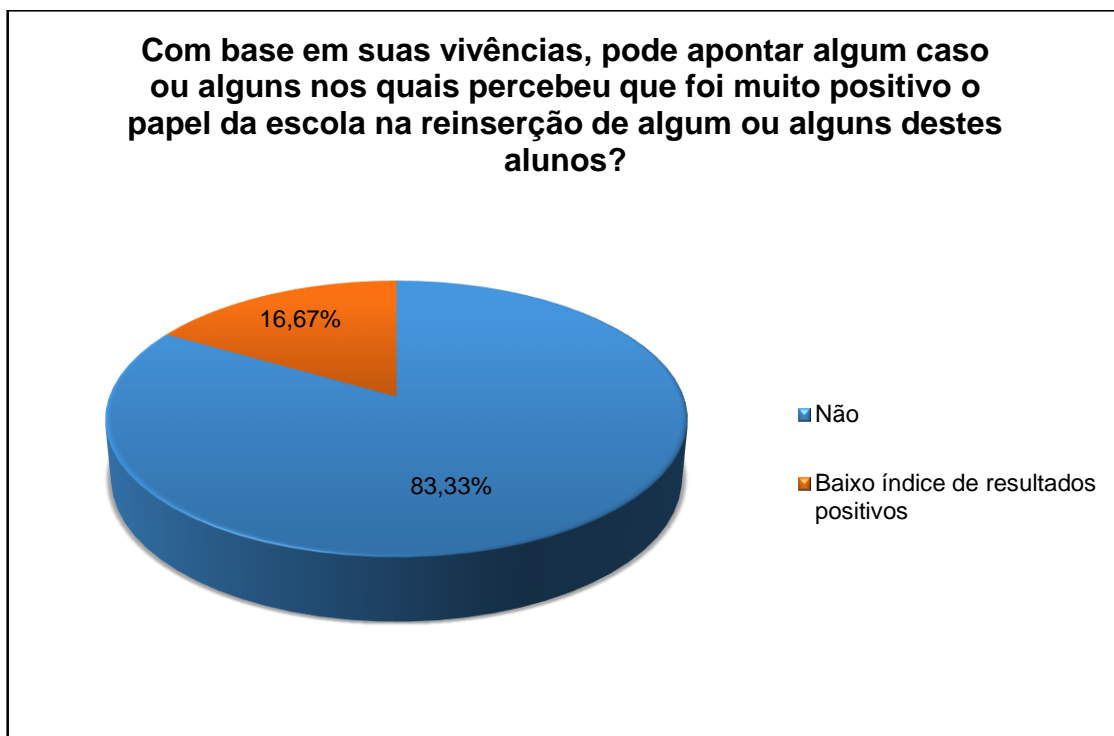


Figura 25 - Gráfico referente a questão 10 aplicada aos Gestores da Escola B.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais:

“Infelizmente a escola não faz diferença para estes alunos, pois voltam a cometer delitos” (SIC)

“Infelizmente não”. (SIC)

“Não tive essa vivência”.

“Essa pergunta não posso responder em virtude que a unidade escolar não tem ou não faz um acompanhamento desses alunos e na maioria das vezes o aluno é considerado abandono ou volta para a Fundação Casa”. (SIC)

“Infelizmente não tive essa vivência”. (SIC)

Estes membros da gestão não presenciaram nenhum caso positivo de reinserção com contribuição escolar, e admite-se a falta de controle sobre este aspecto. Um gestor apesar de dizer que a escola não tem este controle, afirma que a maioria dos adolescentes vindos da Fundação CASA abandonam a escola ou voltam para a Fundação. Não ficou claro que base de dados ele utilizou para chegar a esta conclusão.

Baixo índice de resultados positivos

“No caso de 7 alunos inseridos, pode-se apontar 1 dentre eles que se adequam à escola”. (SIC)

Este membro da gestão reconhece que um número muito pequeno de alunos vindos da Fundação CASA permanece na escola. A questão a ser analisada é se de fato, como menciona o gestor, estes alunos têm sido inseridos no contexto escolar, porque os indícios são justamente de que eles apenas são tolerados neste ambiente, e não realmente aceitos pela maioria da comunidade escolar, por esta ótica, nem chega a acontecer inserção destes alunos, e ainda com menor probabilidade que este processo esteja sendo útil, verdadeiro e coerente conforme garantido em lei, não só para estes adolescentes, mas para todos os envolvidos no processo educacional.

Tabela 37 - Dados obtidos na questão 11 aplicada aos Gestores da Escola B.

Questão 11		
Pode sugerir algo que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	QTDE	%
Preparação dos educadores para este trabalho	4	66,67
Projetos	1	16,67
Não respondeu	1	16,67
TOTAL	6	100,00



Figura 26 - Gráfico referente a questão 11 aplicada aos Gestores da Escola B.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais:

Preparação dos educadores para este trabalho

“Professores capacitados só para eles. Oficinas voltadas para o trabalho manual envolvendo-os. Ter um membro direto dessas fundações para acompanhá-los diariamente. Pois quando colocamos que não temos vaga, ou perguntamos sobre o aluno, eles nos ameaçam dizendo que é ordem do juiz. Eu pergunto: Tem filho de juiz estudando na escola pública?” (SIC)

“Gostaria muito de uma equipe: professores; psicólogos; assistentes sociais. Pois acredito que só desta forma poderemos ajudar de forma mais efetiva os nossos alunos”. (SIC)

“A capacitação, a formação dos gestores e professores até mesmo funcionários para melhor trabalho”. (SIC)

“Apoio psicológico, docentes com formação específica, e Orientações constantes no trato com estes alunos”. (SIC)

Nestes trechos percebe-se que os gestores julgam extremamente necessárias formações para lidar com estes alunos, porém, em determinados momentos atribuem as competências para lidar com estes adolescentes, a membros que não são do cotidiano escolar, mas que adentrariam a escola para lidar com estes alunos. Chama a atenção o questionamento sobre a impossibilidade de rejeitar a matrícula destes adolescentes. Nesta fala a exclusão deixa de ser velada e se torna muito clara, pois o posicionamento é totalmente contrário à presença destes adolescentes nesta escola, mesmo contrariando a legislação que lhes garante este direito.

Projetos

“Um projeto voltado exatamente para este tipo de problema”. (SIC)

Não ficou claro a que tipo de problema se refere este gestor. E o outro gestor deste grupo optou por não responder esta questão.

3.2.3.2.Resultados obtidos junto aos PROFESSORES da ESCOLA B

Tabela 38 - Dados obtidos na questão 1 aplicada aos Professores da Escola B.

Questão 1		
Há quanto tempo leciona nesta escola?	Qtde	%
Menos de um ano	6	30,00
Um ano	2	10,00
Dois a três anos	3	15,00
Mais de três anos	9	45,00
Total	20	100,00

No grupo de professores entrevistados, há uma maioria de professores com experiência de mais de três anos lecionando nesta escola, mas em grande número também, há professores recém chegados à escola (tabela 36), o que configura um grupo misto em relação às experiências em andamento na unidade escolar e, no interior delas, com os alunos advindos da Fundação CASA.

Tabela 39 - Dados obtidos na questão 2 aplicada aos Professores da Escola B

Questão 2		
Disciplina que leciona ou Atividade que desenvolve?	Qtde	%
Arte	1	5,00
Ciências	1	5,00
Educação Física	1	5,00
Geografia	1	5,00
História	2	10,00
Língua Portuguesa	8	40,00
Matemática	2	10,00
Biologia	2	10,00
Sociologia	1	5,00
Professor Auxiliar	1	5,00
TOTAL	20	100,00

Tabela 40 - Dados obtidos na questão 3 aplicada aos Professores da Escola B.

Questão 3		
Tem ou teve alunos vindos da Fundação CASA?	Qtde	%
Sim	15	75,00
Não	5	25,00
TOTAL	20	100,00

Como pode ser observado no resultado obtido da questão 3 e apresentado na tabela 38, a grande maioria, ou seja, 75% dos professores que participaram da pesquisa, já tiveram contato com adolescentes advindos da Fundação CASA como alunos. Pretende-se, mais à frente, verificar se há diferenças sobre o que pensam em relação a estes adolescentes os professores que já os tiveram como alunos e os que nunca tiveram contato com eles, pois faz parte da hipótese que os preconceitos em relação a estes adolescentes são circulantes na sociedade e por consequência trazidos para o ambiente escolar.

Tabela 41 - Dados obtidos na questão 4 aplicada aos Professores da Escola B

Questão 4		
Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Qtde	%
Professores a favor, com restrição	3	60,00
Professores a favor	2	40,00
TOTAL	5	100,00

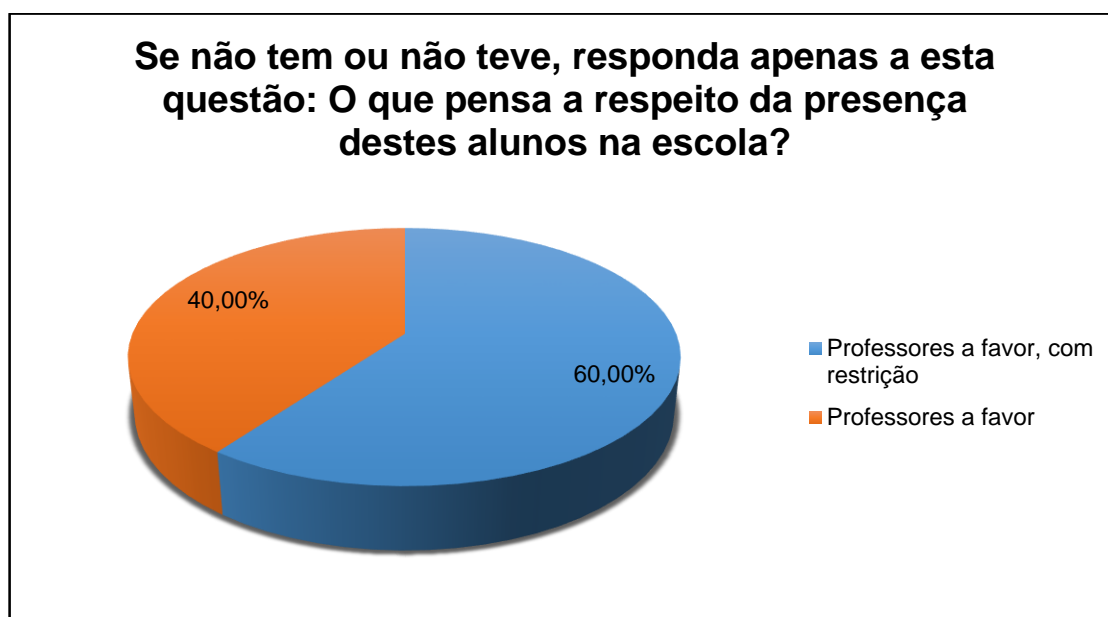


Figura 27 - Gráfico referente a questão 4 aplicada aos Professores da Escola B.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais:

Favoráveis à reinserção, com restrições

“Particularmente acho uma situação difícil, porém, não é impossível. Concordo que excluí-los não é solução, mas não estou preparada para lidar com esta situação. Como mãe faria o possível para ajudá-los, mas na sala de aula precisaria de mais recursos”. (SIC)

“Temos que tratá-los com muito respeito e dignidade e ajudá-los a se sentir bem na sala de aula para eles também te respeitar e voltar a ser cidadão e de repente ser tratados como pessoas de bem na sociedade”. (SIC)

“A escola é para todos, mas mediante a um treinamento específico”. (SIC)

Estes professores que nunca tiveram alunos vindos da Fundação CASA, demonstraram ser a favor da reinserção destes alunos na escola, porém com restrições, devido ao fato de não saberem como lidar com estes adolescentes.

Favorável à reinserção

” [...] é um direito deles previsto na Constituição Federal. E esse direito não pode ser negado. A presença deles tem a mesma importância da dos outros alunos. Com todos tenho que desempenhar bem meu papel de mediadora do conhecimento”.
(SIC)

Esta professora que nunca teve adolescentes vindos da Fundação CASA como alunos, compreende que independentemente da origem do aluno, todos têm o direito de serem tratados igualmente, atendendo desta maneira ao princípio de igualdade de direitos, inclusive educacionais, garantidos nas legislações nacionais.

Neste grupo de professores que nunca tiveram alunos vindos da Fundação CASA, encontra-se disposição para o trabalho com estes adolescentes, porém a necessidade denunciada por estes professores é a de terem um preparo específico para lidar com eles. Uma professora integrante deste mesmo grupo diz que estes adolescentes devem ser tratados como os demais. Pode-se dizer que tratá-los de maneira igualitária não quer dizer exatamente tratar a todos da mesma maneira, mas respeitando suas particularidades e seus repertórios de vida?

Tabela 42 - Dados obtidos na questão 5 aplicada aos Professores da Escola B

Questão 5		
Se tem ou teve alunos vindos da Fundação CASA, responda, por favor, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Qtde	%
São favoráveis a reinserção	4	26,67
São favoráveis a reinserção, porém com restrições	4	26,67
São contra	3	20,00
São radicalmente contra	1	6,67
Responderam sem coerência	3	20,00
TOTAL	15	100,00

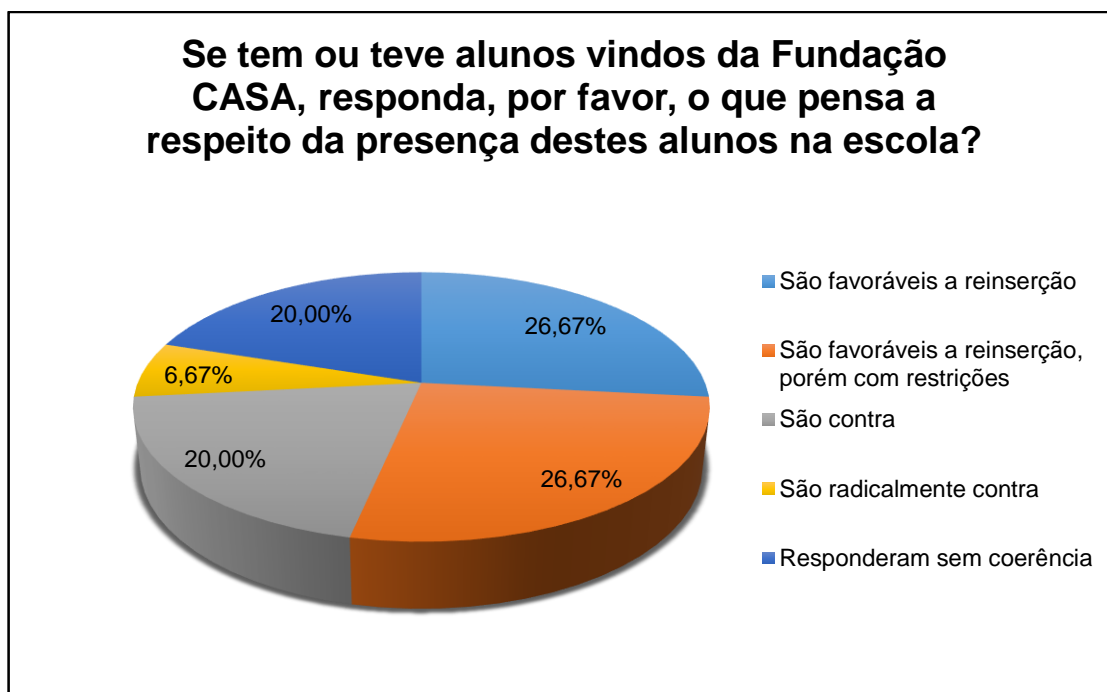


Figura 28 - Gráfico referente a questão 5 aplicada aos Professores da Escola B.

Abaixo seguem trechos das respostas dos professores e análises iniciais:

São favoráveis a reinserção

“Apesar de serem amparados pela Lei, acho que todos merecem uma 2ª oportunidade, nunca tive problemas com esses alunos em questão”. (SIC)

“Para mim são alunos, assim como os outros, independente ou não de terem tido problemas com a lei, o tratamento é o mesmo para todos”. (SIC)

“Ressocialização direito e dever da escola em cumprir seu papel neste processo”. (SIC)

Neste grupo de três professores que têm ou já tiveram alunos vindos da Fundação CASA, as opiniões são no sentido de garantir o direito educacional a estes adolescentes e também de colaborar para o processo de ressocialização, com reconhecimento de que este processo também é de responsabilidade da escola.

Favoráveis à reinserção com restrições

“Acredito que estes jovens têm o direito de serem reinseridos na sociedade, porém os profissionais da escola devem ser capacitados para recebê-los”. (SIC)

“A escola deve atender todos, mas com regras e um profissional da fundação CASA para orientar os professores, direção e coordenação”. (SIC)

“Eu creio que a escola deve atender todos os alunos sem discriminação alguma, porém com alguns critérios à serem seguidos, como capacitações, treinamento e um profissional da fundação CASA a disposição da escola”. (SIC)

“Penso sobre essa questão que como participantes da vida escolar desses alunos, deveríamos ser previamente comunicados e treinados para melhor atendimento aos mesmos. Assim como, estar preparado para eventuais problemas”. (SIC)

Neste grupo de professores existem falas indicando a aceitação destes adolescentes, porém com condições. Uma delas diz respeito, como já foi apontado no caso da Escola A, a uma condição não permitida em lei, que é a identificação prévia destes adolescentes. Ainda neste grupo de professores, surgiu a sugestão de que houvessem funcionários da Fundação CASA na escola, para acompanhar estes alunos e orientar os profissionais que nela atuam. Isso será comentado no Capítulo Terceiro.

Contrários à reinserção

“Um pouco conturbado devido a estrutura e acompanhamento desses alunos, que, de forma geral, apenas são jogados na escola sem organização e apoio especializado”. (SIC)

“É de extrema preocupação e, também, prejudicial”. (SIC)

“São alunos sem direção, sem perspectiva de futuro”. (SIC)

Este grupo de professores é contra a reinserção dos alunos vindos da Fundação CASA, por acreditar que estes adolescentes atrapalham o andamento do trabalho escolar, mas sem especificação de razões para esta maneira de pensar.

Radicalmente contra

“Tendo em vista que os alunos não saem socializados da Fundação Casa, eles não deveriam ficar no mesmo ambiente que os demais alunos por uma "longa" série de fatores”. (SIC)

Este professor é radicalmente contra a reinserção dos adolescentes vindos da Fundação CASA na escola, pois, ainda que generalizando, afirma que não saem “socializados” daquela Instituição. Além disso, não especifica os motivos que o levam a pensar desta maneira, e quais seriam os fatores prejudiciais aos demais alunos.

Tabela 43 - Dados obtidos na questão 6 aplicada aos Professores da Escola B

Questão 6		
Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Qtde	%
Sim, não teve alunos vindos da Fundação CASA	1	5,00
Não, têm ou tiveram alunos vindos da Fundação CASA	15	75,00
Não, não tiveram alunos vindos da Fundação CASA	2	10,00
Não tiveram alunos vindos da Fundação CASA e não responderam a questão	2	10,00
TOTAL	20	100,00

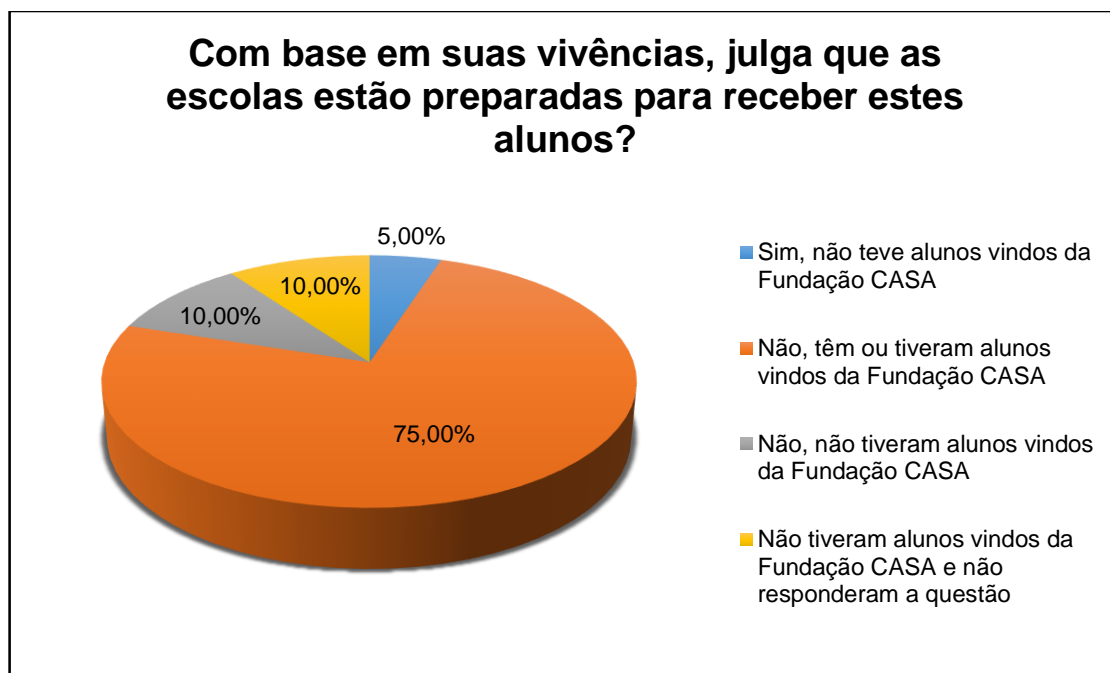


Figura 29 - Gráfico referente a questão 6 aplicada aos Professores da Escola B.

Foi unanimidade entre os professores que já tiveram alunos vindos da Fundação CASA, que a escola não está preparada para recebê-los. Se o gráfico fosse apenas deste grupo, teria representado 100%.

Os dados referem-se a dois grupos de professores: os que tiveram e os que não tiveram alunos vindos da Fundação CASA.

No grupo de professores que nunca tiveram alunos vindos da Fundação CASA as opiniões se dividiram: um professor acredita que a escola está preparada e outros dois professores somam-se aos que já tiveram estes adolescentes como alunos, afirmando que a escola não está preparada para recebê-los. Dois outros professores deste grupo, não responderam a esta questão.

Percebe-se que mesmo sendo diferentes as condições dos professores (uns que já tiveram estes adolescentes como alunos e outros não), a maioria tem a mesma opinião nesta questão: a escola não está preparada para receber estes adolescentes, o que representa 85% do grupo.

Tabela 44 - Dados obtidos na questão 7 aplicada aos Professores da Escola B.

Questão 7		
Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	Qtde	%
Sim, não teve alunos vindos da Fundação CASA	1	5,00
Não, têm ou tiveram alunos vindos da Fundação CASA	15	75,00
Não, não tiveram alunos vindos da Fundação CASA	2	10,00
Professores que não tiveram alunos vindos da Fundação CASA e não responderam a questão	2	10,00
TOTAL	20	100,00

É possível observar nos dados da tabela 43 e no gráfico apresentado na figura 30 que novamente foi unanimidade, ou seja, 100% os professores que já tiveram alunos vindos da Fundação CASA, consideram que não estão preparados para lidar com estes alunos. O resultado é igual, também, ao da questão anterior, no grupo de professores que nunca tiveram estes adolescentes como alunos, totalizando 85% de professores que não se consideram preparados para lidar com estes alunos. 10% (professores que nunca tiveram estes adolescentes como alunos) consideram estar preparados para lidar com eles.

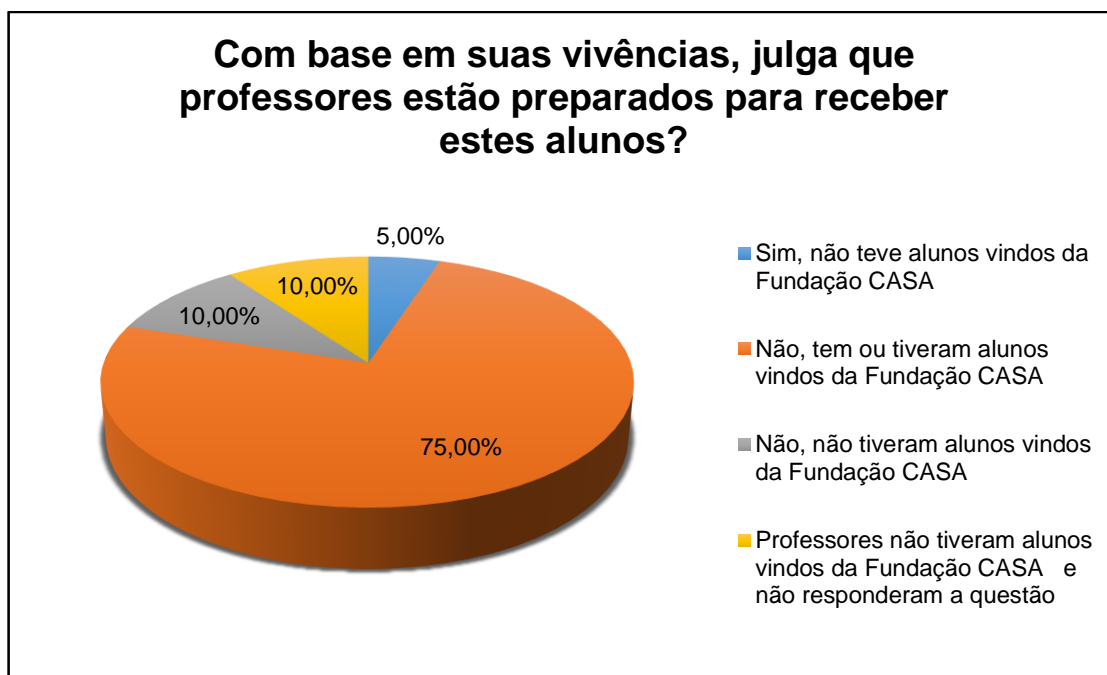


Figura 30 - Gráfico referente a questão 7 aplicada aos Professores da Escola B.

Se os professores que lidam com estes alunos no cotidiano e os que mesmo sem contato com eles acreditam não estar preparados para docência com estes adolescentes, dificilmente a escola proporcionará em suas práticas a ressocialização destes alunos, negando assim a eles o direito de receberem ajuda educacional que os auxilie na construção de suas próprias cidadanias.

Tabela 45 - Dados obtidos na questão 8 aplicada aos Professores da Escola B.

Questão 8		
Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Qtde	%
Sim, tem ou tiveram alunos vindos da Fundação CASA	10	50,00
Não, tem ou tiveram alunos vindos da Fundação CASA.	5	25,00
Sim, não tiveram alunos vindos da Fundação CASA	2	10,00
Não, não teve alunos vindos da Fundação CASA.	1	5,00
Professores não tiveram alunos vindos da Fundação CASA e não responderam a questão	2	10,00
TOTAL	20	100,00

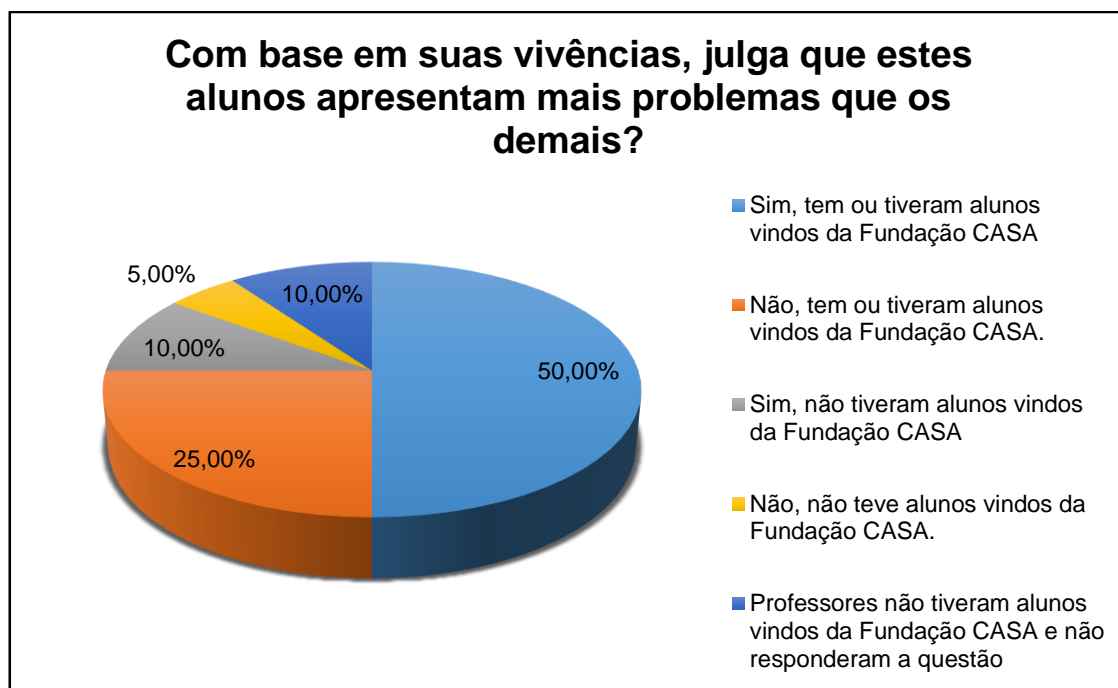


Figura 31 - Gráfico referente a questão 8 aplicada aos Professores da Escola B.

Neste item, as opiniões entre os professores que têm ou tiveram alunos vindos da Fundação CASA, não foi unânime, pois 10 professores deste grupo, o que representa 50%, disseram que os alunos vindos da Fundação CASA apresentam mais problemas que os demais alunos da escola, enquanto 5 professores deste mesmo grupo, ou seja 25%, responderam que estes alunos não apresentam mais problemas que os demais alunos, enquanto que no grupo de professores que nunca tiveram estes adolescentes como alunos, 2 professores, ou seja 10%, responderam que sim, ou seja, também consideram que eles geram mais problemas que os demais alunos, e apenas 1 professor, o que representa 5%, disse que não geram mais problemas que os demais alunos. 60% do total do grupo acreditam que estes adolescentes geram mais problemas que os demais alunos da escola, enquanto 30% considera que estes adolescentes não trazem mais problemas para o cotidiano escolar que os demais alunos. Os 10% restantes, não responderam a questão. Os dados podem ser observados na tabela 44 e no gráfico apresentado na figura 30.

Tabela 46 - Dados obtidos na questão 9 aplicada aos Professores da Escola B.

Questão 9		
Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Qtde	%
Indisciplina	4	20,00
Crimes	1	5,00
Intimidação	2	10,00
Dificuldades de aprendizagem	1	5,00
Exclusão	2	10,00
Resultados de vivências	3	15,00
Não responderam	7	35,00
TOTAL	20	100,00

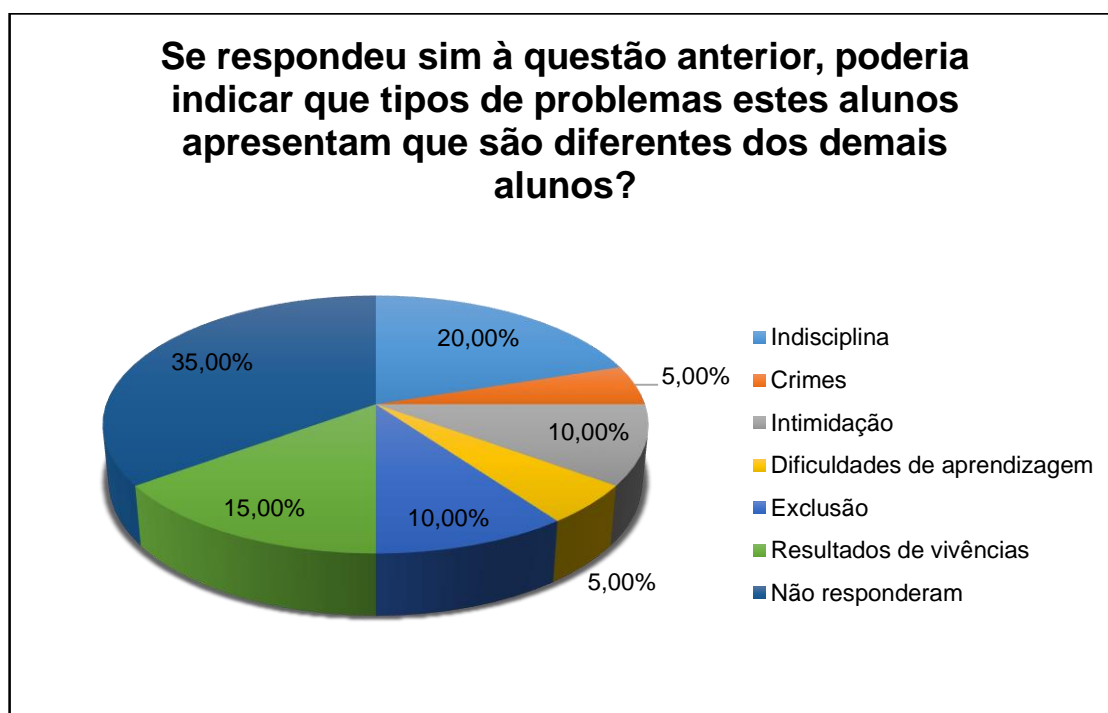


Figura 32 - Gráfico referente a questão 9 aplicada aos Professores da Escola B.

Abaixo seguem trechos das respostas dos gestores e análises iniciais:

Indisciplina

“Falta de disciplina”. (SIC)

“Auto estima baixa, indisciplina” [...]. (SIC)

“Auto estima baixa, comportamento inadequado”. (SIC)

“Comportamento agressivo”. (SIC)

Embora a falta de disciplina tenha sido mencionada por 4 professores que têm ou já tiveram alunos vindos da Fundação CASA, dois destes professores apontaram para um aspecto que considero relevante, a baixa autoestima destes adolescentes. Entende-se por baixa autoestima, a caracterização por uma percepção negativa que o indivíduo tem de si mesmo, provocando uma sensação de incapacidade ou menos valia. Este é um aspecto de grande importância na vida de qualquer ser humano, porque seja na vida familiar, escolar, profissional ou social, esse ponto de vista negativo íntimo pode determinar o que este indivíduo vai ou não conquistar em sua vida. A escola pode justamente realizar um trabalho que promova credibilidade a estes adolescentes, por meio de incentivo em relação às capacidades que eles possuem de se desenvolverem, o que é parte integrante da formação cidadã. Mais uma vez, é bom que se diga, ao se conversar com professores, a queixa relativa à falta de disciplina não se refere apenas aos jovens advindos da Fundação CASA. Mas, nestes casos ela parece se agravar.

Crimes

“Eles são criminosos, traficam, matam, estupram, roubam, furtam”. (SIC)

O professor que tem ou já teve alunos vindos da Fundação CASA, aponta os possíveis delitos cometidos, mas não especifica se eles cometem estes atos dentro da escola. A impressão é que ele se refere à possibilidade disso ocorrer ou à possibilidade de, por terem cometido estes delitos, eles serem mais indisciplinados.

Intimidação

“Alguns usam a frase eu já fui ou sou da Fundação para exercer poder na sala de aula perante os outros alunos”. (SIC)

“Eles intimidam, falam que já foram da fundação casa e etc”. (SIC)

Nos trechos acima, os dois professores mencionam posturas de intimidação verbal, as visões são iguais, embora um professor já tenha tido alunos vindos da Fundação CASA e outro não. Em relação ao professor que nunca teve estes

adolescentes como alunos, este pode ser um indício de uma construção de imagem prévia, baseada em conceitos dos discursos de outras pessoas.

Dificuldades de aprendizagem

“[...] dificuldade de assimilação [...]”. (SIC)

Na realidade atual da educação básica pública, não é característica de poucos alunos as dificuldades de aprendizagem, por isso, não pode ser atribuída exclusivamente como uma característica destes adolescentes.

Exclusão

“Falta de integração com os próprios alunos”. (SIC)

“Socialização [...]”. (SIC)

“A aceitação sem medo”. (SIC)

Os três professores autores destas afirmações, têm ou já tiveram alunos vindos da Fundação CASA. Mesmo que de maneira velada, reconhecem que há exclusão em relação a estes adolescentes. Justamente o que foi mencionado por um adolescente em situação de reincidência na Fundação CASA, pois ele comenta que os professores e colegas olham para eles de maneira diferente, o sentimento de exclusão também pode gerar uma série de complicações no andamento do trabalho escolar, pois se o aluno não tem o sentimento de pertencimento aquele local, aquele grupo, dificilmente irá zelar para este funcione de maneira adequada.

Resultados de vivências

“Sofreram abusos e violência além daqueles relacionados ou conhecidos pela escola. São usuários de drogas”. (SIC)

“Falta de estrutura e afeto”.

“Muitos com problemas familiares, vícios como drogas, vivem na miséria. Sem apoio da família, sem base”. (SIC)

Destes três professores, dois têm ou já tiveram alunos vindos da Fundação CASA e um nunca teve, mas as opiniões são semelhantes.

Neste tópico, pela primeira vez, professores consideraram fatores que acometeram a vida dos adolescentes. Este dado é relevante, pois demonstra uma preocupação além apenas dos objetivos educacionais, demonstra preocupação com o ser humano, demonstra que de fato os seres humanos se humanizam nas relações com outros seres humanos. É importante ressaltar, que se as relações não forem de dominação e não forem conduzidas de maneira injusta, o trabalho educacional em geral seria favorecido e, mais ainda em relação aos adolescentes vindos da Fundação CASA.

Um número considerável de professores, 35%, não responderam a esta questão.

Tabela 47 - Dados obtidos na questão 10 aplicada aos Professores da Escola B.

Questão 10		
Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Qtde	%
Não viram resultados positivos	7	35,00
Sim	4	20,00
Sem coerência	4	20,00
Não responderam	5	25,00
TOTAL	20	100,00

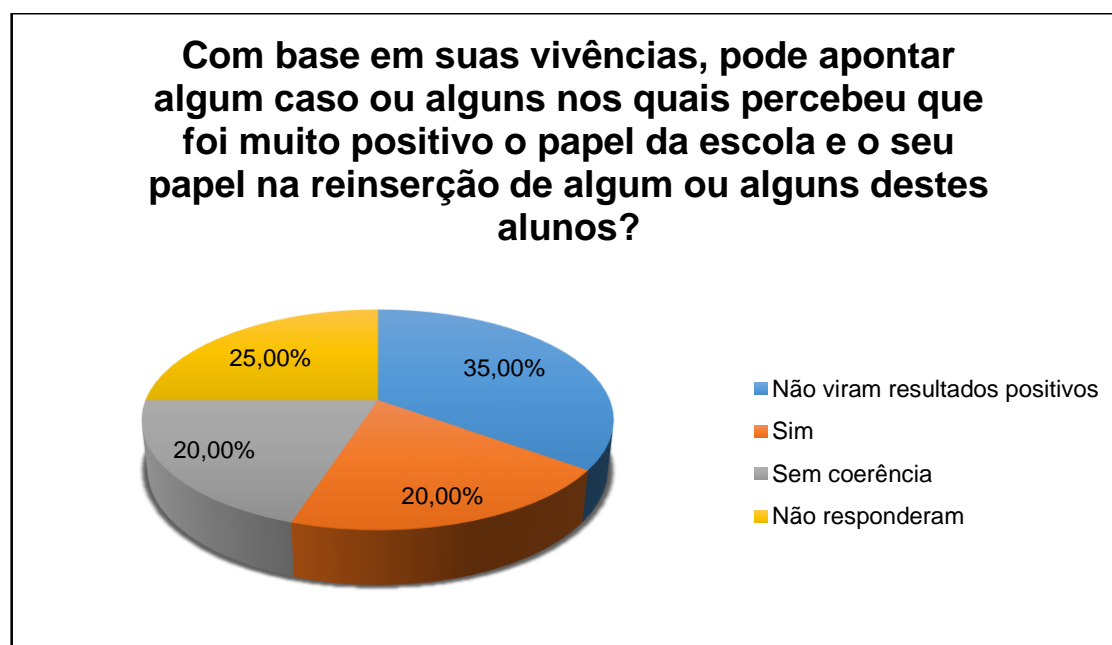


Figura 33 - Gráfico referente a questão 10 aplicada aos Professores da Escola B.

Abaixo seguem trechos das respostas dos professores e análises iniciais:

Não viram resultados positivos

“Não tenho conhecimento de nenhum caso”. (SIC)

“Infelizmente não”. (SIC)

“Apenas assistem as aulas, muitos não participam e não foi feito nenhum projeto ou algo do tipo para reinserir na sociedade”. (SIC)

“Não”. (SIC) “Até o momento eu não sei e nem conheço algum caso que a escola foi positiva neste sentido”. (SIC)

“Desconheço”. (SIC)

Deste grupo de professores, seis têm ou já tiveram alunos vindos da Fundação CASA, e apenas um nunca teve estes adolescentes como alunos. Nenhum destes professores viu qualquer resultado que fosse positivo, mas é importante verificar na fala de um deles, que nada foi feito, como por exemplo, um projeto para favorecer esta reinserção.

“Sim”. (SIC)

“Sim, tive aluno que teve bom aproveitamento, se redimi, pagando pelos seus erros e teve êxito na vida profissional”. (SIC)

“Sim, uma escola que promove a cultura de paz, que tem compromisso com a transformação da Sociedade”. (SIC)

“Muitos casos positivos quando você vai com cautela e trata eles com carinho e dedicação”. (SIC)

“Houve um caso em que o aluno L.A. se mostrou bem interessado na vida escolar e em relação aos demais alunos, o mesmo acabou se destacando nas atividades desenvolvidas”. (SIC)

“Sim”

Neste grupo de professores, todos já tiveram alunos vindos da Fundação CASA, dois professores mencionam resultados positivos concretos, outro professor sugere que a escola adote como característica de trabalho uma cultura de paz, com compromisso com a transformação da sociedade. Outro professor toca no item carinho e dedicação, ou seja, todos gostam de serem bem recebidos. Será que uma recepção cordial não poderia facilitar o trabalho escolar?

Tabela 48 - Dados obtidos na questão 11 aplicada aos Professores da Escola B.

Questão 11		
Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Qtde	%
Alternativas para uma reinserção positiva	13	65,00
Não acreditam que possa ser feito algo positivo no ambiente escolar	2	10,00
Segurança	1	5,00
Não quiseram sugerir	3	15,00
Responderam sem coerência	1	5,00
TOTAL	20	100,00

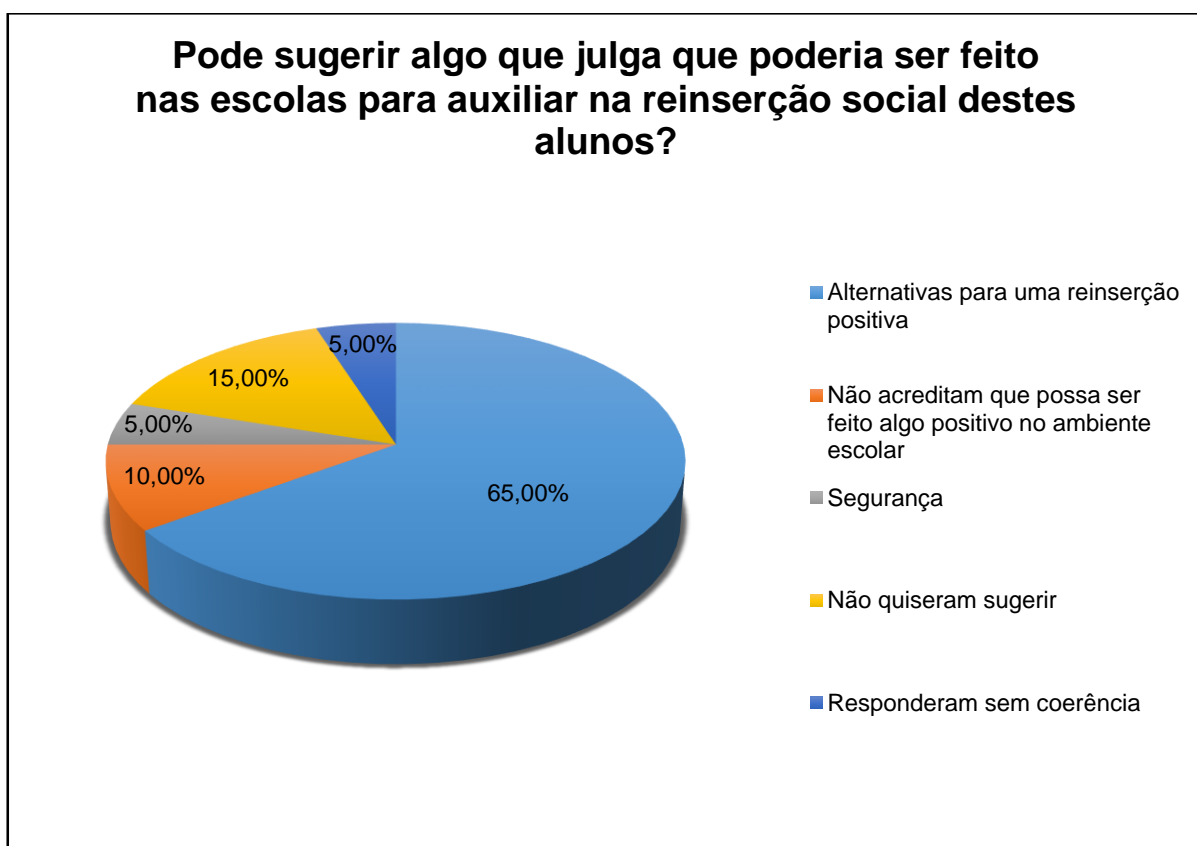


Figura 34 - Gráfico referente a questão 11 aplicada aos Professores da Escola B.

Segue trechos das respostas dos professores e análises iniciais:

“Através de projeto, oficinas, um trabalho psicológico, preparam os professores a aceitarem esses alunos com igualdade, sem discriminação”. (SIC)

“Parcerias entre as escolas e outras instituições”. (SIC)

“Sim. Aulas diferenciadas, projetos que promovam debates sobre os direitos humanos, cultura de paz”. (SIC)

“Maior acompanhamento do conselho tutelar, Melhor integração entre todos os setores da sociedade, Treinamento, Cursos. (SIC)

“Colocar estes alunos em projetos”.

“* Psicólogos, * Orientadores, * Campanha, * Cursos” (SIC) – dois professores realizaram este comentário, de maneira exatamente igual.

“Trazer recursos com material pedagógicos e trabalhar projetos que se afaste da violência”. (SIC)

“Levar para a sala de aula a ideia de convivência com o outro. Independente das condições que o outro se encontra, respeito, e solidariedade são importantes para reinserção social”. (SIC)

“Projetos que trabalhem valores como: Cidadania, respeito, humanidade... (SIC)

“[...] acho que deveria haver um aviso prévio e treinamento a todos os envolvidos na inserção do aluno que teve algum problema social”. (SIC)

“A preparação da escola e professores para reinserção social deles”. (SIC)

Novamente aparece o desejo do professor de que estes alunos sejam identificados previamente, que haja uma preparação dos próprios professores para lidarem com estes adolescentes, que agentes externos apoiem o trabalho escolar. Mas surgiram também sugestões como as relativas a trabalhar a ideia de convivência, independente da situação de cada um, por meio de projetos que trabalhem o afastamento de adolescentes da violência e o projeto de oficinas, ou um trabalho psicológico com vistas a preparar os professores a aceitarem esses alunos com igualdade, sem discriminação.

Não acreditam que possa ser feito algo de positivo no ambiente escolar

“Não, já é muito difícil para a escola lidar com alunos "normais", aliás, ela está praticamente acabada, imagine com alunos vindos da fundação casa”. (SIC)

“Não creio em tal possibilidade”. (SIC)

Estes dois professores têm ou já tiveram alunos da Fundação CASA, e se mostram descrentes quanto a possibilidades positivas de trabalho com estes

adolescentes, o que com certeza dificulta muito que de fato algo seja realizado no sentido da reinserção destes jovens, inclusive por não considerarem que estes alunos são normais.

Segurança

“Monitoramento constante por parte da Fundação Casa nas escolas onde estão inseridos esses alunos. (Colaboração, Cooperação e acompanhamento)”. (SIC)

Este professor já teve alunos vindos da Fundação CASA, sugere que haja acompanhamento externo contínuo por questões de segurança.

Até aqui os dados colhidos e, de alguma forma tabulados e acompanhados de algumas considerações iniciais. A seguir a análise desses dados.

4. CAPÍTULO TERCEIRO - REFELEXÕES A PARTIR DOS DADOS COLHIDOS JUNTO AOS EDUCADORES NAS ESCOLAS.

Este capítulo apresenta reflexões que os dados colhidos junto aos educadores das duas escolas sugerem. Estas reflexões são, ao mesmo tempo, uma forma de análise destes dados os quais, de alguma maneira forçam, ou deveriam forçar, educadores a pensar seriamente sobre esta realidade que aí está em muitas de nossas escolas e que, nem sempre, merece a atenção dos estudiosos da educação. Uma realidade que, pelos problemas que apresenta, pode aumentar o drama social destes jovens ao invés de ajudá-los a tentar buscar novos caminhos de viver e que, além disso, traz pesos, senão sofrimentos, aos educadores que a duras penas ainda militam na rede escolar, especialmente a rede pública.

A temática, alunos vindos da Fundação CASA, com certeza, divide opiniões, tanto dos gestores, como dos professores, nas escolas pesquisadas. Digo isso, neste caso, devido às formas diferentes de expor as próprias concepções, mostradas em discursos um tanto diferentes uns dos outros. Vale reforçar aqui, que a investigação foi sobre o que pensam estes educadores escolares a respeito da presença destes alunos nas escolas.

Numa análise mais aprofundada nota-se que o preconceito, o medo, a visão estigmatizadora e a constatação de falta de preparo da instituição escolar e, conseqüentemente, dos que nela atuam, para lidar com estes adolescentes são aspectos apontados pela grande maioria de gestores e professores.

Isso indica que, esta problemática, ou seja, a presença dos alunos vindos da Fundação CASA na escola, onde estes profissionais atuam, é de maneira geral um desafio imenso a ser transposto no sentido de se atingir uma educação verdadeiramente igualitária, para todos os alunos ali matriculados.

A educação a que nos referimos, é a educação escolar, isto é, a educação em seu âmbito mais restrito: aquele no qual há relações educativas intencionais, ainda que a intencionalidade ocorra, muitas vezes, apenas por uma das partes envolvidas no processo. A educação escolar, aqui, é compreendida como mais que transmissão de conteúdos de conhecimentos. Ela é, também, um processo de veiculação de valores, de maneiras de convivência e de busca de desenvolvimento de autonomia

intelectual, inclusive para se criticar o que está posto, ou seja, os estabelecimentos fixos de funcionamento escolar, como por exemplo, as relações hierarquizadas. No âmbito escolar o que se vê por meio dos discursos dos entrevistados é um certo esquecimento de que o cotidiano escolar lida com seres humanos, portanto, seres ímpares, com emoções e concepções diferentes, que infelizmente, ao invés de serem compartilhadas, são julgadas e classificadas apenas como boas ou ruins, desconsiderando questões como autoestima, igualdade de oportunidades, e os significados diferentes dos símbolos, o que incontestavelmente dificulta a humanização das relações nos interiores escolares.

A educação escolar é de extrema importância como elemento fundante da cidadania, pois a ela cabe também o papel de agente viabilizador da participação dos educandos, inclusive os vindos da Fundação CASA, nos diversos espaços sociais, assim como, nos âmbitos políticos e no mundo profissional.

De modo que formar cidadãos nesta ótica é conduzi-los a de fato terem uma participação efetiva na sociedade, e não apenas estarem nos locais, como é o que se vê na maioria dos relatos sobre os adolescentes vindos da Fundação CASA enquanto alunos destas escolas, quando na realidade deveriam de fato estar incluídos nesta parcela da sociedade que é a escola, usufruindo e produzindo bens mutuamente, materiais, sociais e especialmente os bens simbólicos, como foi abordado no primeiro capítulo.

De fato, as tarefas que cabem à escola não são simples, mas o que se percebe como um grande dificultador em relação ao desenvolvimento de um bom trabalho com estes alunos, é a questão do poder, por meio de uma relação totalmente hierarquizada, onde a escola que hoje, de modo geral, não está atenta para o perfil dos alunos da atualidade, ainda tenta manter o poder absoluto nos membros considerados como detentores do conhecimento, desconsiderando que os alunos também têm repertório de vida, de cultura e de conhecimentos.

Esta falta de atenção ao perfil dos alunos, ganha maior dimensão em relação aos alunos vindos da Fundação CASA, pois estes geralmente têm dificuldades de adaptação ao tipo de escola que aí está, acrescidas das dificuldades de aceitar ordens e acatar regras impostas, conforme foi visto nos relatos dos professores, o que os levam a agirem de maneira intimidatória como uma forma de oposição, é o que nos parece, ao que de certa maneira os incomodam.

Vale ressaltar, que embora não seja objetivo deste estudo, analisar as práticas educacionais da Fundação CASA em seu interior, sabe-se por meio de leituras e de relatos, que as regras em seus interiores são incontestáveis, mas ali trata-se de ambiente de cumprimento de medida socioeducativa, enquanto na escola regular, justamente por não ter influência judicial no andamento do cotidiano, as relações deveriam ser mais humanizadoras e não seguindo em continuidade à desumanização e despersonalização do homem, com padrões rígidos de comportamentos. A luta contra a dominação e as injustiças devem ser buscadas por toda a sociedade, mas especialmente pela escola que é agente formador.

É necessário dizer que os adolescentes vindos da Fundação CASA são, em sua maioria, advindos de comunidades em situação de vulnerabilidade social, e que possuem códigos próprios de conduta adquiridos justamente da cultura local que permeiam as suas vivências.

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença vá se tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar (FREIRE, 1996, p. 76-77).

Dizer que um tratamento, ainda que com cautela, porém de maneira pacífica, pode ser grande facilitador neste relacionamento professor - escola – alunos egressos ou em liberdade assistida não é um exagero, de maneira que é possível ver com clareza a necessidade de uma abordagem receptiva a estes adolescentes.

O caminho inicial a ser trilhado é justamente repensar a escola para que aceite o convite de ampliar seus horizontes, suas maneiras de ver as mazelas do cotidiano. O convite é justamente para que a escola, segundo ALMEIDA (2005 p.19), aceite o desafio se tornar “espaço que acolhe o diferente, na sua diferença”. O que verificamos nesta pesquisa é que os membros das escolas ainda esperam por mudanças externas, no âmbito da legislação, ou mesmo por interferências governamentais, e

explicitamente nas mudanças que deveriam ter ocorrido nos adolescentes durante o período de internação na Fundação CASA. Mas não demonstram pensar em mudanças em suas maneiras de recepcioná-los e em uma possibilidade de mudança na forma de vê-los.

4.1. Visões dos Gestores da ESCOLA A

Conforme comentários explicitados em relação às respostas das perguntas contidas nos questionários⁴ relativas à maneira de pensar dos gestores sobre a presença dos alunos vindos da Fundação CASA matriculados na escola em que atuam, é possível afirmar que, em um grupo de cinco gestores, um deles é claramente contrário à reinserção destes adolescentes no ambiente escolar. A razão declarada é basicamente a crença de que o melhor para estes adolescentes seria continuar na Fundação CASA, já que a escola segundo ele, não tem estrutura para lidar com estes adolescentes. Refere-se então, ao adolescente em liberdade assistida, já que ao egresso, não existiria esta possibilidade. É importante dizer que, nas escolas pesquisadas, o termo liberdade assistida é atribuído a todos os adolescentes que estiveram na Fundação CASA, ou seja, as equipes gestoras e de professores não diferenciam os alunos egressos, apenas classificam a todos como em L.A.s.

Inclusive afirmam também que estes adolescentes geram maiores problemas⁵ que os demais alunos da escola. Este dado é contestável, porque pela vivência em escolas e também por consulta à literatura, como por exemplo, no livro *Como se faz escola aberta?* (ALMEIDA, 2005) encontramos relatos verídicos de classificações como alunos em L.A. generalizadas para todos os alunos que geram problemas no cotidiano escolar. Isso foi verificado, por exemplo, em duas escolas em que iniciei o processo de pesquisa. Quando perguntei pela quantidade de alunos vindos da Fundação CASA, as respostas eram, “nossa, temos muitos”, referindo-se, estes “muitos”, a todos os alunos que “davam problemas”. Mas, ao dar seguimento à verificação deste dado, na verdade, havia um ou dois alunos em L.A.s. e o número de

⁴ Conforme pode ser observado nos resultados apresentados no capítulo segundo, pag 39.

⁵ Com base nas respostas obtidas na questão 8 apresentada na página 46 do capítulo segundo.

alunos que “davam problemas” era muito maior que isso. Criou-se uma “cultura” de denominar como em L.A. os alunos que são considerados como inadequados. Esta nossa impressão (quase convicção), porém, merece um estudo mais aprofundado.

Mas, não deixa de ter grande relevância o dado coletado que mostra que estes gestores realmente acreditam que estes adolescentes geram mais problemas que os demais alunos. Seria isso, possível de ser comprovado? Esta é uma questão deixada em aberto nesta pesquisa, mas há a sensação de que não. Eles podem gerar alguns problemas específicos devido à sua própria situação, mas a maioria dos problemas que apresentam são os mesmos dos demais alunos. Não são específicos deles.

Dois componentes do grupo gestor, acreditam que a escola recebe estes adolescentes como alunos normais⁶ mas que eles não se comportam como alunos, assim, utilizando-se de intimidação para se imporem. Esta, a nosso ver, é uma maneira de culpabilização destes adolescentes pelo processo de exclusão que sofrem, quando na realidade não se pondera que a atitude de intimidação é na verdade uma maneira de autoafirmação, de combate às visões que os inferiorizam e uma estratégia de autodefesa. Difícil mesmo, a se levar em conta esta nossa visão, é saber como lidar com esta situação. Daí a necessidade de melhor preparo dos profissionais da escola para o trabalho com estes alunos.

Um membro deste grupo de gestores⁷ diz que estes adolescentes devem reintegrar a sociedade, mas que deveria haver mudanças no poder judiciário. Mudanças, deduz-se, que façam com que estes alunos venham para a escola, da forma como esta escola quer que eles venham. Esta ideia aparece nos depoimentos dos demais gestores que são contrários ao convívio com estes alunos no cotidiano escolar. Eles não aceitam o aluno que se tem e idealizam que possíveis mudanças em outras esferas da sociedade poderiam fornecer à escola alunos dentro do padrão que desejam. Esta é uma atitude de negação do que existe de real e a afirmação de desejo de uma condição de trabalho com o que seria considerado como ideal. É uma maneira de pensar que inviabiliza a busca de procedimentos na própria escola, voltados a possibilidades de realização de um trabalho educativo com estes alunos, julgamos nós.

⁶ Respostas apresentadas no capítulo segundo, páginas 46, 47 e 48.

⁷ O depoimento deste membro pode ser observado no capítulo segundo página 40.

Há que se registrar que um membro da gestão que compõe o grupo de cinco gestores⁸ pensa que a presença destes adolescentes é normal em relação à dos outros alunos. Isso pode ser interpretado de diversas maneiras. Uma delas, nos parece, que é a presença destes adolescentes como a dos demais alunos e, como tais, eles devem ser tratados. Por um lado, isso procede, pois o objetivo da escola é oferecer a todos, indistintamente, os recursos educacionais devidos por ela. Mas, por outro lado, é sabido que compete à escola oferecer tratamento pedagógico diferenciado aos alunos conforme suas necessidades específicas. Isso não significa discriminá-los, mas atendê-los de tal forma que todos possam usufruir igualmente dos benefícios que oferece. Este é um ideal nem sempre alcançável, mas que deve ser insistentemente buscado. E isso, também, no caso dos alunos vindos da Fundação CASA que apresentam especificidades próprias (como todos os alunos) e necessidades educacionais também próprias. Há de se reconhecer, porém, que as escolas e seus profissionais nem sempre estão preparadas para este completo atendimento. O que não anula o princípio que, julgamos, deva estar no ponto de partida das ações educativas de toda escola: atender a todos igualmente buscando respeitar necessidades específicas, sem discriminações.

Diante dos dados obtidos, ou seja, que 80% deste grupo de gestores são contrários à presença destes adolescentes na escola em que atuam e apenas 20% os veem como os demais alunos, pode-se afirmar que falta aos 80% mencionados esta visão como ponto de partida. Os 20% que parecem tê-la oferecem alguma perspectiva de busca de soluções para o trabalho educativo eficaz com estes alunos, ainda que difícil, reconheça-se.

As posições destes gestores refletem-se na percepção que eles têm do que pensam os professores que com eles trabalham como é repetido a seguir com base no que foi mostrado no Capítulo 2. Quando foram questionados sobre o que julgavam que os professores desta escola pensavam sobre a presença dos adolescentes vindos da Fundação CASA que nela estavam matriculados⁹, um gestor declarou: “Repulsa”, outro gestor: “Preocupante”, outro gestor: “[...] influenciam os demais alunos a praticarem delitos”, outro gestor: “[...] quando¹⁰ o mesmo se reabilita trabalhamos com ele prazerosamente, mas, caso contrário, fica um trabalho meio que insustentável”.

⁸ O depoimento deste membro pode ser observado no capítulo segundo página 40.

⁹ Dados e depoimentos disponível na página 43 do capítulo segundo.

¹⁰ Depoimento disponível na página 43 do capítulo segundo.

O que se nota na quase totalidade destas declarações é uma visão estigmatizadora a respeito destes adolescentes, visão de gestores que acreditam que os professores também as tenham, assim como eles. É uma visão na qual trata-se de refutar o estranho, de classificar o desconhecido como inadequado, de rejeitar o que acredita-se ser desapropriado. No caso destes adolescentes, as suas presenças no cotidiano escolar. Esta maneira de ver estes adolescentes os levam a terem concepções como esta apresentada por Goffman:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (1975, p.12).

Nos discursos desses gestores e dos professores desta escola nota-se esta impossibilidade de transpassar as aparências iniciais e, de fato, se disponibilizarem a ter um contato real com estes adolescentes, interagindo com eles e priorizando as intencionalidades educacionais.

[...] um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN 1975, p. 14).

Parece que este traço comum que se impõe à atenção, conforme dito na citação acima, seja o fato destes adolescentes terem tido uma passagem pela Fundação CASA, o que torna um impeditivo para a maioria dos envolvidos no processo educacional, buscar conhecê-los sem julgamentos prévios e sem suposições de comportamentos considerados característicos da marginalidade.

Um dos gestores diz do prazer em trabalhar com alunos vindos da Fundação CASA quando se reabilitam. Esta fala nos colocou uma questão não resolvida: O que é se reabilitar? Será entrar nos padrões considerados adequados para se ter o direito

de estar na escola? Que padrões são estes? Esta é uma longa e importante discussão que não cabe nos limites deste trabalho.

Outro dado merece atenção: 60% dos gestores desta escola¹¹ afirmam que as escolas não estão preparadas para receber estes alunos e 80% deste mesmo grupo¹² acreditam que os professores não estão preparados para trabalhar com estes adolescentes.

Aqui merece ser ponderado que, de fato, há condições pouco favoráveis para um bom trabalho educativo escolar com todos os alunos, conforme é amiúde denunciado pelos mais diversos meios. Mais ainda com alunos que apresentem características específicas e, delas decorrentes, necessidades de atenção educacional também específica.

Este despreparo torna-se agravado com a presença de concepções que a maioria destes gestores apresentam sobre estes adolescentes, demonstrando acreditar que a escola tem um papel nulo na vida deles. Isto é dito, por exemplo, nesta declaração: “Infelizmente a escola não faz diferença para estes alunos, pois voltam a cometer delitos”¹³.

É uma fala que reconhece a falta de significado da escola para a vida destes adolescentes e, muitas vezes, para os demais alunos também. Há uma fala ampla relativa às inadequações da escola para os jovens de hoje, o que se estende ao trabalho com estes adolescentes, podendo gerar, neste caso, sua repetida exclusão, colaborando ainda mais para a prática de atos infracionais. Haveria possibilidades de melhoria para o atendimento a estes jovens na escola? Isso foi também perguntado e houve respostas à questão. Como sugestões para melhorias¹⁴ no processo de reinserção destes alunos no ambiente escolar, surgiram solicitações de capacitações para lidar com estes adolescentes, a presença de psicólogos para auxiliar os alunos e novamente a sugestão de outras maneiras de manter estes adolescentes na escola, como por exemplo, o acompanhamento da Fundação CASA e ainda que a escola como condição para qualquer ação neste aspecto, tenha o direito de aguardar que outras instâncias da sociedade se modifiquem, conforme esta declaração “Antes que a escola faça alguma ação, a sociedade, precisaria fazer, e junto, o poder judiciário”.

¹¹ Pode ser observado na página 44 do capítulo segundo.

¹² Disponível na página 45 do capítulo segundo.

¹³ Declaração apresentada na página 49 capítulo segundo.

¹⁴ Sugestões apresentadas nas páginas 50 e 51 do capítulo segundo.

Há sugestões válidas e, algumas delas, visam o interior das escolas e seus profissionais, especialmente buscando melhor capacitação para o trato com estes alunos. Mas há também a indicação de colocar à disposição das escolas recursos outros que venham de fora e que se juntem aos já existentes.

Talvez sejam bons caminhos a trilhar, mas talvez também seja o caso de se repensar o papel da escola que aí está nesta sociedade que temos hoje, pois, são muitas as indicações de que ela já não cumpre os papéis educativos que seriam de se esperar dela. Se é assim, como pensar seu trabalho com todos os “diferentes” que a ela acessam, inclusive estes alunos vindos da Fundação CASA?

Vale reafirmar: são “diferentes” em certos aspectos e em relação a certas necessidades educacionais, mas são absolutamente iguais em relação a outros aspectos, assim como a todas as pessoas e a todos os alunos. Alguns demandam mais, outros menos especificidades. Mas todos têm suas próprias demandas, além das demandas iguais às dos outros. E todos devem ser igualmente atendidos no que têm de igual e no que têm de diferente em relação aos demais. Este é, por certo, um grande desafio das sociedades e, dentro delas, das escolas como instituições educacionais.

4.2. Visões dos Professores da ESCOLA A

O grupo de professores que participou da pesquisa na escola “A” era composto por 77,78% de professores que já tiveram alunos vindos da Fundação CASA e 22,22% de professores que nunca tiveram estes adolescentes como alunos.

Apenas para recordar, as duas primeiras questões diziam respeito a dados indicativos da situação dos professores na escola. Na terceira questão foi-lhes perguntado se tinham ou tiveram alunos oriundos da Fundação CASA. A maioria, 77,78% têm ou tiveram estes alunos. Aos que não tinham ou nunca tiveram (22,22%), foi-lhes solicitado que respondessem apenas a questão 4¹⁵, isto é, sobre o que pensam a respeito da presença destes adolescentes na escola. Mesmo assim, parte deles responderam a todas as questões.

¹⁵ Questão disponível na página do capítulo segundo.

Os comentários a seguir, dizem respeito às respostas às questões de 4 a 11.

Com relação à questão 4¹⁶, dentre os 8 professores que não têm ou nunca tiveram alunos oriundos da Fundação CASA, 2 não opinaram sobre a questão. Dos 6 demais, 37,5% são a favor e 37,5% contrários à reinserção destes adolescentes no ambiente escolar, porém 12,5% dos favoráveis têm restrições em relação a este processo, como por exemplo no trecho, “Eu concordo com a presença do aluno vindo da Fundação CASA, porém teríamos que ter um acompanhamento da direção e quinzenalmente, reuniões com esses alunos para saber o desenvolvimento escolar e como está sendo a disciplina perante o professor e os colegas de sala¹⁷. Nesta fala percebemos que há de certa maneira disposição para trabalhar com estes alunos, porém com regras de acompanhamento diferentes das utilizadas com os demais alunos da escola. Seria esta uma maneira adequada de proceder à inclusão destes alunos?

Esta posição pode indicar uma tentativa de proteção contra possíveis ameaças imaginadas por parte destes alunos. A tentativa de proteção é algo intuitivo no ambiente escolar e pode ser justificada pelo crescimento do índice de violência física no interior das escolas. Mas ela pode também gerar a exclusão, não somente destes adolescentes. Este mecanismo de defesa não é incomum, como se pode ver no trecho a seguir:

Os meios de proteção mais usados, segundo o levantamento entre os participantes do núcleo, são o controle do acesso, no momento da matrícula, de crianças ou adolescentes que se apresentem como potenciais condutores dessa violência e vigilância aos comportamentos cotidianos para identificar dentro da escola crianças ou adolescentes que possam ter furado a barreira posta na fronteira de entrada. Nesse caso, precisam ser retirados imediatamente antes que sua presença contamine a maioria que vai à escola para aprender. (ALMEIDA, 2010: p.497).

Esta alternativa já se tem percebido não ser a saída para resolver esta questão, pois se assim fosse, os índices de violência teriam diminuído e não é o que se vê.

Tem que ser abordada também a questão da violência simbólica, que pode ferir, marcar e estigmatizar os que dela são vítimas de maneira brutal, causando até

¹⁶ Gráfico disponível na página 53 do capítulo segundo.

¹⁷ Depoimento disponível na página 54 do capítulo segundo.

mudanças de projetos de vida e sendo também um estopim para a violência física, justamente por ser um mecanismo de sustentação de um trabalho que reforça as desigualdades, dificultando a interação destes adolescentes com os demais integrantes da escola.

Como havia dito acima, ainda que estes professores não tenham tido alunos vindos da Fundação CASA, têm ao menos alguma ideia de como podem ser no cotidiano escolar. Com frequência alguma ideia preconceituosa.

Como esta ideia foi construída? Talvez por relatos dos colegas professores, pois todos veem as mesmas situações com opiniões idênticas no decorrer das práticas escolares?

Ainda nestes relatos vemos, assim como os gestores haviam mencionado, a repetição do pedido de interferências de órgãos externos à escola.

Apenas um professor, que representa 12,5%, é favorável à reinserção destes alunos, por acreditar que devem ter igualdade no tratamento, exatamente como os demais cidadãos.

Apesar de nunca ter lidado com estes adolescentes, um professor declara que estes alunos não têm interesse no aprendizado e outro diz¹⁸ que as escolas não estão preparadas para recebê-los, e que os professores por falta de habilidade para lidar com eles, ficam em situação constrangedora. De que habilidades ele está falando, pode-se perguntar. Habilidade para quê? Para lidar com um aluno? Que habilidades a mais requerem estes adolescentes? O diálogo? Talvez uma relação menos hierarquizada? Somente eles necessitam disso na escola atual?

Como se vê, nos discursos de quem não teve contato com estes alunos, estão presentes pré-julgamentos de comportamentos, o que configura claramente o preconceito. Este juízo pré-concebido pode levar a olhares, gestos e palavras discriminatórios e até promover a total intolerância. Estas representações são construídas pela psique e pelo convívio social. Felizmente podem ser transformadas, pois, de acordo com (ITANI, 1998 p.127), “as representações sociais não são estáticas”. A todo momento estamos reconstruindo as ideias e as teorias ou estamos reelaborando as noções, valores e imagens como resultado das relações com o meio ambiente. Espera-se justamente que estas modificações possam ter ao menos a chance de ocorrer neste grupo de professores, à medida que se dispuserem a

¹⁸ Declaração disponível na página 54 do capítulo segundo.

trabalhar com estes alunos e, de fato, compreenderem que cada um deles é um ser ímpar, assim como todos os demais alunos das escolas, e por isso, minimamente devem ter o tratamento garantido em lei. “A atitude de preconceito é a realização de leis sociais com base em valores morais, que nem sempre são ou nem sempre representam a lei jurídica vigente na sociedade”. (CARONE, 1998 p.124).

Cabe ainda afirmar que o tratamento igualitário dispensado a estes alunos não é um favor prestado pela comunidade escolar, e sim um direito deles, por isso, não se deve ter a sensação da prática de caridade, quando a eles for proporcionada uma real inclusão, porque esta sensação é justamente o reconhecimento de superioridade, conforme Aquino (1998) que diz: “[...] a caridade é a própria prática da desigualdade”. É por reconhecer o outro em situação inferior e por nos considerarmos superiores que, por vezes, podemos nos colocar em posição de ajudá-lo ou não”. (ITANI, 1997, p.123).

Com relação ao grupo de professores que já tiveram alunos vindos da Fundação CASA¹⁹, são a favor da reinserção destes adolescentes no ambiente escolar 14,29%, não responderam a questão 14,29%, são contra à reinserção 52,39%, e radicalmente contra a reinserção 19,05%. Alguns motivos apresentados pelos professores contrários à reinserção:²⁰ um professor acredita que estes adolescentes frequentam as aulas para tumultuar, quatro professores acreditam que estes alunos contagiam negativamente os demais alunos, quatro outros professores acreditam que o maior problema é a intimidação promovida por estes adolescentes, quatro outros professores acreditam não haver possibilidade de recuperação para estes adolescentes.

A visão de que estes adolescentes promovem maus contágios, ou seja, que são influências negativas no ambiente escolar, requer atenção, pois trabalha-se nesta pesquisa com a perspectiva de que todos educam a todos nas relações que mantêm no processo educacional, logo, estes adolescentes classificados apenas como condutores de maus hábitos, poderiam e deveriam ser contaminados pela ética, pelo espírito de solidariedade e por princípios relativos à boa convivência cidadã. Atitudes e disposições, entende-se, que devam ser praticadas ou estarem internalizadas por todos os demais que estão presentes na escola. Além disso, há a questão do

¹⁹ Pode ser observado na Figura 12, página 55 do capítulo segundo.

²⁰ Motivos apresentados no capítulo segundo, página 56.

discernimento, que permite justamente avaliar o que cabe a cada um e o que lhe cabe aprender, mesmo que este “cada um” esteja ainda em processo de formação, como é o caso desses alunos. Concordamos com Savater (1993, p.20) quando diz: “O que eu quero dizer é que certas coisas a pessoa pode aprender ou não, conforme sua vontade”. O exercício de avaliar o que nos convém ou não, é diário, não somente para adolescentes, mas para todos que convivem em sociedade. “Saber o que nos convém, ou seja, distinguir entre o bom e o mau, é um conhecimento que todos nós tentamos adquirir – todos, sem exceção – pela compensação que nos traz”. (SAVATER, 1993, p.21).

A intimidação apontada pelos professores é uma busca de demonstração de vigor, força ou mesmo autoridade, resultando em um comportamento agressivo proposital. As causas que levam os adolescentes a tal comportamento merecem investigação mais aprofundada, mas pelo que se tem visto, a violência tem causas diversas, podendo ser resultante de inveja, de sentir-se incapaz de ser igual ao outro em termos de prestígio, como tentativa de adquirir respeito, que pode inclusive ser um indicativo de descontentamento com sua própria condição atual. As causas ainda podem ser problemas familiares, sociais e escolares. Mesmo que ocasionada por fatores diversos, a violência é a invasão da liberdade alheia. Acredita-se no caso destes adolescentes que, quando adotam esta postura, estão em processo de medir forças de atuação, especialmente quando lidam com os professores, pois ambos buscam ter e manter o poder, os professores na intenção de manter em ordem a sala de aula e o adolescente em manter-se em posição considerada como respeitável por ele no cotidiano escolar.

É temerário ver professores utilizando a simplificação estereotipada sobre a personalidade e perspectivas de adolescentes vindos da Fundação CASA, esta postura demonstra negação de qualquer possibilidade de aproximação e de desenvolvimento de um trabalho educacional adequado. O que ocorre é que, como diz Queiroz (1995, p.26): “[...] esses estereótipos constituem apreciações distorcidas, levando-nos a julgar qualquer pessoa a partir de características que atribuímos às categorias às quais ela pertence ou acreditamos pertencer”.

Com relação ao fato de as escolas estarem ou não preparadas para trabalhar com estes alunos, 77,78% dos professores desta escola, que já tiveram alunos vindos da Fundação CASA, concordam que as escolas não estão preparadas para recebê-

los²¹ e 14,81% mesmo sem nunca ter tido alunos vindos da Fundação, concordam com a falta de preparo da escola: ou seja, 92,59% dos professores da escola A, acreditam no despreparo escolar para lidar com estes adolescentes. Esta porcentagem é maior do que os 60% dos gestores²² que acreditam que as escolas não estão preparadas para receber os alunos vindos da Fundação CASA.

Apenas 3,70%, ou seja, um professor que nunca teve estes adolescentes como alunos, acredita que a escola está preparada para recebê-los e um outro professor, 3,70%, não respondeu a questão. Infelizmente a escola pública na atualidade encontra-se em situação de falta de preparo para lidar com várias questões, dentre elas a da inclusão desses alunos. Apesar disso, a demanda de alunos vindos da Fundação CASA tem crescido diariamente e pouco se aborda esta questão, pouco se faz neste sentido. E aqui é importante dizer que cabe também à escola ter iniciativas de expor esta questão à sociedade, mas também recorrer ao que lhe cabe no sentido de organizar-se da melhor forma possível para lidar com esta questão social.

Em igual porcentagem às respostas dadas à questão anterior relativa à falta de preparo das escolas, (92,59%)²³ dos professores também julgam não estarem preparados para lidar com estes adolescentes. Este percentual é coerente, porque como poderia a escola estar preparada e seus professores não, ou vice versa, uma vez que os professores são justamente os responsáveis por conduzir o trabalho junto a estes alunos no cotidiano escolar. Realmente, esta é uma questão que não ocorre aos responsáveis pelos cursos de formação de professores e nem aos responsáveis por programas de formação continuada dos mesmos. Parece haver um desconhecimento do problema. E isto precisa ser objeto de chamadas de atenção.

A maioria, 85,19%²⁴, dos professores desta escola acreditam que os alunos vindos da Fundação CASA geram mais problemas que os demais alunos, dentre estes chama a atenção o alto percentual de 18,52% destes professores que têm esta opinião, porém nunca tiveram alunos vindos da Fundação CASA, conforme discutido anteriormente.

²¹ Gráfico apresentado na Figura 11 e Figura 12, disponível nas páginas 53 e 55 do capítulo segundo.

²² Gráfico apresentado na Figura 14 e Figura 16, disponível nas páginas 61 e 45 respectivamente, do capítulo segundo.

²³ Gráfico disponível na Figura 14 na página 61 do capítulo segundo.

²⁴ Gráfico disponível na Figura 15 na página 62 do capítulo segundo.

É relevante também mencionar que, diferentemente das opiniões em relação ao despreparo da escola e dos professores, nesta questão, 11,11% dos professores que já tiveram alunos vindos da Fundação, não acreditam que estes alunos causam mais problemas que os demais. Não foi possível averiguar porque pensam assim.

Com relação à indicação de tipos de problemas causados pelos alunos oriundos da Fundação CASA, objeto da questão 9 do questionário, 29,63% destes professores não responderam a questão. O restante do grupo indicou problemas nesta ordem: 25,93% apontaram a intimidação, 22,22% a indisciplina, 11,11% influências negativas nos demais alunos, 7,41% problemas de aprendizagem e 3,70% que indicam sentimentos de exclusão, ou seja, estes alunos sentem-se rejeitados pelos demais, gerando comportamentos que dificultam o trabalho docente.

Chama a atenção o fato de, na questão anterior, 85,19% dos professores terem respondido que estes alunos apresentam mais problemas que os demais e, agora, ao indicarem os tipos de problemas uma porcentagem menor (perto de 70%) os indicou. Talvez, para a parcela que não indicou os tipos de problemas, não haja um real conhecimento sobre os mesmos baseando-se, por vezes, em suposições. Os dois tipos de problemas mais indicados foram os relacionados à intimidação exercida por eles sobre os demais alunos e mesmo sobre professores (já discutida quando mencionada pelos gestores) e o problema da indisciplina. Conforme já dito antes ela não é característica específica destes alunos. Ela ocorre de modo geral em todas as escolas e com a maioria dos alunos sendo apontada como resultado, muitas vezes, do estresse nas relações interpessoais, no contexto escolar, ou estando geralmente ligada a conflitos gerados em sala de aula. Pode também ser originada fora da escola e trazida para seu interior. Não há, porém, dados comprobatórios de que esta seja uma característica apenas dos alunos vindos da Fundação CASA.

Assim como julgavam os gestores, de fato, alguns professores acreditam que o problema que os alunos vindos da Fundação CASA apresentam é mais do que os outros alunos, é o de serem más influências, isto para 11,11% dos professores, como apontado acima. Isso pode ocorrer, mas cabe à escola buscar procedimentos que se não impedem, ao menos tornem esta influência menor. Como se procura fazer com outros fatores influenciadores de comportamentos considerados indesejáveis e que não dependem da presença dos alunos vindos da Fundação CASA. Dificuldades de aprendizagem apontadas por 7,41% dos professores, é algo que também ocorre com

os demais alunos e não é um problema que tenha como causa direta o fato de esses alunos serem oriundos de onde são. Em qualquer sala de aula dificilmente não haverão alunos com dificuldades extremas de acompanhar o ritmo da sala. Este é um problema apresentado por alunos de uma maneira geral e não tem necessariamente relação com a passagem pela Fundação CASA.

Com relação ao problema do sentimento de exclusão sentido por alguns destes alunos, ele não pode ser atribuído apenas ao fato da passagem pela Fundação CASA. É um sentimento que, inclusive, pode ter gerado o cometimento de atos infracionais e a passagem pela Fundação CASA. O que chama a atenção, na verdade, é o percentual tão pequeno de professores que atentou para esta questão extremamente séria. Na experiência desta pesquisadora como professora em escolas onde há estes alunos o sentimento de exclusão sentido por eles é evidente e eles o manifestam claramente. Se assim se sentem, não podem sentir-se convidados a uma participação efetiva no processo de educação escolar. Este é um problema que não pode deixar de ser melhor analisado em seus diversos aspectos.

Questionou-se então se os professores baseados em suas vivências podiam relatar um ou mais casos em que a escola tivesse tido papel muito positivo no processo de reinserção destes alunos.²⁵ 48,15% dos professores disseram que não, e em percentual ainda maior estão os professores que não responderam a questão representando 51,85%.

Este dado é compreendido, pela autora da dissertação, como uma forma de simplesmente não se comprometer com esta problemática, porque se este grupo de professores tivesse a consciência da importância que a escola tem na vida de um ser humano em processo de formação, seria muito difícil que não houvesse inquietação em relação a estes alunos.

No momento em que foi pedido ao grupo de professores sugestões para melhoria do processo de reinserção destes alunos²⁶ houve, novamente, um grande percentual de abstenção de respostas: 44,44%.

Um percentual menor de professores 40,74%, porém significativo, apresentaram sugestões de melhorias que acreditam favorecer o processo de reinserção no âmbito escolar. Foram mencionados trabalhos por meio de projetos,

²⁵ Tabela 25 disponível na página 66 e resultados obtidos disponível nas páginas 67 e 68 do capítulo segundo.

²⁶ Dados disponível nas páginas 68, 69 e 70 do capítulo segundo.

oficinas, palestras, ensino profissionalizante, treinamentos para que pudessem saber lidar melhor com estes alunos. Houve, ainda, uma sugestão de que estes alunos participassem de mutirões de limpeza. Esta, a nosso ver, é uma maneira não tão velada de manter a exclusão, a diferenciação, e o menosprezo por estes adolescentes. Porque para eles devem haver práticas diferentes dos demais alunos? Utilizando a ideia de serviços subalternos esta sugestão preconiza a continuidade do processo de diferenciação entre estes alunos e os demais alunos desta escola e a marca da estigmatização.

O acompanhamento da polícia militar na escola também foi sugerido, o que mostra a crença, por parte de quem sugeriu, de que estes alunos não estão aptos a conviver em sociedade. Este é um julgamento não cabível a escola, mesmo a se levar em conta o fato de a escola, possuir seus medos em relação à segurança que possa ser abalada nesta convivência.

Dentre os professores que acreditam que nada possa ser feito para favorecer este processo de reinserção, temos esta fala: “Não quero sugerir nada, pois depois de toda minha opinião sobre tais seres jamais quero sugerir algo que possa melhorar, pelo contrário, bandido além de estar na cadeia, se não teve jeito, tem que morrer” (SIC). Esta declaração se auto define, pois é altamente carregada de preconceito, desprezo, visão estigmatizadora, exclusão e intolerância. Realmente torna impossível dar certo o trabalho escolar com estes alunos se o pensamento de educadores tiver arraigado destes princípios. Infelizmente este professor foi mais claro, mas em outras declarações pode se perceber as mesmas características ainda que de maneira mais velada. Se, ainda, neste grupo dentre os professores que não se colocaram a respeito, houver outros com a mesma maneira de pensar, a escola de fato estará fadada a um enfrentamento diário de uma série de problemas. Enquanto a escola mantiver a visão de que estes adolescentes são seus inimigos, esta relação só poderá trazer prejuízos para todos os envolvidos.

4.3. Visões dos Gestores da ESCOLA B

O grupo de gestores desta escola é composto por 6 integrantes, três destes, que representam 50%, acreditam que estão despreparados para receber a presença dos alunos vindos da Fundação CASA, e 1 gestor que representa 16,67%, fala de inadequação destes adolescentes no ambiente escolar. Dentre os motivos mencionados, destacam-se estas declarações²⁷ “Um desafio, pois não temos uma formação para lidar com a maioria. Pois há casos e casos, que às vezes foge do nosso controle” (SIC). “[...] Dentro da escola eles não se adequam ao comportamento de alunos”.

As falas destes membros da gestão demonstram a tentativa escolar de manter, com suas regras engessadas, um funcionamento para ela adequado, onde o poder de decisão está sempre com as autoridades escolares, ou seja, gestores e professores. Dar a voz e o direito de participação ativa a todos os educandos é parte de um trabalho de gestão democrática, provavelmente se este fosse o procedimento de trabalho, esta tentativa de dominação não seria prática necessária no cotidiano escolar.

Dois gestores deste mesmo grupo, que representam 33,33% disseram que os alunos vindos da Fundação CASA merecem ter tratamento igualitário. Esta fala²⁸ “[...] A escola é uma instituição que contribui para a construção de uma nova geração. É aquela que sabe que, entre as diferenças, todos somos iguais. Então se um cidadão solicita vaga na nossa unidade escolar, aqui todos serão tratados como alunos” (SIC), demonstra real preocupação com o desenvolvimento de um processo educacional igualitário, o que deve ser levado em conta é se o tratamento dado aos demais alunos é pautado no desenvolvimento humano e nas relações acolhedoras, com o objetivo de se atingir um ensino de boa qualidade para todos.

A equipe gestora demonstra opiniões contrárias sobre a presença destes alunos, o que de certa maneira já é uma barreira para o tratamento adequado, pois a equipe gestora tem também a função de delinear as diretrizes do funcionamento do cotidiano escolar, e se esta gestão não é coesa, permite aos professores e demais

²⁷ Declarações disponível na página 73 do capítulo segundo.

²⁸ Dado apresentado no capítulo segundo, página 74.

funcionários posturas que sejam condizentes com suas maneiras de ver as situações, ou seja, dependendo de quem estiver analisando a situação ocorrida, a postura pode variar, devido às diferentes óticas de se ver esta questão.

Questionados sobre o que julgam que os professores da escola pensam sobre a presença dos alunos vindos da Fundação CASA, os gestores ficaram divididos em três grupos, apontando para professores que se veem intimidados, para outros que têm uma visão estigmatizadora desses jovens e para os que não acreditam em sua ressocialização.

O medo foi mencionado como característica latente nesta relação professor aluno. É possível entender este medo tanto em relação à proteção da própria integridade física quanto como medo de se reinventar enquanto educadores para poderem fazer seu trabalho com estes jovens. Este segundo medo é mencionado por Freire e Shor (1986 p.67) da seguinte maneira: “[...] Temem, também, o constrangimento de reaprender sua profissão diante dos estudantes. Os professores querem sentir-se experimentados; por isso, a necessidade de se criar no trabalho intimida a muitos deles”. Justamente porque a relação hierarquizada comum no ambiente escolar não permite maiores exposições, correr riscos, cometer erros e nem mesmo aprender com eles e melhorar as práticas. Daí que a sensação de “perda de poder” incomoda especialmente aos que, pela lógica do funcionamento da escola tradicional, devem estar sempre no controle. Pode-se pensar que os dois tipos de medo estejam juntos neste aspecto percebido pelos gestores no que pensam os professores.

Quanto à percepção dos gestores de que os professores têm uma visão estigmatizadora não parece ser uma novidade, pois, esta visão está difusa em toda a sociedade em relação a estes jovens que passaram pela Fundação CASA. Pode-se ponderar que não é uma visão justa pelo fato de generalizar para todos estes jovens algo que de fato ocorre com alguns deles, isto é, o fato de alguns reincidirem em atos antissociais e mesmo criminosos. Não é, por certo, uma boa maneira de ver estes jovens, pois, vendo-os assim, o trabalho educativo com eles fica praticamente inviabilizado.

Daí, talvez, a percepção dos gestores segundo a qual os professores não veem como possível o processo de ressocialização no ambiente escolar. Nas

respostas dos professores²⁹ quando perguntados a respeito do que pensam sobre a presença destes alunos na escola, há aqueles que se posicionam efetivamente desta forma.

Esta maneira de pensar de grande parte dos professores é a mesma de parte dos gestores e isso perpetua o trabalho escolar desigual e injusto para com estes alunos. Para que algum trabalho educativo positivo possa ser realizado com eles, a escola deveria problematizar a questão e desnaturalizar este preconceito, porque seu papel não pode ser de negar a mesma dignidade para todos. Neste aspecto, não se pode organizar atividades educativas partindo-se de preconceitos. Isso é, por certo, o ideal. Mas, ao serem os gestores perguntados se as escolas estão preparadas para lidar com estes jovens, 66,67% acreditam que não. Se há problemas com a maneira como os educadores da escola pensam estes jovens, por outro lado há insuficiência de recursos nas próprias escolas o que também se soma no conjunto dos fatores que inviabilizam uma educação adequada para eles e para os demais alunos. Acresça-se a isso a afirmação de 83,33% deste mesmo grupo que acreditam que os professores não estão preparados para lidar com estes alunos. Mesmo que a escola estivesse preparada, com professores não preparados o trabalho educativo estaria de qualquer seriamente maneira prejudicado, pois, quem trabalha diretamente com o aluno é o professor.

A situação é ainda agravada pelo fato de as escolas não estarem devidamente preparadas para lidar não apenas com estes alunos, mas com todos os demais que a ela demandam. Constatações que realmente dão a pensar.

Com apontado no capítulo anterior, para a maioria dos gestores desta unidade escolar os alunos vindos da Fundação CASA apresentam mais problemas que os demais alunos³⁰, conforme a opinião de 66,67% deles. Os problemas apontados foram o desrespeito às regras, indisciplina de modo geral, o que coincide com a anterior e algumas consequências das vivências fora da escola como, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, sentimento de exclusão em relação aos demais alunos. A pergunta foi se estes alunos apresentavam mais problemas que os demais. A resposta foi sim, e o elenco dos problemas não é diverso do elenco dos problemas

²⁹ Depoimentos disponível nas páginas 88, 89 e 90 do capítulo segundo.

³⁰ Depoimentos disponível nas páginas 80 e 81 do capítulo segundo.

que ocorrem com os demais alunos. A interpretação dada aqui é que com os alunos vindos da Fundação CASA, estes problemas ocorrem de maneira ampliada.

A constatação de consequências de vivências tidas pelos adolescentes oriundos da Fundação CASA, talvez não se aplique aos demais alunos. Esta constatação é, por certo, quase exclusividade destes adolescentes e isso traz mais problemas para a escola, por certo. Daí a importância do preparo mais atento dos professores e gestores, bem como de providências para o preparo da escola de modo geral para a recepção e para o melhor encaminhamento possível das ações educativas dentro dela.

Os gestores, nestas suas falas, reconhecem necessidades específicas destes adolescentes e demonstram compreender os fatores diversos que influenciam a vida deles. Falta caminhar na direção do atendimento adequado a estas necessidades específicas com o apoio de medidas voltadas ao preparo específico dos educadores e à melhoria das condições da escola.

A resposta de 83,33% de gestores que declararam não ter vivenciado nenhum caso em que a escola teve um papel positivo na reinserção destes alunos e de 16,65% que mencionaram o baixíssimo aproveitamento destes alunos, traz a pior constatação do que não deveria ocorrer. Uma investigação mais aprofundada a partir destas declarações poderia ser interessante para se aquilatar as razões pelas quais isso ocorre. Algumas delas estão indicadas nesta pesquisa como: falta de preparo das escolas e em especial dos gestores e dos professores, as visões preconceituosas em relação a estes alunos, a postura da sociedade que repercute nos educadores a qual estigmatiza estes jovens e, talvez uma visão idealizada da escola e de seu papel ainda muito presente nos discursos pedagógicos. Não se pode, ao mesmo tempo, deixar de reconhecer fatores objetivos que geram dificuldades para o trato educacional com estes jovens, vários deles aqui já mencionados.

Certo conforto é possível sentir nos dois depoimentos que apontam ao menos dois casos de alunos que apresentaram resultados educacionais positivos de acordo com o julgamento dos dois professores. Procurar saber desses casos, procurar saber que resultados educacionais positivos foram estes e procurar saber que fatores os proporcionaram, talvez seja outro caminho para encontrar pistas de soluções para ao menos alguns dos problemas apontados nesta pesquisa em relação à presença destes adolescentes nas escolas.

A última questão proposta aos gestores foi sobre indicação de caminhos para o trabalho da escola com vistas à reinserção social destes alunos. Dentre as indicações 66,67% sugerem como melhoria para auxiliar o processo de reinserção social destes adolescentes, a preparação de grupos específicos de professores para trabalharem com eles. Pensa-se em “separá-los” grupos próprios, ou em espaços específicos com a ajuda educacional também “separada”: com profissionais separadamente preparados para trabalhar com eles. Isso não acentuaria o processo de exclusão destes adolescentes, agravando um dos problemas mencionados que é exatamente o sentimento que eles têm em relação a isso e que, de acordo com os depoimentos, os levam a certas atitudes consideradas não adequadas no interior das escolas?

A posição que é defendida aqui é que eles são alunos como todos os outros e que não deve haver grupo específico para lidar com eles. O desejável é que todos os professores devam saber lidar com todos os alunos sem discriminações, ainda que sabendo atender a todos dentro de suas necessidades e dificuldades específicas.

Nesta perspectiva de saber atender a todos igualmente e, ao mesmo tempo, saber atender a necessidades específicas de cada aluno, é de se considerar a sugestão de um dos gestores de que haja treinamento, palavra por ele utilizada, para o próprio grupo gestor, bem como para professores e funcionários, visando ao atendimento educacional específico destes jovens.

No nosso julgamento, o surgimento de variadas sugestões indica ao menos que há preocupação em atender bem a estes alunos. Não por parte de todos os gestores, pois há os que são frontalmente contrários à sua presença na escola, mas por uma parte significativa destes educadores.

4.4. Visões dos Professores da ESCOLA B

A maioria deste grupo de professores, ou seja, 75% já tiveram adolescentes vindos da Fundação CASA como alunos. Assim como na escola A, foi solicitado aos professores que não tivessem tido contato com estes adolescentes como alunos 25% deles, que respondessem apenas a uma questão, mas novamente percebeu-se que

mesmo sem este contato, alguns professores possuíam opiniões sobre eles e as expressaram. Elas foram também levadas em conta.

Neste grupo de professores que nunca tiveram alunos vindos da Fundação CASA, na questão quatro, sobre o que pensavam a respeito da sua presença na escola, todos declararam serem a favor à reinserção³¹, mas com nuances neste posicionamento. Dois deles (40%) declararam ser a favor da reinserção sem restrições, e três (60%) a favor, com restrições.

Dentre os motivos apresentados pelos que são a favor sem restrições, destacamos esta fala: “[...] com todos tenho que desempenhar bem meu papel de mediadora do conhecimento”. Esta fala, a nosso ver, indica entendimento de igualdade de direitos de cada aluno e de consciência da necessidade de o professor ter um trabalho igualitário para com todos.

Nas falas dos que têm restrições o que se vê, na verdade, são indicações de medidas que, na opinião destes professores, poderiam melhorar o trabalho com estes alunos. Por exemplo: “A escola é para todos, mas mediante a um treinamento específico”, “Como mãe faria o possível para ajudá-los, mas na sala de aula precisaria de mais recursos “. Nota-se um cunho humanista na fala da professora que se coloca como mãe, pois ela enxerga estes jovens como alunos que precisam de atenção e de direcionamentos. Ao solicitar recursos, ela demonstra disposição para trabalhar com estes adolescentes. Esta posição é diferente das de outros professores que têm as posições já indicadas e que aqui serão retomadas de alguma maneira. Alguns até tentam algo, mas não veem perspectivas, outros os ignoram totalmente e outros são contra a presença deles no ambiente escolar.

No grupo de professores que já tiveram alunos vindos da Fundação CASA, as opiniões ficaram divididas em relação à questão que lhes perguntava sobre o que pensavam a respeito da presença destes alunos na escola³².

O grupo de 15 professores se subdividiu da seguinte maneira: 4 professores favoráveis à reinserção (26,67%), 4 professores favoráveis à reinserção mas com restrições (26,67%), 3 professores contrários à reinserção (20%), 1 professor radicalmente contra à reinserção (6,67%) e 3 professores (20%) que disseram algo que não respondia ao que foi perguntado. Portanto, não responderam a questão.

³¹ Dados disponível no capítulo segundo, página 86.

³² Dados disponível no gráfico da Figura 28 apresentado no capítulo segundo página 88.

Alguns motivos ou razões apontados para justificar estes posicionamentos são comentados a seguir. No grupo de professores favoráveis à presença destes alunos na escola foi destacado este depoimento, visto ter sido o único depoimento, nesta pesquisa e nas duas escolas, em que um professor declarou não ter problemas com estes alunos. O depoimento foi: “Apesar de serem amparados pela lei, acho que todos merecem uma 2ª oportunidade, nunca tive problemas com esses alunos em questão”. Além de afirmar não ter tido problemas, este professor reconhece o direito legal que eles têm. Direito, aliás, deles e de todos os outros alunos. Daí ele reconhecer que estes adolescentes merecem outra chance de serem incluídos na escola. Parece-nos que, na sua visão, este professor compreende a necessidade de se praticar uma educação libertadora, que demonstra preocupação com a realidade vivida do educando, com as singularidades de cada aluno, não os classificando como marginais, mas acreditando que mudanças são possíveis nos seres humanos, partindo da ideia de que somos inconclusos e inacabados. Para Freire e Shor (1987, p. 66) “O processo libertador não é um crescimento profissional. É uma transformação ao mesmo tempo social e de si mesmo, um momento no qual aprender e mudar a sociedade caminham juntos”. Para que o trabalho educacional obtenha sucesso com estes adolescentes é necessário que todos os professores compreendam que a educação escolar deve ser um processo de formação humana e não apenas de transmissão fria ou burocrática de conteúdos das diversas áreas de conhecimento.

No grupo de professores que são a favor da reinserção, porém com restrições, ao indicarem a necessidade, por exemplo de um profissional da Fundação CASA na escola e de capacitação específica para lidar com estes adolescentes, isso reforça a prática da violência implícita no cotidiano escolar em relação a eles. Estes adolescentes, sob vigilância e tratados ostensivamente como diferentes, nunca serão considerados iguais aos demais, ou seja, continuarão excluídos, mesmo estando na escola. A maneira como qualquer pessoa é recepcionada onde chega e é tratada, normalmente influencia no modo como vai se portar: ora, se este adolescente já chega sob vigilância, visto com olhares tortuosos indicando explicitamente diferenciação em relação aos demais, já terão motivos para práticas de retribuição também indesejáveis em relação à escola. Nenhuma pessoa gostaria de estar nesta situação, por certo. Estas sugestões, na verdade, são uma maneira de negar o direito de igualdade que estes adolescentes têm em relação aos demais alunos. Pôr serem vistos como

desacreditados, não habilitados a viver em sociedade, sofrem um tipo de exclusão e são culpabilizados por não quererem mais frequentar a escola. Trata-se de uma situação nada fácil: tanto para a escola, como para estes jovens. Ambos os lados têm sido vítimas. A escola por não ter as condições necessárias para o trabalho com os alunos vindos desta situação e de outras. Os alunos, pelo fato de não serem devidamente compreendidos e tratados com ações e recursos que levem em conta a situação na qual se encontram. Ambos os lados merecem atenção especial da sociedade.

Os depoimentos dos professores declaradamente contrários à reinserção dos adolescentes aqui mencionados, demonstram generalização, preconceito e presença de estereótipos. Falam “de extrema preocupação” com sua presença na escola e os apontam como “alunos sem direção, sem perspectiva de futuro”. São falas que demonstram não reconhecimento de direitos deles e, ainda, que estes educadores ao pensarem desta maneira, manifestam não aceitação destes jovens como seres humanos. Isso provoca neles sensação de exclusão até mesmo de desprezo. Isso amplia sua baixa autoestima, pois, a autoestima alta é construída e mantida também pelo olhar positivo do outro. Reconhece-se aqui, que esta visão do outro é construída no âmbito das representações sociais. No caso, as representações desses professores também o são. Isso, se não superado por esclarecimentos e disposições pessoais, pode conduzir a visões generalizadoras em relação aos adolescentes vindos da Fundação CASA: eles são vistos genericamente como fazendo parte de um grupo social que deve ser desvalorizado em relação aos demais. Nesta perspectiva desconsideram-se as individualidades e aceita-se como adequada a intolerância.

A fala sobre a falta de direção e de perspectiva de futuro atribuída a estes adolescentes não pode justificar um tratamento educacional não adequado a eles, pois, julgamos nós, justamente em relação a isso, a escola tem um papel essencial na vida destes adolescentes. Pois a escola tem a função da formação cidadã, de proporcionar alternativas de acesso a conhecimentos, de oferecer oportunidades de convivência social e de preparação para o mundo do trabalho. Quando a escola se furta à realização do seu papel com estes alunos, ela estará dificultando o desenvolvimento do sentimento de pertencimento a um grupo social, o que reforçará o sentimento de falta de perspectivas, pois quando qualquer indivíduo sente-se parte de algo, seu comprometimento para com este, é muito maior.

Estas considerações cabem também em relação à fala do professor que é radicalmente contra a reinserção destes adolescentes na escola. Ele declara que “os alunos não saem socializados da Fundação CASA, e que eles não deveriam ficar no mesmo ambiente que os demais alunos por uma “longa série de fatores”. Ele não especifica quais são estes fatores, mas isso remete a ideia de que mesmo sem ver, sem ter contato, sem experimentar uma relação, já de antemão não possibilita que isto ocorra de maneira positiva, emitindo um julgamento prévio, quando afirma que não saem socializados, ou seja, os engloba em um grupo desqualificado socialmente, fragilizando o possível processo de reintegração social. Ora, a escola tem sim responsabilidade nos processos de socialização das novas gerações e também destes jovens que nelas estão incluídos com suas características próprias assim como outros. Quando ela não os atende com vistas a este propósito ela colabora para mantê-los em grupos marginalizados, distantes de seus direitos e com atitudes contrárias ao que se espera de pessoas conscientemente envolvidas na construção da sociabilidade. Estas considerações cabem, por certo, não apenas aos jovens vindos da Fundação CASA. A educação escolar tem falhado neste aspecto, não apenas em relação a eles.

As falhas da escola estão presentes nos depoimentos constantes no que foi perguntado na questão seis. Ao responderem a esta questão seis, que perguntava se as escolas estavam preparadas para receber estes alunos, 85% dos professores desta escola, disseram que não. Desse percentual 10% nunca tiveram estes adolescentes como alunos, os demais, 75% representam unanimidade no grupo dos professores que já tiveram estes adolescentes como alunos. Esta falta de preparo, já apontada anteriormente nesta pesquisa, demonstra que de fato gestores e professores necessitam conhecer mais sobre estes adolescentes, sobre maneiras que poderiam facilitar o relacionamento com eles, sobre os direitos que eles têm. Estes conhecimentos podem facilitar o trabalho com eles, mas isso não basta. Outras providências precisam ser tomadas em relação a muitos outros aspectos, por certo. Mas isso não justifica ser contra a sua inclusão ou recepção nas escolas. Quando a ênfase recai apenas no que falta, perde-se de vista o objetivo em relação ao qual as faltas devem ser sanadas. Talvez seja mais fácil descartar o objetivo do que sanar o que falta. Neste sentido valem as considerações de Almeida:

Quando se fala em incluir, é preciso saber de que pessoa está se falando e que lugar ela ocupa no processo. Muitos educadores se proclamam favoráveis à inclusão quando aquele que necessita ser incluído está longe, depende da ação do outro. Quando o que precisa ser incluído está ao lado, os problemas começam: falta de formação específica, falta especialista na escola, falta apoio do sistema e assim por diante. De fato há necessidade de tudo isso, porém a obsessão pela falta aparece como um argumento contra a inclusão. (2005 p.62).

Estas considerações auxiliam na análise dos depoimentos relativos à não pertinência da presença destes alunos nas escolas. As faltas, seja de conhecimentos, seja de outros recursos nas escolas, não justifica manter estes adolescentes longe das escolas, assim negligenciando o direito que eles têm, como todos os outros, à educação, no caso à educação escolar.

Chama a atenção o fato de apenas um professor e, justamente um que nunca teve estes adolescentes como alunos, acreditar que as escolas estão preparadas para recebê-los. Talvez caiba aqui a ponderação de Almeida citada acima: “Muitos educadores se proclamam favoráveis à inclusão quando aquele que necessita ser incluído está longe, depende da ação do outro”. Por outro lado, este pode ser um indício de que o professor realmente está disposto a compreender o processo de inclusão destes alunos e encarar o desafio que a inclusão destes alunos representa.

Quando na questão sete³³, foi perguntado se os professores estão preparados para receber estes adolescentes como alunos, os percentuais foram exatamente iguais aos da questão anterior, o que novamente nos leva a refletir sobre a condição de despreparo como argumento mantenedor da exclusão, mas, também, como é importante o papel do professor no contexto escolar e, em especial, em contextos nos quais há a recepção destes alunos de que trata esta pesquisa. Escolas não podem realizar um bom trabalho sem a participação de professores bem preparados, ou seja, de professores que queiram e possam auxiliar no desenvolvimento de uma educação emancipadora, que tenham desenvolvida uma consciência crítica, que se sintam envolvidos na luta por uma sociedade mais justa para todos. É necessário que os professores acreditem que é possível desenvolver um bom trabalho, e que não se utilizem das dificuldades como “desculpas” para apoiarem a falta de comprometimento em relação a estes alunos, que tanto precisam que a educação faça diferença em

³³ Resultados obtidos da questão 7 estão disponível na página 91 do capítulo segundo.

suas vidas. Este bom preparo dos professores não dispensa, por certo, os cuidados em relação ao preparo das escolas como um todo, como foi apontado na questão anterior.

Apesar das afirmações relativas às dificuldades próprias da escola ou presentes nos gestores e docentes, ao serem perguntados, na questão oito³⁴, se julgavam que estes alunos apresentavam mais problemas que os demais alunos, o grupo dos professores que já tiveram estes alunos, se dividiu em 50% que responderam sim e 25% que disseram não. Ou seja, um quarto destes docentes não viu maiores problemas ao lidar com estes adolescentes. Os problemas, segundo eles, são semelhantes aos dos demais alunos. Mas, para a metade deles, estes alunos apresentam maiores problemas que os demais. Acrescente-se a estes mais alguns que afirmam a mesma coisa (os restantes 25%). São os professores que nunca tiveram este tipo de alunos. Talvez estes últimos digam isso por influência de falas dos colegas ou por conta de certa imagem criada em relação a estes adolescentes no ambiente em que vivem, como já apontado anteriormente.

Dentre estes outros problemas os seguintes foram apontados pelos professores nas respostas à questão nove³⁵: indisciplina, comportamentos resultantes de vivências anteriores e atuais, comportamentos de intimidação em relação aos colegas e aos professores e sentimentos de exclusão por parte das pessoas da escola que, de alguma maneira os identificam como oriundos da Fundação CASA. Além disso, são apontados como problemas maiores em relação aos demais alunos as dificuldades de aprendizagem e ainda, por parte de alguns, a prática de crimes. Assim os professores os veem e não é possível negar que os veem assim. O que não aparece na pesquisa são as razões desta percepção e, mais importante ainda, como os professores veem os motivos que levam estes alunos a se comportarem da forma como eles se comportam. Esta pesquisa não investigou a respeito destes dois aspectos e eles, são por certo, aspectos que merecem ser investigados por novas pesquisas.

Dois professores mencionaram também a questão da baixa autoestima presente nestes adolescentes. Sabe-se que a adolescência é período de transformações orgânicas, emocionais, intelectuais e sociais e estes aspectos já são

³⁴ Questão disponível na página 92 do capítulo segundo.

³⁵ Disponível no capítulo segundo, página.94.

por demais impactantes nos adolescentes de modo geral. Nos adolescentes que aqui estão sendo mencionados estes aspectos se somam ao fato de eles já terem estado em conflito com a lei, tendo assim, mais uma alteração em suas vidas a administrar. A autoestima (baixa ou alta) é um fator que pode influenciar positivamente ou negativamente no convívio familiar, na escola, na vida profissional e em outros aspectos. Sentir-se inadequado e, mais grave ainda, sentir-se excluído ou estigmatizado, é extremamente difícil para qualquer pessoa e, para os adolescentes, é quase um sentimento incontrollável. Trabalhar a autoestima destes alunos é imprescindível, especialmente evitando reforçar as visões de desacreditados e incapazes, até porque as vivências que eles têm já colaboram para isso. Alguns professores reconhecem isso ao declararem saber que “sofrem abusos e violência [...]”, que lhes “Falta estrutura e afeto” e que há “muitos com problemas familiares e vivem na miséria, sem apoio da família e sem base”. Se a escola reforçar esta desestruturação, como estes adolescentes poderão obter algum sucesso em suas vidas e, no caso, na vida escolar?

Os professores relatam a falta de integração com os demais alunos e problemas em serem aceitos na escola, gerando este sentimento de exclusão. Estas situações podem muito bem ser motivos que colaboram para que pratiquem a intimidação, indicada por outros professores. Pode ser, julgamos nós, uma maneira de encontrarem um espaço de atenção no cotidiano escolar. Todas as pessoas querem ser reconhecidas de alguma maneira.

Com relação à fala de que “eles são criminosos, traficam, matam, estupram, roubam, furtam”, verifica-se a questão da generalização. Se alguns são assim, isto não nos permite dizer que todos o sejam. Até porque não há como aferir os delitos que foram cometidos por cada adolescente e nem é esse o papel da escola. A ela cabe realizar seu papel de instituição formadora e não de instituição estigmatizadora, classificatória e excludente. Ainda que lhe caiba saber da realidade desses jovens e saber como trabalhar com eles educacionalmente. Daí a necessidade, também apontadas pelos professores, de um adequado preparo de todos os educadores das escolas para este nada fácil trabalho.

Na questão dez foi perguntado aos professores se poderiam apontar algum ou alguns casos em que perceberam que foi muito positivo o papel da escola na reinserção destes alunos. 45% dos professores não responderam, ou disseram algo

que não respondia à questão. 35% não viram resultados positivos. Esta fala, além de indicar isso, aponta para certo descaso da escola em relação a estes adolescentes: “Apenas assistem aulas, muitos não participam e não foi feito nenhum projeto ou algo do tipo para reinserir na sociedade”. Dos 20% de professores que responderam sim, alguns não especificaram os resultados que consideram positivos. Outros, como os que seguem, apontaram bons resultados: “Sim, tive aluno que teve bom aproveitamento, se redimiou, pagando pelos seus erros e teve êxito na vida profissional”. “Houve um caso de L.A. que se mostrou bem interessado na vida escolar e em relação aos demais alunos, o mesmo acabou se destacando nas atividades desenvolvidas”.

Estas falas reforçam algo que defendemos nesta pesquisa: que a estes alunos sejam dadas as oportunidades, pois eles são capazes e muitos precisam de incentivo, como mencionou este professor que afirma existirem “muitos casos positivos quando você vai com cautela e trata eles com carinho e dedicação”. Uma maneira de trabalhar, como esta aqui apontada, é fundamental para que estes adolescentes sintam-se acolhidos e pertencentes à escola. Na nossa maneira de ver, se os gestores e professores acreditarem que é possível, apesar das dificuldades, proporcionar a estes adolescentes uma educação de qualidade com objetivo real de formar o cidadão, muitos outros casos positivos poderão surgir.

Por fim, na questão onze³⁶, os professores foram indagados se poderiam sugerir algo que pudesse ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção destes alunos. 65% dos professores sugeriram medidas que julgavam poder auxiliar neste processo, como as seguintes sugestões: Desenvolvimento de “projetos que tenham como objetivo afastar a violência, que trabalhem valores como cidadania, respeito e humanidade, trabalho psicológico para os professores aceitarem esses alunos com igualdade, sem discriminação”. Realização de “parceria entre as escolas e outras instituições” e de “debates sobre os direitos humanos e a cultura de paz”. E ainda, “trabalhar em sala de aula a questão de convivência com o outro”. A maioria destas sugestões depende somente da escola, e se estes professores têm consciência do que deve ser feito, porque não há este trabalho no cotidiano escolar?

Uma sugestão feita que depende de apoio externo da escola foi a de haver apoio psicológico. Isso foi sugerido também pelos professores da Escola “A”. A

³⁶ Disponível no capítulo segundo página 99.

diferença aqui é que o apoio foi sugerido também para os professores. Aqui é dito que a maioria dos professores veem estes alunos como diferentes dos demais e os tratam com discriminação, precisando de um trabalho profissional para a mudança desta concepção. Este é um tema que merece mais estudos e considerações, por certo.

Surgiram também sugestões sobre os professores serem avisados previamente sobre a presença destes alunos e maior acompanhamento do conselho tutelar e monitoramento por parte da Fundação CASA nas escolas. São outros tipos de sugestão que, parece-nos, não traria resultados positivos por redundarem, de um lado, em interferências a nosso ver não cabíveis no trabalho da escola e, por outro, poderiam ter desdobramentos outros que não os desejados. Além disso, a legislação proíbe a identificação dos alunos em liberdade assistida e não indica que cabe ao conselho tutelar a função de acompanhar estes alunos. Para estes educadores escolares, porém, ao menos a identificação desses alunos poderia ser um recurso positivo para o melhor encaminhamento do seu trabalho com estes jovens. Até porque, na sua maioria, eles mesmos se fazem identificar ou são facilmente identificáveis como se apurou em conversas informais nas duas escolas. A prova disso está nas respostas dos gestores e dos professores quando perguntados a respeito da presença destes alunos na escola e certas características que apresentam. Como poderiam ter respondido, se não os tivessem identificados? Este é um aspecto que pode merecer maiores considerações com vistas a melhores encaminhamentos do processo educativo escolar destes adolescentes.

As considerações aqui feitas relativas aos dados obtidos através dos questionários respondidos pelos gestores e professores das duas escolas foram as que nos foi possível fazer. Sabemos que outras análises poderiam ser feitas, mas pra isso, há necessidade de mais estudos de nossa parte. É nossa intenção dar continuidade a eles.

Algumas observações ao final deste capítulo, nos parecem necessárias.

A primeira delas diz respeito às questões não comentadas neste capítulo e respondidas pelos gestores das duas escolas. Foram elas a de número um, que tratou da função ou cargo na escola, a de número dois, sobre a formação acadêmica e a de número três, sobre o tempo de permanência na escola. Foram questões que visavam, através das repostas obtidas, ter alguns dados sobre o perfil destes profissionais.

Estes dados não ofereceram algo de especial, como se imaginou inicialmente, por isso, não foram realizadas análises sobre eles.

Já as questões respondidas pelos professores, como a de número um, sobre o tempo de exercício docente na escola e a de número dois, sobre as disciplinas que lecionavam, mereceriam estudos mais aprofundados para poder aferir se estas características poderiam ter influências nos aspectos analisados nesta pesquisa, porém não foi possível a realização deste trabalho neste momento. Permanece sem resposta comprobatória a nossa hipótese de que, dependendo do tipo de formação tida, o profissional professor rege de uma maneira ou de outra em relação à presença dos alunos vindos da Fundação CASA.

Uma impressão ficou para nós, mas não foi possível comprová-la: nos dois grupos de gestores ainda que não se declarassem contrários à reinserção dos alunos vindos da Fundação CASA em suas escolas, suas respostas sugerem, parece-nos, restrições e argumentações que, de certa maneira, demonstram o desejo em não receber estes alunos.

A visão por parte da maioria dos gestores a respeito do que os professores pensam sobre estes alunos, foi confirmada nas respostas dos professores das duas escolas, ou seja, de que eles muitas vezes deixam que o preconceito e a visão estigmatizada dominem as suas abordagens em relação a estes alunos no contexto escolar. Estes mesmos gestores, em sua maioria, reconhecem que as escolas e a maioria dos professores não estão preparados para lidar com estes adolescentes. E, também, não viram resultados positivos da intervenção escolar na vida destes adolescentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores e gestores das escolas pesquisadas em sua maioria pensam que os alunos vindos da Fundação CASA não deveriam estar no ambiente escolar, ou ainda, que isto seria possível, porém com uma série de condições. Eles acreditam que estes adolescentes geram mais problemas que os demais alunos no cotidiano escolar, e que estes alunos promovem intimidação tanto em relação aos professores, como em relação aos colegas e que eles têm dificuldades de se adaptarem ao modo de ser e às regras da escola.

Aqui pode-se pensar em algo que mudaria esta ótica em relação a estes alunos. São eles que não se adaptam ao modo de ser da escola, ou é a escola, de modo geral, que não se adequa para atender modos de ser de seus “clientes” ou atender às suas necessidades específicas? Teria a escola que fazer isso?

Esta é uma questão de difícil solução. As mudanças de perspectivas já arraigadas são sempre difíceis. Em um relatório de pesquisa publicado em 2011 pelo CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária) com o título “Educação em territórios de alta vulnerabilidade social na metrópole”, há uma passagem que pode auxiliar na compreensão da dificuldade acima apontada. A passagem diz respeito à estrutura organizacional ou modelo institucional de escolas. Toda escola o tem, ainda que nem sempre explicitado para os seus membros, porém servindo sempre para justificar seus procedimentos e encaminhamentos de práticas. A certa altura (p. 10) diz o Relatório:

Entende-se por modelo institucional da escola o conjunto de pressupostos, em geral tácitos, que organizam a estrutura e o funcionamento das escolas. Eles dizem respeito às expectativas em relação aos alunos, à atuação dos professores, bem como à organização do currículo e das práticas de seu ensino.

Esta ideia parece se encaixar bem no que foi visto na posição da maioria de gestores e professores das duas escolas investigadas: Elas funcionam a partir de um modelo que gera expectativas em relação aos alunos, em relação à atuação dos professores e à organização de suas práticas. Se há expectativas consolidadas em relação ao tipo de aluno que “deve” poder ter acesso à escola, alunos de outro “tipo”

são recusados “por princípio”. Estes adolescentes vindos da Fundação CASA não são o tipo de alunos que a escola de modo geral espera receber. Se, contudo, chegam a ela, sofrem processos de exclusão até que a exclusão definitiva ocorra. Eles são considerados corpos estranhos ao organismo escolar.

O relatório mencionado aponta isso em relação a escolas da periferia de São Paulo que “recusam” certos tipos de alunos vindos de comunidades que não lhes proporcionam os pré-requisitos esperados para que a escola trabalhe com eles. A escola não se modifica no seu modelo para atendê-los de acordo com suas características e necessidades educacionais. “O modelo institucional que orienta a escola requer alguns requisitos dos alunos e dos profissionais para poder funcionar”, diz o Relatório também à página 10. E mais: foi constatado na pesquisa feita pelo CENPEC que escolas de um mesmo território periférico, acabam por “selecionar” alunos e professores que “funcionem” de acordo com seu modelo institucional e as que não conseguem fazer esta seleção acabam por receber ao menos em sua maioria, os alunos que não têm este perfil. Como estas escolas não modificam seu modelo institucional, elas fracassam no seu trabalho educativo. São levadas “ao limite da inviabilidade”, conforme diz o Relatório nessa mesma página 10.

O relatório especifica um pouco mais esta situação exemplificando com a situação de alunos do Ensino Fundamental I:

No que diz respeito aos alunos, o modelo pressupõe, por exemplo, que eles ingressem na série inicial com uma familiaridade preliminar com a cultura escrita e já tendo internalizado alguns modos de se comportar e se relacionar próprios das atividades escolares. (Idem, p. 10)

Se isso ocorre no primeiro segmento do Ensino Fundamental, diz o Relatório, a situação é pior no segmento seguinte, isto é, do sexto ao nono ano. Que pensar, então do Ensino Médio.

Guardadas as devidas proporções, parece-nos que é isso também o que ocorre com os alunos vindos da Fundação CASA. Eles não têm os requisitos esperados pelas escolas, nem os relativos às possíveis aprendizagens escolares e nem os relativos às maneiras esperadas de se comportarem no ambiente escolar. Tudo ali, para eles, é estranho. E, num ambiente estranho, ou se busca a adaptação,

ou há atitudes de inconformismo e de revolta. Daí, talvez, as atitudes de intimidação e de ameaças, conforme foi relatado.

Estes adolescentes de maneira geral não são desejados no ambiente escolar, porque os que atuam nestes ambientes desejam grupos homogêneos, nos quais possam classificar a todos como alunos ideais. Isso não condiz com a realidade da presença destes alunos e requer uma nova maneira de funcionar das escolas e de seus profissionais. Não se pode condenar os profissionais afirmando que não estão dispostos a se reinventar, pois, como mostram os dados coletados, nem eles e nem as escolas foram preparados para este novo tipo de trabalho educacional. Até que, como foi visto, alguns deles vislumbram possibilidades, mas clamam por novas orientações e recursos específicos, nem sempre indicando os mais adequados. O que também aponta para sua falta de preparo para esta realidade.

Realidade que traz aos olhos de todos um grupo significativo de jovens cidadãos, seres humanos também vítimas de uma sociedade que tolera uma situação de injustiças sociais gritantes. Eles e outros jovens atingidos por esta situação merecem escolas que possam saber lidar adequadamente com eles. Se isso puder ocorrer, não só os adolescentes vindos da Fundação CASA sairiam ganhando em termos de enriquecimento pessoal e profissional, mas todos os alunos matriculados nas escolas.

Acredita-se que o trabalho especial a ser desenvolvido, na verdade não é só para com estes alunos, mas para todos os que são, de alguma maneira, vitimados pela exclusão. O direito à educação está sendo negado a estes adolescentes, seja por desconhecimento, ou por falta de disposição para proporcionar-lhes o que têm direito.

Esta problemática é urgente e necessária ser discutida e ampliada nos ambientes escolares e com os órgãos competentes, para que não se mantenha e nem aumente o número de alunos à margem de uma educação desejada. Menos ainda para que não se mantenha e nem aumente o número desses jovens que, mesmo estando presentes na escola, dela não estão fazendo parte.

Sugestões de possíveis melhorias para o trabalho com estes adolescentes, foram citadas, decorrentes de depoimentos colhidos na pesquisa. Isso revela possibilidades vindas dos atores escolares e que precisam ser levadas ao

conhecimento dos responsáveis pelas políticas educacionais para que sejam analisadas e, se procedentes, viabilizadas.

Percebe-se como maior entrave para que uma educação igualitária ocorra nestas escolas, a falta de vontade e de ousadia para encarar o novo, e para desapegar-se de visões preconceituosas construídas pelos mais diversos meios.

Concluo este trabalho insistindo e persistindo na convicção de que é possível, receber estes alunos de maneira que se sintam pertencentes ao grupo de pessoas da escola, proporcionando a eles sensações de que são importantes, que a eles são atribuídos valores positivos e com demonstrações de abertura para diálogo. Tenho a convicção de que são caminhos para que a educação comece a fazer sentido na vida destes adolescentes que já são marcados pelas dificuldades de enfrentamentos sociais e que, por vezes, podem encontrar apoio apenas na escola. Isso não exime as famílias e demais instâncias sociais de seus papéis, mas estou apenas olhando para possibilidades de as escolas olharem para eles como eles gostariam de ser vistos: como pessoas que, assim como as demais, têm em si motivos para se envergonhar, mas também motivos para se orgulhar e para desejarem caminhos melhores para suas vidas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlio Gomes. Como se faz escola aberta? São Paulo: Paulus, 2005.

_____. Janete Ribeiro. Entrevista: Ladislau Dowbor. Revista @mbienteeducação, São Paulo, Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo, v. 3, n.1, p. 166-173, jan./jun. 2010.

AQUINO, Júlio Groppa. (Org.) Diferenças e Preconceito na Escola - Alternativas Teóricas e Práticas. 8ª ed. São Paulo: Summus, 1998.

_____. (Org.) Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996.

BRASIL. Constituição Federal. Brasília: Esplanada, 2002.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de Julho de 1990. Ed. Atual e corrigida. São Paulo: Saraiva, 2000.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, 1996.

_____. Código de Menores. Lei Federal nº 6.697/79. Concepções, anotações, histórico, informação. 2º ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, Disponível em <http://senado.gov.br/>, 1984.

_____. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE/Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Brasília – DF: CONANDA, 2006.

_____. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria da Educação Fundamental. 3º ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

_____. As bases éticas da ação socioeducativa: referenciais normativos e princípios norteadores. Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2006.

_____. Por uma Política Nacional de Execução das Medidas Socioeducativas: conceitos e princípios. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

_____ Sistema Especial dos Direitos Humanos - SEDH / Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente - SPDCA – Programa de Implementação do SINASE. Brasília DF: 2008.

CARONE, AQUINO. Igualdade versus diferença: um tema do século. In: AQUINO, Júlio Groppa. 8ª ed. São Paulo: Summus, 1998. Páginas 171 a 182.

CONDECA. Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.condeca.sp.gov.br/>. Acesso em: Nov. 2013.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. In: Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 116, julho/ 2002, p. 245-262.

CENPEC, Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. Educação em territórios de alta vulnerabilidade social na metrópole. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.cenpec.org.br/biblioteca/educacao/producoes-cenpec/educacao-em-territorios-de-alta-vulnerabilidade-social-na-metropole>>. Acessado em: Dez. 2014.

DIREITOS HUMANOS. Carta Internacional dos direitos Humanos. Disponível em: <<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/cidh-dudh.html>>. Acesso em: Nov. 2013.

ESTADO DE SÃO PAULO. Portal do Governo do Estado de São Paulo. Estado capacita professores para integrar egressos da Fundação Casa em escolas. Jun. de 2008. Disponível em:

<<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=96178>>. Acesso em: 07 Jul. 2013

FIA. Fundação para a infância e adolescência. Disponível em: <<http://www.fia.rj.gov.br/linhadotempo.htm>>. Acesso em: Nov. 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira, Medo e Ousadia. O cotidiano do professor. 9ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

Fundação CASA, histórico. Disponível em: <http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/a-fundacao/historia>. Acessado em Jul. 2013.

GOFFMAN, Erving. Estigma Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975

HIRIGOYEN, Marie – France. Assédio Moral: a violência perversa no cotidiano. Tradução de Maria Helena Kühner. 4ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ITANI, AQUINO. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, Julio Groppa. 8ª ed. São Paulo: Summus, 1998. Páginas 119 a 134.

LORIERI, Marcos Antônio. Filosofia: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

QUEIROZ, Renato da Silva. Não vi e não gostei: O fenômeno do preconceito. São Paulo: Moderna, 1995.

SAVATER, Fernando. Ética para meu Filho. Tradução Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SAVATER, Fernando. O valor de educar. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. O valor de educar. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Cadernos de Pesquisa, n. 116, jpu.l h2o4/52-20602, julho/ 2002

SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico-crítica. 10ª ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Educação, sujeito e história. São Paulo. Olho d'Água, 2001.

_____. Filosofia da educação: construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. Disponível em: <https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf>. Acesso em: Out 2013.

ANEXOS

ANEXO 1. CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA.



UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO.

Carta de apresentação

Senhora Diretora da Escola Estadual

Ao cumprimentá-lo (a), venho, através desta, apresentar a mestranda Lilian Soares Magalhães, do PPGE – UNINOVE, minha orientanda que desenvolve pesquisa sobre o tema: **A Escola e os Alunos Oriundos da Fundação CASA.**

A referida pesquisa tem como objeto o que pensam gestores e professores a respeito da presença de egressos da Fundação CASA na escola em que atuam, bem como proceder uma análise das dificuldades enfrentadas por estes profissionais da educação em relação a estes alunos, e verificar se esta maneira de pensar influi na maneira como trabalham com estes alunos.

Lilian trabalha com a hipótese de que a maneira como o trabalho educativo escolar é desenvolvido com estes alunos pode ser um fator influenciador de sua permanência na escola e de seu aproveitamento. Nem ela e nem nós desconhecemos que há outros fatores também determinantes nos dois aspectos acima mencionados. Mas, o objetivo é saber dos educadores da escola o que pensam a respeito e o que têm a dizer.

Trata-se de um estudo de caso a ser realizado em uma escola da Cidade de Guarulhos identificada como sendo uma das que têm recebido, nos últimos anos, alunos egressos da Fundação CASA. Este parece ser o caso da escola da qual é gestor (a).

Uma pesquisa como esta pode produzir indicações e contribuições para o trabalho importante da escola na ressocialização ao menos de parte dos jovens egressos da Fundação CASA. Isto é o que esperamos: Lilian, eu e o Programa de Pós-Graduação em Educação da UNINOVE.

Sabemos das imensas dificuldades do trabalho educativo escolar com os egressos e nos propomos a produzir algum subsídio para o mesmo. Neste sentido contamos com a sua colaboração para oferecer à Lilian as informações por ela solicitadas, bem como para autorizar que ela entre em contato com os demais gestores e com os professores da escola para a realização de entrevistas, obviamente com os que se dispuserem a participar.

Os dados coletados guardarão sigilo absoluto relativo à identificação da escola e dos participantes das atividades.

Agradeço-lhe a atenção e a acolhida que oferecer à minha orientanda.

Atenciosamente,

Professor Doutor Marcos Antonio Lorieri

São Paulo, 04 de agosto de 2014.

ANEXO 2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Eu, Lilian Soares Magalhães, responsável pela pesquisa **A Escola e os Alunos Oriundos da Fundação CASA**, faço o convite para você participar como voluntário de nosso estudo.

A pesquisa pretende saber o que pensam gestores e professores a respeito da presença de egressos da Fundação CASA na escola em que atuam, bem como proceder a uma análise do que estes profissionais da educação pensam, ou dizem pensar, e verificar se esta maneira de pensar influi na maneira como trabalham com estes alunos.

Trabalha-se com a hipótese de que a maneira como o trabalho educativo escolar é desenvolvido com estes alunos pode ser um fator influenciador de sua permanência na escola e de seu aproveitamento. Não se desconhece que há outros fatores também determinantes nos dois aspectos acima mencionados. Mas, o objetivo é saber dos educadores da escola o que pensam a respeito e o que têm a dizer.

Trata-se de um estudo de caso a ser realizado em uma escola da Cidade de São Paulo identificada como sendo uma das que têm recebido, nos últimos anos, alunos egressos da Fundação CASA.

Uma pesquisa como esta pode produzir indicações e contribuições para o trabalho importante da escola na ressocialização ao menos de parte dos jovens egressos da Fundação CASA. Isto é o que se espera.

Durante todo o período da pesquisa você pode apresentar suas dúvidas ou pedir esclarecimentos aos responsáveis, Lilian Soares Magalhães – pesquisadora (E-mail: liliso_magalhaes@hotmail.com) e Marcos Antônio Lorieri – orientador (E-mail: lorieri@sti.com.br).

Você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento.

Os dados coletados guardarão sigilo absoluto relativo à identificação da escola e dos participantes das atividades.

Antecipadamente agradecemos sua atenção.

Lilian Soares Magalhães

Responsável pela obtenção do Termo de Consentimento.

São Paulo, ____ de _____ de ____.

Eu, (nome completo do voluntário), após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário.

Data:

Assinatura de uma testemunha.

Data:

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Dados da pesquisadora:

Nome:

Endereço:

Telefone:

Email:

ANEXO 3. QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS INICIAIS DE CADA ESCOLA.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE.

Pesquisadora: Lilian Soares Magalhães.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Lorieri

QUESTIONÁRIO

Projeto de pesquisa relativo ao tema: A Escola e os Alunos Oriundos da Fundação CASA

ESCOLA: _____

Cidade: _____ **Bairro:** _____

Endereço: _____

Número de classes em funcionamento nos anos: 2010 () 2011 () 2012 () 2013 () 2014 ()

Períodos em funcionamento: Manhã () Tarde () Noite ()

Gestores

Diretor (a):

Idade () Sexo () Tempo no cargo () Tempo nesta escola ()

Formação: _____

Vices Diretores: número ()

Vice Diretor (a) 1:

Idade () Sexo () Tempo no cargo () Tempo nesta escola ()

Formação: _____

Vice Diretor (a) 2:

Idade () Sexo () Tempo no cargo () Tempo nesta escola ()

Formação: _____

Vice Diretor (a) 3:

Idade () Sexo () Tempo no cargo () Tempo nesta escola ()

Formação: _____

Coordenadores (as) Pedagógicos (as): número ()

Coordenador (a) Pedagógicos (a) 1:

Idade () Sexo () Tempo no cargo () Tempo nesta escola ()

Formação: _____

Coordenador (a) Pedagógicos (a) 2:

Idade () Sexo () Tempo no cargo () Tempo nesta escola ()

Formação: _____

Coordenador (a) Pedagógicos (a) 3:

Idade () Sexo () Tempo no cargo () Tempo nesta escola ()

Formação: _____

Professores (as): Total ()

Totais por gênero: M () F ()

Faixa etária: Até 25 anos () de 26 a 35 () de 35 a 45 () acima de 45 ()

Composição do quadro de professores nos últimos cinco anos:

2010: efetivos () temporários ()

2011: efetivos () temporários ()

2012: efetivos () temporários ()

2013: efetivos () temporários ()

2014: efetivos () temporários ()

Professores que já tiveram alunos egressos em suas classes: ()

Alunos. Quantidade de alunos matriculados na escola: ()

Tipo de clientela que frequenta a escola:

Classe A () Classe B () Classe C () Classe D () Classe E ()

Quantidade de alunos egressos da Fundação Casa que frequentaram a escola nos últimos 5 anos:

2010: ()

2011: ()

2012: ()

2013: ()

2014: ()

Tempo médio em que os egressos permaneceram na escola:

6 meses () 1 ano () 2 anos () 3 anos () mais que três ()

Quantidade deles que concluiu o ensino fundamental: ()

Quantidade deles que concluiu o ensino médio: ()

Percentual de repetência desses alunos: ()

Percentual de evasão desses alunos: ()

Se possível informar o que segue:

Se existem projetos culturais dos quais os egresso da Fundação Casa participam como: coral, grupos de dança, teatro, outros.

Se possível, dizer algo sobre o aproveitamento escola dos alunos egresso da Fundação Casa.

Agradecemos a atenção dada a este nosso pedido. Estes dados, com certeza nos ajudarão no encaminhamento de nossa pesquisa.

ANEXO 4. QUESTIONÁRIO GESTORES.

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

Aos gestores da escola.

Sou Lilian Soares de Magalhães, faço mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNINOVE e desenvolvo pesquisa sobre o que pensam os educadores (Gestores e Professores) de escolas estaduais em relação aos alunos advindos da Fundação Casa.

Estes alunos cometeram atos infracionais, foram encaminhados à Fundação Casa, cumpriram programas socioeducativos e retornam à sociedade. A legislação em vigor indica ser importante sua reinserção e a determina como um dever da sociedade com vistas à inclusão destes adolescentes e jovens numa situação digna de cidadania. Eles foram infratores, foram penalizados, legalmente responderam pelo que fizeram e, se voltam à escola é para que recebam os recursos educacionais que os possam auxiliar na sua formação cidadã. Há poucos estudos relativos à relação da escola com estes alunos bem como sobre o que pensam sobre eles os educadores das escolas. A pesquisa que realizo busca saber e entender o que pensam os educadores (Gestores e Professores) de escolas estaduais em relação a esses alunos. Com base na análise dos resultados pretende-se oferecer subsídios para o trabalho com estes alunos.

Meu convite e pedido é para que me auxiliem nesta pesquisa respondendo às questões a seguir. Sou-lhes agradecida por esta colaboração e comprometo-me a lhes dar conhecimento dos resultados a que conseguir chegar.

Questões.

1. Qual é sua função ou cargo na escola?
2. Qual é sua formação acadêmica?
3. Há quanto tempo está nesta função, nesta escola? Menos de um ano (); Um ano () Dois a três anos (); Mais de três anos ().
4. O que pensa a respeito da presença dos alunos vindos da Fundação Casa na escola?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

5. O que julga que os educadores da escola pensam sobre a presença destes alunos?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

6. Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos? Sim () Não ()

7. Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos? Sim () Não ()

8. Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais? Sim () Não ()

9. Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

10. Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola na reinserção de algum ou alguns destes alunos?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

11. Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?

.....

.....

.....

.....

12. Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?

ANEXO 5. QUESTIONÁRIO PROFESSORES

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

Senhor(a) Professor(a)

Sou Lilian Soares de Magalhães, faço mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNINOVE e desenvolvo pesquisa sobre o que pensam os educadores (Gestores e Professores) de escolas estaduais em relação aos alunos advindos da Fundação Casa.

Estes alunos cometeram atos infracionais, foram encaminhados à Fundação Casa, cumpriram programas socioeducativos e retornam à sociedade. A legislação em vigor indica ser importante sua reinserção e a determina como um dever da sociedade com vistas à inclusão destes adolescentes e jovens numa situação digna de cidadania. Eles foram infratores, foram penalizados, legalmente responderam pelo que fizeram e, se voltam à escola é para que recebam os recursos educacionais que os possam auxiliar na sua formação cidadã. Há poucos estudos relativos à relação da escola com estes alunos bem como sobre o que pensam sobre eles os educadores das escolas. A pesquisa que realizo busca saber e entender o que pensam os educadores (Gestores e Professores) de escolas estaduais em relação a esses alunos. Com base na análise dos resultados pretende-se oferecer subsídios para o trabalho com estes alunos.

Meu convite e pedido é para que me auxiliem nesta pesquisa respondendo às questões a seguir. Sou-lhes agradecida por esta colaboração e comprometo-me a lhes dar conhecimento dos resultados a que conseguir chegar.

Questões.

1. Há quanto tempo leciona nesta escola? Menos de um ano (); Um ano () Dois a três anos (); Mais de três anos ().
2. Disciplina que leciona: ou atividade que desenvolve
3. Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa? Sim () Não ()
4. Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?

.....
.....
.....
.....

-
-
-
-
5. Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?
-
-
-
-
-
-
-
-
6. Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos? Sim () Não ()
7. Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos? Sim () Não ()
8. Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais? Sim () Não ()
9. Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?
-
-
-
-
-
-
10. Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?
-
-
-

.....
.....
.....
.....
.....

11. Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?

.....
.....
.....
.....
.....

12. Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?

ANEXO 6. RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS TABULADAS POR ESCOLA.

ESCOLA “A” GESTORES

Pesquisa de Campo							
QUESTÕES		RESPOSTAS	Gestor A1	Gestor A2	Gestor A3	Gestor A4	Gestor A5
1	Qual é sua função ou cargo na escola?		Diretor de escola	Vice - Diretor Titular de cargo (Hist)	Vice Diretora	Coordenadora do Ensino Fundamental	Professor Coordenador Ensino Médio
2	Qual é sua formação acadêmica?		Superior	Superior e Pedagogia	Pedagogia e Matemática	Letras/Pedagogia /Pós em gestão Escolar	História
3	Há quanto tempo está nesta função, nesta escola?		Mais de três anos	Menos de um ano	Mais de três anos	Dois a três anos	Mais de três anos
4	O que pensa a respeito da presença dos alunos vindos da Fundação Casa na escola?		Penso que devam se reintegrar a sociedade, mas o poder judiciário tem que ser modificado.	Normal em relação aos outros.	A escola os recebe como aluno normal, porém ele é que não se comportam como aluno, a maioria já chega querendo apavorar ou seja ficam falando que são L.A. para intimidar as pessoas.	Que eles deveriam continuar na fundação casa, pois a escola não tem estrutura para trabalhar com eles.	Há pontos positivos e negativos. Positivos porque alguns tem a boa conduta, que os foram levados a melhorar, ou seja, a função social da fundação casa, que é reabilitar esses adolescente nem sempre funciona muitos saem da mesma ou pior forma que entrou influenciando e amedrontando alguns alunos da unidade escolar.
5	O que julga que os educadores da escola pensam sobre a presença destes alunos?		Repulsa.	Preocupante.	Alguns professores tem receio de se impor.	Que eles atrapalham e influenciam os demais alunos a praticarem alguns delitos.	Não estamos aqui para fazer nenhum julgamento, mas quando o mesmo de reabilita trabalhamos com eles prazerosamente, mas caso contrário fica um trabalho meio que insustentável.
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?		Sim	Sim	Não	Não	Não
7	Com base em suas vivências, julga que os professores professores estão preparados para receber estes alunos?		Sim	Não	Não	Não	Não
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?		Não	Não	Sim	Sim	Sim
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?				Com o linguajar diferente dos demais alunos e até mesmo fazem questão de dizer que são L.A.	Na maioria das vezes estes alunos acham que não devem participar ou desenvolver alguma atividade em sala de aula porque eles são criminosos e que vão passar a vida toda cometendo delitos.	Eles costumam, muitos que não se reabilita, coagir os demais com a sua situação.
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou algum nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola na reinserção de algum ou alguns destes alunos?		Infelizmente a escola não faz a diferença para estes alunos, pois voltam a cometer delitos.	No caso, não ainda nesta unidade mas em outra de aluno que passou por experiência na fundação e se recuperou e passou a ter mais responsabilidade e compromisso com os estudos.	Para eles a escola não faz diferença, a maioria volta para a fundação no espaço de tempo pequeno.	Não, porque os mesmos continuam cometendo os delitos e a escola é só uma desculpa para eles.	Eu apenas consigo perceber apenas um aluno que hoje está no Ensino de Joves e Adultos.
11	Pode sugerir algo que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?		Antes que a escola faça alguma ação a sociedade, precisaria fazer, e junto o poder judiciário.	Cursos técnicos que oportunizem esses alunos bem como psicólogos para ajudá-los de perto.	Que fossem acompanhados com frequência, pois só mandam para a escola e não procuram saber do comportamento do cidadão.	Deveria ter um orientador ou psicólogo dentro da escola para poder auxiliá-lo.	Orientador/Psicólogo, ou atépe mesmo algumas capacitações que nos inserisse nesse contexto.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?			Sim			
	Observação:						Podemos conversar sobre ele

ESCOLA “A” PROFESSORES

Pesquisa de Campo					
Questões	Respostas	Professor A1	Professor A2	Professor A3	Professor A4
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	<input type="text" value="Menos de um ano"/>	<input type="text" value="Mais de três anos"/>	<input type="text" value="Menos de um ano"/>	<input type="text" value="Dois a três anos"/>
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	Geografia	Educação Física	Biologia	Ciências
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Não"/>
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Acho de extrema importância a inserção dos mesmos no ensino educacional, pois os mesmos tem as oportunidades que todos os cidadãos.		São alunos que precisam de acolhimento e apoio	
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?		Estes alunos frequentam a escola não para seu progresso escolar e sim para tumultuar a aula. Dificultam o trabalho do professor.		
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	<input type="text" value="Selecione"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	<input type="text" value="Selecione"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	<input type="text" value="Selecione"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?		São alunos que se drogam roubam e não estão aí pra nada.	Ao alunos da Fundação casa são mais difíceis de entender o comportamento, pois eles tem passado por problemas psicológicos	Eles são bastante indisciplinados
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?		Não conheci nenhum caso que tenha melhorado infelizmente.	Não convivi com esta situação	
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?		Teríamos que fazer um trabalho diferenciado de conscientização com estes alunos.	Projetos diferenciados deveriam ser feitos para trabalhar com estes alunos	
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	<input type="text" value="Selecione"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Selecione"/>

Pesquisa de Campo					
Questões	Respostas	Professor A5	Professor A6	Professor A7	Professor A8
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	Mais de três anos	Mais de três anos	Menos de um ano	Mais de três anos
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	Língua Portuguesa	Matemática	Geografia	Biologia/Ciências
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	Sim	Sim	Sim	Sim
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Oportunidade de interação e/ou integração junto a sociedade novamente		Infelizmente muitos alunos acham um prêmio e falam que passaram pela Fundação.	
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?		É uma tentativa de reintegração do indivíduo ao convívio social.	Infelizmente ao invés de incluir ao alunos, muitas vezes se valem da situação para dominar os outros alunos	Penso que seja algo difícil, pois muitos deles usam isso como título para se impor perante os alunos e professores.
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Não	Não	Não	Não
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	Não	Não	Não	Não
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Sim	Não	Sim	Sim
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Maior rebeldia e falta de interesse, apenas gostam de intimidar colegas e professores deixando claro que são ou tem liberdade assistida.		Indisciplina.	Eles querem ter tratamento diferenciado, como por exemplo ir embora a hora que quer, entre outros.
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?		Este aluno deveria copiar a lição, participar das atividades e no final da aula eu deveria assinar ou visar seu caderno ou suas atividades	Infelizmente não conheço nenhum.	Não
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?			No caso não só para esses alunos, mas para todos, poderia ser implantado na rede formação profissional para esses e todos os alunos	Não estamos preparados para receber esses alunos.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	Selecione	Não	Não	Não

Pesquisa de Campo					
Questões	Respostas	Professor A9	Professor A10	Professor A11	Professor A12
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	<input type="text" value="Menos de um ano"/>	<input type="text" value="Mais de três anos"/>	<input type="text" value="Mais de três anos"/>	<input type="text" value="Menos de um ano"/>
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	Geografia	Arte	História	Língua Portuguesa
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Não"/>
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Penso que é um investimento na criminalidade, pois os Las comprometem a integridade dos alunos, eles acabam arrastando outros alunos para a vida do crime. Formam-se líderes nas escolas para o lado da criminalidade.	Embora este direito lhes seja garantido por lei muitas vezes colocamem risco os alunos que estão em formação psicológica como os adolescentes que podem ser influenciados diante de alguns comportamentos que temos presenciado.	Atrapalham as aulas, eles querem ser líderes da sala.	Acho que algumas escolas não estão preparadas para receber estes alunos, pois muitos deles apresentam muitos problemas, e as vezes o professor (a) da turma acaba numa situação constrangedora devido a falta de habilidade para com estes alunos.
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?				
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Não"/>
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	A liderança, o prazer pelas coisas erradas, eles acham "Entrei na Fundação Casa repousei, agora estou na ativa".	Ao querer se estabelecer diante do grupo de alunos, querem mostrar-se superior e demonstram coportamento diferenciado para os demais.	Colocam medo nos demais alunos, acham que podem entrar e sair da escola a hora que querem.	
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Não acredito que quando a pessoa segue o mal, não tem volta. Penso que melhor seria prevenir a criminalidade investindo na educação. E não consertar o criminoso.			
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Não, o auxílio seria antes da reinserção social. Melhor prevenir o problema que todos empurram com a barriga, e só quando explode a bomba "o criminoso", que pensa em fazer algo.		Um treinamento.	
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Selecione"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Selecione"/>

Pesquisa de Campo					
Questões	Respostas	Professor A13	Professor A14	Professor A15	Professor A16
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	Mais de três anos	Mais de três anos	Mais de três anos	Dois a três anos
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	Matemática	Português e Inglês	Educação Artística	Filosofia
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	Sim	Sim	Sim	Sim
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Deve ser oferecido a oportunidade para esse alunos, não a obrigatoriedade.		A importância de integrar na sociedade se torna importante, a escola é uma das possibilidades de fazer com que eles vivam na sociedade provavelmente, porém é um trabalho árduo e requer cuidados em conduzi-los.	Se esses discentes já estão na Fundação Casa, que a mesma faça o trabalho de tentar recuperá-los e inseri-los novamente na sociedade.
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?		A presença desses alunos se torna um pouco inconveniente, pois não se preocupam com os seus estudos e muitas vezes intimidam professores e alunos		
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Não	Não	Não	Não
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	Não	Não	Não	Não
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Sim	Sim	Não	Sim
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Esses alunos apresentam um domínio sobre os outros alunos, transmitem medo.	Eles chegam bonzinhos, mas com o passar do tempo já envolveram os alunos com sua ideias e enfatizam que a fundação casa é o melhor caminho.		Geralmente são mais agressivos, em todos os sentidos.
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?			Uma nova oportunidade de conhecer novos caminhos, sentir a responsabilidade.	Não, infelizmente os mesmos nos amendrontam.
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Segurança.	Em primeiro lugar comunicar os professores sobre a presença deles e nós professores nos preparamos para recebê-los.	Acompanhamento das autoridades competentes, como a polícia militar.	Não! O governo que invista nos órgãos competentes.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	Selecione	Selecione	Sim	Sim

Pesquisa de Campo					
Questões	Respostas	Professor A17	Professor A18	Professor A19	Professor A20
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	Mais de três anos	Menos de um ano	Mais de três anos	Menos de um ano
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	Matemática/ Física/ Ciências	Língua Portuguesa	História	Educação Física
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	Sim	Não	Sim	Sim
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Pra mim, na verdade, lugar de bandido é na cadeia até que cumpram a pena, na sua íntegra sem brechas que a lei oferece, como a da menor idade, crime para mim é crime, não importa a natureza, se você é maior e inoctrer em um crime você vai pagar, porque é maior de idade, então frizo, esses escórias do mundo devem ficar bem longe dos alunos que realmente são pessoas.	Penso que esses alunos precisam sim de uma oportunidade desde que tenhamos ajuda das autoridades competentes.	A presença desses alunos na escola chega a ser um tanto irônico, pois, não existe segurança com professores, diretores, enfim, não existe segurança com a gestão educacional e com esses alunos, a segurança seria dobrada e não. Todos os dias presenciávamos violência verbal entre os alunos com os professores.	Que não deveriam estar frequentando. Penso que as penas para menores infratores são muito flexíveis em nosso país.
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Sim, já tive, tenho, e digo, são escórias que como dizem criados e produtos da sociedade o que eu não acredito; Pois até fome já passei, até agora não cometi nenhum crime passível de condenação, volto a repetir longe com essa raça de bandidos, que o governo jogou pra dentro das escolas, para tirar a sua competência ou melhor, para apoiá-los em suas práticas, pois, pra mim o próprio governo é o chefe da quadrilha que comanda este estado, este país enfim, estão todos acomodados.		Alunos que não são L.A. e matam professores a violência entre os próprios alunos com eles mesmos, então, não é uma boa ideia ter alunos com grau de violência tão explícito. Para cada situação, tem que ter o seu espaço. Se um aluno está no mundo do crime, é porque ele quer estudar, então ele não deve estar no meio dos alunos que supostamente querem estudar.	Esses alunos devem cumprir suas penas em presídios de acordo com o delito que cometeram e não estarem contaminando os demais alunos.
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Não	Não	Não	Não
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	Não	Não	Não	Não
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Sim	Sim	Sim	Sim
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Se sentem melhores que os demais, usam da fala para amedrontar, não se respeitam e nem ao próximo, se vangloriam do que são, não tem pudor nenhum.	Comportamentos violentos, agressivos.	Alguns alunos apresentam comportamento de superioridade entre os outros alunos e com os professores. Isso causa uma questão de medo entre os outros alunos, ou, na maioria dos casos, conflitos. É uma situação muito sensível, onde não temos que nos apoiar.	Eles não gostam quando chamamos a atenção deles. Se impõe como "Perigosos"
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Estou aqui na escola vai fazer 20 anos e até a presente data não vi ou percebi, reinserção destes no convívio social, pelo contrário, entraram oriundos do crime, dizem que estão pagando a pena, mas na realidade camuflam a realidade, pois muitos continuam no crime - são bandidos, ladrões, traficantes, como outrora.	Não reconheço.	O lado positivo é a tentativa de inclusão social desses alunos no meio educacional, porém ao mesmo tempo em que a escola abre as portas para esses alunos, o aluno faz de tudo para causar problemas para os outros professores, para a escola, para o meio educacional. Percebe-se que na teoria é uma coisa, mas na prática é o contrário.	Não
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Não quero sugerir nada, pois depois de toda minha opinião sobre tais seres jamais quero sugerir algo que possa melhorar, pelo contrário, bandido além de estar na cadeia, se não teve jeito tem que morrer...	A escola está preparada, em hipótese alguma.	Se tiver algo a ser feito, a única coisa que deve haver é uma lei que proteja e de segurança aos professores.	Que esses alunos trabalhassem em projetos a favor da escola e comunidade. Como projetos contra drogas e multirões para limpeza e conservação.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	Não	Não	Não	Selecione

Pesquisa de Campo					
Questões	Respostas	Professor A21	Professor A22	Professor A23	Professor A24
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	Mais de três anos	Dois a três anos	Menos de um ano	Mais de três anos
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	História e Sociologia	Português	Geografia	História
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	Sim	Sim	Não	Não
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Acredito que todos tem uma nova oportunidade, porém eles não tem um comportamento adequado, cometem novos delitos, influenciam outros de forma a prejudicá-los. Deveria ser feito um trabalho no qual realmente pudesse surtir efeito positivo, mas quem está preocupado como isto é conveniente enviá-los a escola pública.	Nós não devemos receber estes alunos na sala, pois a sala fica totalmente indisciplinada e presenciamos várias conversas desnecessárias.	Eu concordo como a presença do aluno vindo da Fundação Casa, porém teríamos que ter um acompanhamento da direção quinzenalmente, reuniões com esses alunos para saber o desenvolvimento escolar e como está sendo a disciplina perante o professor e os colegas de sala.	São alunos que não tem nenhum interesse no aprendizado! Estes alunos não passam de uma estatística para o sistema capitalista.
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Continuando o esclarecimento acima, de uma certa forma a escola hoje se tornou um depósito crianças totalmente desestruturadas e com suas famílias da mesma forma enfim quando houver interesse governamental a respeito desses jovens, assim poderemos ter estrutura, para para receber estes alunos e a escola também sem estrutura.	Estes alunos tem eu estudar na Fundação Casa, lá é o lugar deles.		São pessoas que não tem recuperação!
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Não	Não	Sim	Não
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	Não	Não	Sim	Não
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Sim	Sim	Sim	Sim
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	A falta de respeito p/ com os professores colegas e até mesmo consigo próprio. Falta de interesse.	Já começa pela forma que eles tratam os professores (senhora) isso é terrível. Tem também uso de drogas e etc.	Esses alunos vão ter dificuldade na aprendizagem, vão achar que são incapazes, vão sentir a exclusão da maior parte dos alunos da sala.	Na aprendizagem, agressões físicas e verbais!
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Não	Não.	Ainda não vivenciei essa situação.	A escola não tem papel positivo na vida destes, portanto a escola não está preparada para desenvolver algo de positivo com estes alunos.
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Não.	Não.	Já está sendo feita a inclusão desses alunos a rede de ensino.	Investimento na educação, para que estes alunos possam ter uma oportunidade e não entrar na estatística do sistema "estado".
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	Não	Não	Sim	Sim

Pesquisa de Campo				
Questões	Respostas	Professor A25	Professor A26	Professor A27
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	Mais de três anos	Mais de três anos	Menos de um ano
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	Educação Física	Química	Matemática/Física
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	Sim	Sim	Sim
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	É uma forma de integração dos mesmos numa rotina escolar isto dependendo de um bom comportamento.		
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Sim tive.	A presença destes alunos não interfere em nada o andamento das aulas. São alunos comuns com comportamento não diferente ao dos alunos regulares.	Alunos que são difíceis de serem trabalhados para inseri-los na sociedade.
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Sim	Não	Não
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	Não	Não	Não
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Sim	Não	Sim
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Normalmente eles causam uma espécie de pressão psicológica nos demais alunos com ameaças ou coisa parecida.		Influências negativas. Incentivo a marginalização (roubo de drogas).
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	A escola tem um papel importante mas sinto falta de uma qualificação para a inserção destes alunos na escola.		Não.
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Qualificação de professores e funcionários a forma de lidar com o caso.	Programas que levam o aluno a participar em causas sociais, palestras, oficinas.	Terminar sua formação na Fundação casa.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	Não	Sim	Sim

ESCOLA “B” GESTORES

Pesquisa de Campo				
QUESTÕES		RESPOSTAS	Gestor B1	Gestor B2
1	Qual é sua função ou cargo na escola?		Diretor de Escola	Vice - Diretor
2	Qual é sua formação acadêmica?		Letras/Pedagogia/Pós Graduação	Matemática e Pedagogia
3	Há quanto tempo está nesta função, nesta escola?		Um ano	Mais de três anos
4	O que pensa a respeito da presença dos alunos vindos da Fundação Casa na escola?		A legislação é cumprida, porém a própria Fundação é falha na questão da reeducação. Dentro da escola eles não se adequam ao comportamento de alunos.	A escola é uma instituição que contribui para a construção de uma nova geração. É aquela que sabe que, entre as diferenças, todos somos iguais. Então se um cidadão solicita um vaga na nossa Unidade Escolar, aqui todos serão tratados como alunos.
5	O que julga que os educadores da escola pensam sobre a presença destes alunos?		Não aceitam, tem medo deles e não se aproximam. A direção e coordenação tem que mediar o convívio.	A maioria dos professores não vê o aluno como um indivíduo e também não estão preparados para trabalhar com jovens infratores que tem dificuldades em lidar com regras, em estabelecer rotinas.
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?		Não	Sim
7	Com base em suas vivências, julga que os professores estão preparados para receber estes alunos?		Não	Não
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?		Sim	Não
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?		São agressivos. Não gostam da escola. Voltam a traficar dentro da escola (se forem traficantes). Não respeitam regras e hierarquia. Usam drogas dentro da sala de aula.	
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou algum nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola na reinserção de algum ou alguns destes alunos?		No caso de 7 alunos inseridos, pode-se apontar 1 dentre eles que se adequam à escola.	Essa pergunta não posso responder em virtude que a unidade Escolar não tem ou não faz um acompanhamento desses alunos e na maioria das vezes o aluno é considerado abandono ou volta para a Fundação Casa.
11	Pode sugerir algo que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?		Professores capacitados só para ele. Oficinas voltadas para o trabalho manual envolvendo-os. Ter um membro direto dessa fundações para acompanhá-los diariamente. Pois quando colocamos que não temos vaga, ou perguntamos sobre o aluno, eles nos ameaçam dizendo que é ordem do juiz. Eu pergunto: Tem filho de juiz estudando na escola pública?	
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?		Não	Não

Pesquisa de Campo			
QUESTÕES		RESPOSTAS	
		Gestor B3	Gestor B4
1	Qual é sua função ou cargo na escola?	Vice - Diretora	Coordenadora do Fundamental II
2	Qual é sua formação acadêmica?	Pedagogia, Matemática e Biologia.	Educação Física
3	Há quanto tempo está nesta função, nesta escola?	Menos de um ano ▼	Menos de um ano ▼
4	O que pensa a respeito da presença dos alunos vindos da Fundação Casa na escola?	Por um lado é bom pois poderemos mostrar que há um novo mundo de oportunidades que não há necessidade de envolver-se com o mundo de crime.	Que apesar de ser um direito dele, mas estamos despreparados para atendê-los.
5	O que julga que os educadores da escola pensam sobre a presença destes alunos?	Tratamos o alunos com olhos mais cuidadosos, visando observar seu comportamento.	Muitos professores sentem medo, acabam cedendo muito e não impondo as regras de deveres aos alunos com medo a represalhas.
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Sim ▼	Não ▼
7	Com base em suas vivências, julga que os professores professores estão preparados para receber estes alunos?	Sim ▼	Não ▼
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Não ▼	Sim ▼
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?		Acreditam que falta a eles uma perspectiva de vida, sonhos, ambições. Já tem uma carga com o que tem que pagar ou pagou pelo seu ato incorreto, e se sentem carentes, violentos, desamparados, é um misto. Precisam ser melhor assistidos.
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou algum nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Infelizmente não.	Não tive essa vivência.
11	Pode sugerir algo que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Um projeto voltado exatamente para este tipo de problema.	Gostaria muito de uma equipe: professores; psicólogos; assistentes sociais. Pois acredito que só desta forma poderemos ajudar de forma mais efetiva os nossos alunos.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	▼	▼

Pesquisa de Campo			
QUESTÕES		RESPOSTAS	
		Gestor B5	Gestor B6
1	Qual é sua função ou cargo na escola?	Professora Coordenadora Pedagógica - PCP	PCA- Professor Coordenador administrativo
2	Qual é sua formação acadêmica?	Matemática	Letras/Pedagogia
3	Há quanto tempo está nesta função, nesta escola?	Dois a três anos	Dois a três anos
4	O que pensa a respeito da presença dos alunos vindos da Fundação Casa na escola?	Um desafio, pois não temos uma formação para lidar com a maioria. Pois há casos e casos, que as vezes foge do nosso controle.	Eles representam um desafio na educação institucional porém faz-se necessário a socialização destes alunos e reinserção na sociedade. Gostaria que fossemos melhor preparados para recebê-los também acho que devem receber apoio psicológico.
5	O que julga que os educadores da escola pensam sobre a presença destes alunos?	Um pouco de discriminação; por não ver que se trata de um ser humano que precisa ser educado.	Acho que todos pensam que eles não irão se recuperar e que irão contaminar os outros com suas posturas. Eu acredito na educação e acho que eles podem e devem ser tratados como todos, com amor e respeito.
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Não	Não
7	Com base em suas vivências, julga que os professores estão preparados para receber estes alunos?	Não	Não
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Sim	Sim
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Por não respeitarem as normas da escola, por não estarem motivados na aprendizagem.	Eles infelizmente acham que ser egresso da Fundação é um título e que não devem respeitar hierarquia, desafiam o tempo todo.
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou algum nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Infelizmente não tive essa vivência ainda.	
11	Pode sugerir algo que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	A capacitação, a formação dos gestores e professores até mesmo funcionários para melhor trabalho.	Apoio psicológico, docentes com formação específica, e Orientações constantes no trato com estes alunos.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?		

ESCOLA “B” PROFESSORES

Pesquisa de Campo				
Questões	Respostas	Professor B1	Professor B2	Professor B3
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	<input type="text" value="Dois a três anos"/>	<input type="text" value="Mais de três anos"/>	<input type="text" value="Mais de três anos"/>
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	Matemática	Ciências e Biologia	História
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?		Acredito que estes jovens têm direito de serem reinseridos na sociedade, porém os profissionais da escola devem ser capacitados para recebê-los.	
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Apesar de serem amparados pela Lei, acho que todos merecem uma 2ª oportunidade, nunca tive problemas com esses alunos em questão.		Penso que esses educandos devem se apropriar do conhecimento elaborado pela sociedade, pois lutamos por uma sociedade democrática e principalmente por uma Educação inclusiva.
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Sim"/>
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Sim"/>
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>
	Observação na questão 8			
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?			
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Sim, tive aluno que teve bom aproveitamento, se redmiu, pagando pelos seus erros e teve êxito na vida profissional.	Sinceramente não sei responder, pois nem sempre sabemos quem são os alunos L.A.	Sim, uma escola que promove a cultura de paz, que tem compromisso com a transformação da Sociedade.
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Através de projeto, oficinas, um trabalho psicológico, preparam os professores a aceitarem esses alunos com igualdade, sem discriminação.	Parcerias entre as escolas e outras instituições.	Sim. Aulas diferenciadas, projetos que promovam debates sobre os direitos humanos, cultura de paz.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>
	Escritas no campo da questão 12			

Pesquisa de Campo					
Questões		Respostas	Professor B4	Professor B5	Professor B6
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?		Dois a três anos ▼	Mais de três anos ▼	Menos de um ano ▼
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:		Sociologia	Educação Física	Geografia
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?		Sim ▼	Sim ▼	Sim ▼
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?				Os que eu recebi, eram respeitosos em relação a nós professores, nunca responderam. Só que nós não recebemos nenhum curso para lidar com este tipo de aluno.
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?		Tendo em vista que os alunos não saem socializados da Fundação Casa, eles não deveriam ficar no mesmo ambiente que os demais alunos por uma "longa" série de fatores.	Devido ao longo tempo na rede, acabei me ambientando com suas presenças. É claro que é necessário sua integração no processo escolar, desde que esteja totalmente recuperado.	
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?		Não ▼	Não ▼	Não ▼
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?		Não ▼	Não ▼	Não ▼
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?		Sim ▼	Sim ▼	Sim ▼
	Observação na questão 8				
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?		Eles são criminosos, traficam, matam, estupram, roubam, furtam.	* Falta de disciplina e desinteresse no ambiente escolar. * Falta de integração com os próprios alunos	Alguns usam a palavra eu já fui ou sou da Fundação para exercer poder na sala de aula perante os outros alunos.
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?		Não tenho conhecimento de nenhum caso.	Infelizmente não.	Apenas assistem as aulas, muitos não participam e não foi feito nenhum projeto ou algo do tipo para reinserir na sociedade.
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?		Não, já é muito difícil para a escola lidar com alunos "normais", aliás ela está praticamente acabada, imagine com alunos vindos da fundação casa.	* Maior acompanhamento do conselho tutelar, * Melhor integração entre todos os setores da sociedade * Treinamento, Cursos	Colocar estes alunos em projetos.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?		Não ▼	▼	▼
	Escritas no campo da questão 12				

Pesquisa de Campo				
Questões	Respostas	Professor B7	Professor B8	Professor B9
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	Mais de três anos	Mais de três anos	Menos de um ano
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	Lingua Portuguesa e Geografia	Lingua Portuguesa	Português (Lingua Portuguesa)
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	Sim	Sim	Não
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	A escola deve atender todos, mas com regras e um profissional da fundação casa para orientar os professores e direção e coordenação.	Eu creio que a escola deve atender todos os alunos sem discriminação alguma, porém com alguns critérios à serem seguidos como capacitações, treinamento e um profissional da fundação casa a disposição da escola.	Particularmente acho uma situação difícil, porém, não é impossível. Concorro que excluí-los não é solução mas não estou preparada para lidar com esta situação. Como mãe faria o possível para ajudá-lo, mas na sala de aula precisaria de mais recursos.
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?			
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	Não	Não	Não
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	Não	Não	Não
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	Sim	Sim	Sim
	Observação na questão 8			
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Auto estima baixa, indisciplina, desinteresse e outros mais.	* Auto estima baixa; * Desinteresse; * Comportamento inadequado	Sofreram abusos e violência além daqueles relacionados ou conhecidos pela escola. São usuários de drogas.
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Não	Até o momento eu não sei e nem conheço algum caso que a escola foi positiva neste sentido.	Desconheço
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	* Psicólogos * Orientadores * Campanha * Cursos	* Psicólogos; * Orientadores; * Campanhas; * Cursos.	Eu acredito que a escola é um agente transformador, porém, tanto a escola quanto o professor tem que se preparar para esta nova etapa ou melhor desafio.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	Não	Não	Não
	Escritas no campo da questão 12			

Pesquisa de Campo					
Questões		Respostas	Professor B10	Professor B11	Professor B12
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?		Menos de um ano	Um ano	Menos de um ano
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:		Arte	Português e Inglês	Biologia
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?		Sim	Não	Sim
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?		Cada caso é um caso. Já tive alunos que não deram trabalho eram carente outros já vinha com uma indole um pouco difícil de lidar meio revoltados com a vida.	Não tenho, mas penso que é um direito deles previsto na Constituição Federal. E esse direito não pode ser negado. A presença deles tem a mesma importância da dos outros alunos. Com todos tenho que desempenhar bem meu papel de mediadora do conhecimento.	Um pouco conturbado devido a estrutura e acompanhamento desses alunos, que, de forma geral, apenas são jogados na escola sem organização e apoio especializado.
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?		A mesma coisa da questão 04.		
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?		Não	Sim	Não
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?		Não	Sim	Não
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?		Sim	Não	Sim
	Observação na questão 8				
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?		Falta de estrutura e afeto.		* Comportamento agressivo * Falta de Comprometimento com relação a atividade proposta. * Refratária a tentativa de aproximação.
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?		Muitos casos positivos quando você vai com cautela e tratam eles com carinho e dedicação.		Não posso responder com propriedade, devido ser a minha primeira experiência com alunos nessa condição.
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?		Trazer recursos com material pedagógicos e trabalhar projetos que se afaste da violência.	Levar para a sala de aula a ideia de convivência com o outro. Independente das condições que o outro se encontra, respeito, e solidariedade são importantes para reinserção social.	Monitoramento constante por parte da Fundação Casa nas escolas onde estão inserido esses alunos. (Colaboração, Cooperação e acompanhamento).
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?			Não	
	Escritas no campo da questão 12		Tratar com dignidade e respeito!		

Pesquisa de Campo				
Questões	Respostas	Professor B13	Professor B14	Professor B15
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	<input type="text" value="Dois a três anos"/>	<input type="text" value="Mais de três anos"/>	<input type="text" value="Um ano"/>
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Biologia/Ciências
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Para mim são alunos, assim como os outros, independente ou não de terem tido problemas com a lei, o tratamento é o mesmo para todos.		
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?		É de extrema preocupação e, também, prejudicial.	Penso sobre essa questão que como participantes da vida escolar desses alunos, deveríamos ser previamente comunicados e treinados para melhor atendimento aos mesmos. Assim como, estar preparado para eventuais problemas.
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Não"/>
	Observação na questão 8			* Nem sempre, mas há um pré-julgamento em todas as suas ações.
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Eu não diria que apresentam mais problemas, mas sim os mesmos problemas: desinteresse, indisciplina, dificuldade de assimilação, dentre outros.	Socialização, autoestima, ludicidade e etc.	
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	Com base na minha vivência, eu não tenho um exemplo único. Já tive alunos L.A. que apresentaram os mesmos problemas de alunos que não eram, porém acredito que a escola tem o papel de mostrar que todos são iguais e que todos devem usufruir de seus deveres e direitos. De forma a construir uma sociedade melhor!	Dos alunos que passaram algum tempo comigo, uma vez que nunca concluíram o ano letivo, não pude detectar nada neste sentido.	Houve um caso em que o aluno L.A. se mostrou bem interessado na vida escolar e em relação aos demais alunos, o mesmo acabou se destacando nas atividades desenvolvidas.
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Projetos que trabalhem valores como: Cidadania, respeito, humanidade e ...	Não creio em tal possibilidade.	Com citei na questão Nº 5, acho que deveria haver um aviso prévio e treinamento a todos os envolvidos na inserção do aluno que teve algum problema social.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Não"/>
	Escritas no campo da questão 12			

Pesquisa de Campo				
Questões	Respostas	Professor B16	Professor B17	Professor B18
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	<input type="text" value="Menos de um ano"/>	<input type="text" value="Mais de três anos"/>	<input type="text" value="Menos de um ano"/>
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	História	PA/PAA	Português
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Não"/>
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?			Temos que tratá-los com muito respeito e dignidade e ajudá-los a se sentir bem na sala de aula para eles também te respeitar e voltar a ser cidadãos e de repente ser tratados como pessoas de bem na sociedade.
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	São alunos sem direção, sem perspectiva de futuro.	Resocialização direito e dever da escola em cumprir seu papel neste processo.	
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text" value="Não"/>
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>	<input type="text" value="Sim"/>
	Observação na questão 8			
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?	Muitos com problemas familiares, vícios como drogas, vivem na miséria. Sem apoio da família, sem base	A aceitação sem medo.	Eles intimidam, falam que já foram da fundação casa e etc.
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?	A escola, oferecia, eventos com musicos e brincadeiras, isso foi no Pimentas IV.	Em nenhum.	
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?	Preparar Gestores e Professores, para ajudar a reinserção social.		A preparação da escola e professores para reinserção social deles.
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?	<input type="text" value="Não"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	Escritas no campo da questão 12			

Pesquisa de Campo			
Questões		Respostas	
		Professor B19	Professor B20
1	Há quanto tempo leciona nesta escola?	Mais de três anos	Mais de três anos
2	Disciplina que leciona ou atividade que desenvolve:	Auxiliar de Matemática	Língua Portuguesa e Língua Inglesa
3	Tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa?	Não	Não
4	Se não tem ou não teve, responda apenas a esta questão: O que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?	Vi escolas que colocam os L.As todos juntos formando uma sala de piores alunos se a escola colocasse esses alunos divididos nas melhores salas, com os melhores alunos, talvez teria um resgate. Fora isso não forma cidadão e continuam como marginais.	A escola é para todos mas mediante a um treinamento específico.
5	Se tem ou teve alunos vindos da Fundação Casa, responda, por favor, à questão acima, ou seja, o que pensa a respeito da presença destes alunos na escola?		
6	Com base em suas vivências, julga que as escolas estão preparadas para receber estes alunos?		
7	Com base em suas vivências, julga que professores estão preparados para receber estes alunos?		
8	Com base em suas vivências, julga que estes alunos apresentam mais problemas que os demais?		
	Observação na questão 8		
9	Se respondeu sim à questão anterior, poderia indicar que tipos de problemas estes alunos apresentam que são diferentes dos demais alunos?		
10	Com base em suas vivências, pode apontar algum caso ou alguns nos quais percebeu que foi muito positivo o papel da escola e o seu papel na reinserção de algum ou alguns destes alunos?		
11	Pode sugerir algo que julga que poderia ser feito nas escolas para auxiliar na reinserção social destes alunos?		
12	Permite que eu grave uma consideração sua sobre a presença destes alunos na escola?		
	Escritas no campo da questão 12		